

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURAS ROMÂNICAS



Volume 1

Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo

Apresentação e Edição Crítica de um Texto da Tradição Oral Transmontana

DAVID LUÍS CASIMIRO

MESTRADO EM ESTUDOS ROMÂNICOS
ÁREA DE LITERATURA ORAL E TRADICIONAL
2007

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURAS ROMÂNICAS



Volume 1

Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo

Apresentação e Edição Crítica de um Texto da Tradição Oral Transmontana

DAVID LUÍS CASIMIRO

Dissertação orientada pelo
Professor Doutor João David Pinto-Correia
e co-orientada pelo Professor Doutor José Camões
e apresentada à FLUL para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Românicos, Área de Literatura Oral e Tradicional

MESTRADO EM ESTUDOS ROMÂNICOS
ÁREA DE LITERATURA ORAL E TRADICIONAL
2007

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURAS ROMÂNICAS

Resumo

Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo

Apresentação e Edição Crítica de um Texto da Tradição Oral Transmontana
por David Luís Casimiro

A presente dissertação tem por objectivo, no âmbito do Teatro Popular Trasmontano, proceder à recolha e apresentação de diferentes versões do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, oriundas da aldeia de Urrós, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, seu estudo e a sua edição crítica, por forma a elaborar uma presumível reconstituição do texto que terá servido de roteiro à sua representação em Urrós.

PALAVRAS - CHAVE: TRÁS-OS-MONTES; TRADIÇÃO POPULAR; LITERATURA ORAL E TRADICIONAL; TEATRO POPULAR; REPRESENTAÇÃO.

Resumé

Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo

Présentation et Édition Critique d'un Texte de la Tradition Orale de Trás-os-Montes
par David Luís Casimiro

Cette dissertation a pour but, dans le cadre du Théâtre Populaire de Trás-os-Montes, procéder au recueil et présentation de différentes versions de l' *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, provenant du village de Urrós, commune de Mogadouro, district de Bragança, son étude et son édition critique, afin d' élaborer une présumée reconstitution du texte qui aura servi de base pour sa représentation à Urrós.

Mots – clé: Trás-os-Montes; Tradition Populaire; Littérature Orale et Traditionnelle; Théâtre Populaire; Représentation.

Índice (Volume 1)

Resumo	I
Índice 1	II
Índice 2	III
Índice de gravuras	IV
Agradecimentos	V
Introdução	1
Capítulo I - O Teatro Popular em Trás-os-Montes	5
Capítulo II - O <i>Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo</i>	21
1. Versões textuais recolhidas em Urrós: sua apresentação e identificação	22
A. Os testemunhos escritos	23
A.1. O manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro (1924) (Texto A)	23
A.2. A versão dactilografada de Manuel Francisco Fernandes (1989) (Texto B)	26
A.3. A versão manuscrita de José Francisco Ferreira (1971) (Texto C)	28
B. Os testemunhos Oraís (Textos D)	29
B.1. José Maria Fernandes (D1)	30
B.2. Fernando Augusto Alves (D2)	30
B.3. Gonçalo José Meleiro (D3)	31
B.4. Elisa de Jesus Gonçalves (D4)	31
B.5. José Maria Marta (D5)	31
B.6. José Maria Alves (D6)	31
B.7. José Maria Monteiro (D7)	32
B.8. Ana Maria Alves (D8)	32
2. Difusão geográfica na região transmontana: localização e cronologia	33
Capítulo III - A edição crítica do <i>Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo</i>	42
1. Apresentação do <i>Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo</i>	43
2. A Edição Crítica do <i>Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo</i>	64
Normas de Transcrição	65
Normas de Leitura	66
<i>A Criação do Mundo ou Princípio do Mundo</i> (edição crítica)	69
Capítulo IV – Conclusão	207
Bibliografia	1

Índice (Volume 2)

Índice 1	I
Índice 2	II
1. O manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro (1924) (Casco)	1
2. A versão manuscrita de José Francisco Ferreira (1971)	76
3. A versão manuscrita de Manuel Francisco Fernandes (1989)	149
4. Textos Orais	185
5. Texto manuscrito da cena entre Simeão e Maria, papel interpretado por José Joaquim Fernandes, em 5 de Maio de 1949	204

Índice de gravuras

Ilustração 1 – Representação cenográfica da autoria de Salustiano Augusto Ovelheiro. _____	13
Ilustração 2 - Representação cenográfica da autoria de José Francisco Ferreira (1ª parte). _____	13
Ilustração 3 - Representação cenográfica da autoria de José Francisco Ferreira (2ª parte). _____	14
Ilustração 4 – Representação cenográfica de <i>Le Mistère de La Passion à Valenciennes</i> (1547), segundo miniatura de Hubert Cailleau e de Jacques des Moelles (Biblioteca do Barão de Rotchschild). _____	14
Ilustração 5 – Representação do tablado em Urrós para o <i>Auto da Criação do Mundo</i> ou <i>Princípio do Mundo</i> , em 5 de Maio de 1949 (MOURINHO 1952: 12). _____	15
Ilustração 6 – As figuras entram no tablado, na representação de 1949. Vê-se um Anjo seguido de Nossa Senhora (MOURINHO 1952: 13). _____	15
Ilustração 7 – Ruína do curral pertencente à família Parra, em Urrós (Rua de Santa Cruz), onde se realizaram ensaios do <i>Auto da Criação do Mundo</i> ou <i>Princípio do Mundo</i> (vistas da fachada e do interior). _____	17
Ilustração 8 – Dois aspectos da população de Urrós durante a representação do <i>Auto da Criação do Mundo</i> , em 1949 (Acervo do Pe. António Mourinho). _____	18
Ilustração 9 – Planificação do espaço de representação do <i>Auto da Criação do Mundo</i> ou <i>Princípio do Mundo</i> , em 1924 e 1949, a partir do cruzamento de informações de Fernando Augusto Alves, José Maria Monteiro e do esboço cenográfico de Salustiano Augusto Ovelheiro (vide Ilustração 1) (Escala de 1/500). _____	20
Ilustração 10 - Planificação do espaço de representação do <i>Auto da Criação do Mundo</i> ou <i>Princípio do Mundo</i> , em 1971, a partir do esboço cenográfico de José Francisco Ferreira (vide Ilustração 2 e 3) (Escala de 1/500). _____	20
Ilustração 11 – Salustiano Augusto Ovelheiro e sua esposa, Justina da Ressurreição Preto. _____	23
Ilustração 12 – Alice Augusto Ovelheiro. _____	24
Ilustração 13 – José Maria Alves no papel do Anunciador (Mourinho 1952: 12). _____	32
Ilustração 14 – Aldeia de Urrós, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança. _____	36
Ilustração 15 – Moimenta da Raia. _____	36
Ilustração 16 – Localidades onde foi representada a Criação do Mundo ou o Ramo. _____	37
Ilustração 17 – Localização da freguesia de Santo António de Monfortes, no concelho de Chaves. _____	38
Ilustração 18 – Expulsão de Adão e Eva do Paraíso, no <i>Auto da Criação do Mundo</i> , em Urrós, em 1949 (MOURINHO 1952: 12). _____	48
Ilustração 19 – O Diabo e os diabretes levam Caim para o Inferno, em Urrós, em 1949 (Mourinho 1952: 12). _____	50
Ilustração 20 – Chegada dos Reis Magos. Representação do <i>Auto da Criação do Mundo</i> , em Urrós, em 1949. _____	58
Ilustração 21 – Diálogo entre o Diabo e a Inveja, na representação de 1949, em Urrós (MOURINHO 1952: 13). _____	59
Ilustração 22 – Os pastores comem as migas de leite e pão, vigiados pela Inveja e pelo Diabo - Urrós, 1949 (MOURINHO 1952: 13). _____	62
Ilustração 23 – Retábulo existente na Igreja matriz de Urrós, em que aparece representado o Arcanjo Gabriel. _____	63

Agradecimentos

Aquando da idealização do presente trabalho, resultante de uma investigação e consequente recolha e tratamento das mais diversas lengalengas, anfiguris, rezas, contos, romances e peças teatrais no âmbito da disciplina de Literatura Oral e Tradicional, leccionada pelo Professor João David Pinto Correia, senti a necessidade de dar voz activa a uma «tradição dramática», conforme se diz na aldeia de Urrós, não só pelo sentimento de «pertença» pelos laços paternos, mas sobretudo pela vontade de guardar a ligação aos tempos antigos, permitindo que personalidades anónimas ligadas ao povo pudessem reviver momentos de pura saudade ao recitarem os versos, que, segundo eles, constituíam o *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*. As inúmeras horas dispensadas, os quilómetros percorridos, os diversos registos anotados – áudio, vídeo e escritos proporcionaram uma visão mais ou menos planetária do surgimento, idealização e realização da presente peça de teatro. Desta forma, a recolha, a apresentação do texto e todo o seu mundo envolvente serão motivo de estudo nesta Dissertação de Mestrado em Literatura Oral e Tradicional apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Quero, neste momento, lembrar com gratidão todas as pessoas que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho fosse apresentado, dando a conhecer uma tradição que até aos anos 70 do século XX foi trabalhada e representada na nossa aldeia de Urrós.

Agradeço reconhecido ao Professor Doutor João David Pinto Correia pela sua competência académica e duto aconselhamento, tornando possível a elaboração desta dissertação, bem como ao Professor Doutor José Camões pela simpatia com que sempre acolheu as minhas dúvidas, pela sabedoria que utilizou na aparente simplicidade das suas explicações, e pelas horas dispensadas na orientação e na decodificação para a preparação da edição crítica do texto.

São também devedores de uma palavra de profunda gratidão: Fernando Augusto Alves, José Maria Alves, José Maria Fernandes, José Maria Marta, Gonçalo Maria Meleiro, Manuel Maria Monteiro, Elisa de Jesus Gonçalves, Ana Maria Alves, Manuel Pinto, José Joaquim Fernandes, Ana Albertina

Casimiro, Clara Maria Marcos Ferreira, Margarida da Ressurreição Marcos, Luís Carlos Marcos Meleiro e toda a família de Salustiano Augusto Ovelheiro, regente da comédia, pela disponibilidade na cedência do texto e confiança depositada para levar a cabo a tarefa de perpetuar e solidificar a vontade e memória de um dos principais mentores, se não o criador, deste texto popular.

São também de agradecer e louvar todos os habitantes de Urrós, pela excelente contribuição das valiosas informações que forneceram para a compreensão de uma estrutura teatral, que conduziu à reconstituição do possível roteiro das representações que ocorreram nos anos de 1924 e de 1949, e que correspondem em nossa opinião à noção de participação popular, veiculada por Garcia Lorca (1966: 1763): «un pueblo que no ayuda y no fomenta su teatro, si no está muerto, está moribundo; como el teatro que no recoge el latido social, el latido histórico, el drama de sus gentes y el color genuino de su paisaje y de su espíritu, con risa o con lágrimas, no tiene derecho a llamarse teatro, sino sala de juego o sitio para hacer esa horrible cosa que se llama ‘matar el tiempo’».

Uma palavra especial de agradecimento e de profunda gratidão ao colega e amigo Guilherme Filipe pelas horas dispensadas na troca de opiniões em redor de uma temática que lhe é muito cara, o Teatro e seus fazedores como Arte Global.

Finalmente, um agradecimento especial à minha Mulher e a toda a minha Família por tantos momentos que roubei ao seu convívio e pelo estoicismo com que acompanharam os meus longos momentos de recolhimento.

«O que é próprio do homem
não é tanto o mero acto de aprender,
mas sim aprender de outros homens, ser ensinado por eles».

Fernando Savater, *O Verdadeiro Valor de Educar*

«Embora muitas pessoas digam que não,
sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo.
O que é preciso, para os ver,
é que os olhos não percam a virgindade original
diante da realidade, e o coração, depois, não hesite».

Miguel Torga, *Um Reino Maravilhoso* (Trás-os-Montes)

Introdução

Consideramos um contributo importante para este trabalho a nossa vivência, desde tenra idade, num ambiente popular em que proliferavam cantigas, rezas, contos e romances, cantados e falados, cujos relatos ouvimos durante as actividades agrícolas, como a vindima ou a colheita da azeitona, a principal fonte de subsistência local. Imbuídos no que consideramos ser a «predisposição natural da gente», desde logo percebemos que a «tradição», enquanto conceito dinâmico equivalente a uma pedagogia de aprendizagem afim do senso comum, seria a principal chave para aceder a um espólio significativo, perpetuado por pessoas, como a tia Ana Albertina, que, durante o trabalho árduo do campo e em comunidade, faziam soar o canto melódico de um qualquer romance, ou de partes significativas de textos baseados em recordações vividas, cuja transmissão geracional ganhava forma e conteúdo extraordinários.

Anos mais tarde, aquando do contacto com o Professor Doutor João David Pinto Correia, docente da disciplina de Literatura Oral e Tradicional da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, todos os momentos vividos durante a infância foram reunidos com o objectivo de realizar uma recolha no âmbito da Literatura Oral e Tradicional.

Os momentos que dedicámos à observação e acompanhamento das tarefas agrícolas foram determinantes para a identificação dos vestígios que nos levaram à descoberta de partes significativas de um texto, cuja produção e realização marcaram um momento particular no quotidiano dos habitantes de Urrós. Deste modo, surgiu a recolha que ora apresentamos sob a forma de dissertação de Mestrado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

É nosso principal objectivo contribuir, ainda que de forma modesta, se considerarmos a complexa investigação que esta área reserva, para o estudo do teatro popular português com a apresentação, transcrição e análise do casco do *Auto da Criação do Mundo ou do Princípio do Mundo*, encontrado no

ano lectivo de 2002/2003, na aldeia de Urrós ⁽¹⁾, concelho de Mogadouro ⁽²⁾, a par de duas outras versões: uma dactilografada ⁽³⁾ e outra manuscrita ⁽⁴⁾.

Expusemos o material recolhido ao Prof. Doutor João David Pinto Correia, com o intuito de estudar a sua origem, funcionamento e realização cénica. Para que conseguíssemos compreender a amplitude deste fenómeno cultural, tornou-se necessário proceder a uma posterior recolha de outras referências orais (lengalengas, romances, rezas, anfiguris, contos e composições «a propósito» do quotidiano local) de quem, directa ou indirectamente, tivesse tido conhecimento da representação do *Auto da Criação do*

¹ Segundo Amadeu Ferreira (*Jornal do Nordeste Transmontano*, 01.04.2003: 5), «l'antigo nome de Urrós era Urrolos i ye assi que inda aparece nas Anqueriçones de D. Afonso III (1259). La palabra Urrolos bem de l lhatin Orriolus que ye un diminutibo de Orrius que quier dezir sítio adonde se guardan las colleitas, celeiro, bodega etc. Ne l numeramiento de 1527 aparece cula forma Hurros, andicando la perdida de l antrebocálico». A designação de «Ruolos», segundo Carlos Ferreira (2003: 561-562) «solo se mantubo an Sendin, sendo que nas outras terras de Miranda se diç Urrós, que ye la forma pertuesa atual. Las personas que móran an Ruolos inda hoije se cháman a eilhas mesmas Rolezes, l mesmo se passando culas aldés al redror, l que andica que tamien ende yá se ousou la palabra Ruolos». De qualquer modo, o topónimo Urrós deriva do facto de a freguesia se encontrar assente numa pequena chã de vales pequenos, com pouco declive, entre duas ribeiras. As Inquirições de D. Afonso III fazem alusão a esta localidade, como pertencendo «a vilãos herdadores», independente da Coroa. No reinado de D. João III, o Cadastro da população do reino, em 1527, referia que Urrós integrava o termo de Algozo, com noventa fogos e cerca de duzentos moradores. As suas demarcações foram estabelecidas em 1684. Devido à sua posição fronteiriça, foi vítima das constantes disputas entre portugueses e castelhanos. Pinho Leal (1882: 22) refere que «a gente da freguezia, pella sua vezinhança com a Galiza, falla mais gallego que portuguez. Mas nem por isso detesta menos os gallegos, do que os arraianos portuguezes».

² O concelho de Mogadouro situa-se no distrito de Bragança entre as bacias dos rios Douro e Sabor, num planalto situado a cerca de 700 metros de altitude, confinando, a leste, com Espanha. Por razões de ordem morfológica, apresenta Invernos rigorosos e Verões de calor sufocante. Proliferam o carvalho negral, o azinheiro, o sobreiro e o zimbro. O Parque Natural do Douro Internacional – em que o concelho se insere – possui espécies venatórias, como o lobo e a raposa, entre outros, e espécies cinegéticas, como a águia real, o gavião, o mocho, a coruja, a gralha, o melro azul, o estorninho, a tordeira, o pombo bravo e a cotovia. A origem do concelho remonta ao período Neolítico, tendo sido encontrados vestígios arqueológicos compostos por antiguidades, moedas, restos de cerâmica e mós circulares. Devido à fertilidade dos solos Transmontanos, a região «justificaria a existência de um celeiro régio em Penas Róias, antes de ter sido entregue ao Templo. D. Vicente de Mogadouro afirma que sabe que Penas Róias foi do rei *et ibi maiordomum domni regis et facere ibi celarium*» (*Portugalia Monumenta Historica: Inquisitinos: p. 1297/2*).

³ Trata-se do texto de Manuel Francisco Fernandes.

⁴ Trata-se do texto de José Francisco Ferreira.

Mundo ou Princípio Mundo, ocorrida na eira ⁽⁵⁾ da aldeia, durante o mês de Maio.

Procedemos ao registo áudio e escrito, por forma a ordenar as diferentes informações e a estabelecer relações espaço-temporais e organizacionais entre elas, uma vez que verificávamos disparidades, de cada vez que comunicávamos com os informantes que, de alguma forma, recordavam as representações ocorridas em Urrós. Após este estudo preliminar, demo-nos, todavia, conta de que, durante o trabalho de campo, os versos foram adquirindo ou, pelo menos, foram-se aproximando da estrutura formal que terá estado na origem da versão representada. Assim sendo, procurámos seguir as pistas que nos conduzissem a uma correspondência entre o testemunho oral e o casco, o manuscrito do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*. O testemunho de Fernando Augusto Alves ⁽⁶⁾, registado em noite de Inverno junto à lareira, tornou patente a existência de duas datas credíveis da sua representação, a 4 de Maio de 1924 (já referida no casco) e a de 5 de Maio de 1949 ⁽⁷⁾.

Este momento tornou-se crucial para a percepção da importância e da influência que a representação do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo* e de *A Comédia Doze Pares de França* ⁽⁸⁾ exercia nestas pessoas, cujo nível de literacia se apresentava baixo ou quase nulo.

A nossa investigação permitiu concluir que esta versão do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo* foi representada exclusivamente na aldeia de Urrós, entre os anos de 1924 e 1949. Testemunhos orais afirmaram que o Auto foi também preparado para ser representado no dia 5 de Maio

⁵ Trata-se de um terreno liso e duro, ou lajeado, onde se desgranavam e secavam os cereais (trigo, centeio e aveia), fruto das colheitas e principal meio de subsistência local.

⁶ Fernando Augusto Alves contava, em 2002, 68 anos e possuía, como habilitações literárias, o 2º ano do liceu. Residente em Urrós, em 1949, tomou parte na representação do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, interpretando o papel do Anjo. O seu testemunho revelou-se importante, visto que pronunciou, ainda que de forma aleatória, trezentos e setenta e três versos.

⁷ O Pe. António Maria Mourinho (1952: 15) refere que este auto se representou “por três vezes, sendo a última em 1949, de que [recolheu] algumas fotografias”. No Casco de Urrós surgem, a lápis na página 18a, as datas de 1924 e 1935. Deduzimos que neste último ano tenha ocorrido uma representação apesar da inexistência de qualquer registo oral.

⁸ Para além do *Auto da Criação do Mundo*, foi esta comédia representada em Urrós (BAPTISTA 2001: 61-74).

de 1971 ⁽⁹⁾, embora tal não tenha ocorrido, devido a incompatibilidades ideológicas entre os principais orientadores e à falta de actores.

Temos a noção de que o nosso estudo pode contribuir para a História do Teatro Popular em Portugal, registando por escrito este género de teatro do povo, facilmente sujeito à erosão temporal. Se, por um lado, as versões escritas terão tendência a desaparecer caso não sejam preservadas, por outro, a sua perpetuação oral, suportada exclusivamente pela memória popular, aumentará a probabilidade de existência de variações textuais ao longo de sequentes gerações. Sentimos, por isso, necessidade de começar pela fixação do texto considerado por nós como o principal, e proceder à recolha de outras versões existentes, que verificam alterações significativas consoante as diferentes proveniências. Procedemos, em seguida, a um estudo comparado dos diferentes textos - o manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro (1924) (Texto A), a versão dactilografada de Manuel Francisco Fernandes (Texto B), a versão manuscrita de José Francisco Ferreira (1971) (Texto C) e os testemunhos Orais (Textos D), recolhidos entre 2002 e 2003.

⁹ Possuímos a cópia do texto utilizado nesta representação, que apresenta alterações em relação ao original (anexo C).

Capítulo I - O Teatro Popular em Trás-os-Montes

O estudo do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, obra teatral popular, remete-nos para uma tradição, que, remontando aos primórdios da nacionalidade, se terá propagado de forma oral, verificando-se ainda a expressão da sua existência em zonas recônditas do interior do País, sendo a região de Trás-os-Montes um dos redutos dessa tradição, e depositária de versões inéditas, manuscritas ou dactilografadas, cujos suportes ostentam marcas de degradação física, devido em grande parte, ao desconhecimento da sua importância cultural, por parte daqueles que, na sua boa fé, os guardam religiosamente envoltos em papel de jornal, em esconsos cuja humidade acelera o aniquilamento destas obras da Literatura Popular.

Tal como chegou até nós, a tradição do Teatro Popular verifica a existência de um teatro anterior a Gil Vicente, tese defendida por autores como Teófilo Braga, José Leite de Vasconcellos, ou, mais recentemente, por António José Saraiva e Luiz Francisco Rebello, para quem “a partir do século XII, pelo menos, havia (...) teatro em estado de larvar” (REBELLO 1977: 31).

Uma das primeiras referências conhecidas, pela qual se induz a existência de representações teatrais em Portugal, na Idade Média ⁽¹⁰⁾, verifica-se em documento de 1193, assinado por D. Sancho I, em que se menciona a doação de um casal em Canelas de Poiares do Douro aos jograis Bonamis e Acompaniado como paga de um arremedilho ⁽¹¹⁾. Não sendo o seu conteúdo conhecido, importa aqui considerá-lo como um presumível jogo de actores, que induz a existência de um princípio de representação teatral, que estaria muito vulgarizado, segundo a menção de Duarte Gama no *Cancioneiro Geral*:

¹⁰ Tese discutível na opinião de Luciana Stegagno Picchio (1969: 19-37).

¹¹ «Tipo primitivo de teatro, de carácter satírico e jocoso, de origem medieval, que servia para imitar (arremedar) de forma grotesca as falas, os trejeitos ou a fisionomia de outras figuras. Havia jograis e jogralescas populares que, nas praças públicas e nas igrejas, representavam *arremedilhos*, também denominados de arremedos. As autoridades eclesiásticas viram-se na necessidade de proibir os *arremedilhos* representados nas igrejas, para evitar abusos que então se verificavam. Concorre com o entremez e o momo (mas deles se distinguindo) para a identificação de formas dramáticas primordiais do teatro português» (VITERBO 1916: 594-595).

Non ha hy, mays antremeses
no mundo onyversal
do que há en Portugal
nos Portugueses ⁽¹²⁾

Também os arremedos de Anrique da Mota, coligidos por Garcia de Resende no *Cancioneiro Geral*, de cuja representação se desconhecem relatos, manifestam a sua potencial teatralidade (REBELLO 1977:65), se entendermos que uma das características dos textos dramáticos é a sua estrutura dialógica e a existência de personagens.

As informações anteriores permitem-nos admitir a existência de uma actividade teatral profana, cuja origem, todavia, remonta a uma prática anterior de carácter religioso, produzida pela comunidade monástica, desde as tímidas formas do *Quem Quaeritis?* até às mais elaboradas moralidades, alegorias, hagiografias e autos sacramentais ⁽¹³⁾. Existem diversos manuscritos desta *Visitatio Sepulchri* que, na

¹² *Cancioneiro Geral*, Ed. Kaussler, Vol I, pp. 514-515, cit. por Fidelino Figueiredo (1944: 110-111).

¹³ Existe uma controvérsia sobre a origem do teatro em Portugal, devido a lacuna informativa que provoca um hiato temporal entre a *Representation de los Reys Magos* (séc. XII), os esboços dramáticos de Gomes Manrique (séc. XV) e a apoteose do teatro vicentino (séc.XVI). Luiz Francisco Rebello referindo-se “aos factos permanentes da cultura” rejeita a tese de que, antes de Gil Vicente, o teatro fosse desconhecido em Portugal; o investigador apresenta uma série de questões muito significativas e que são susceptíveis de reflexão. Não se compreende, segundo ele, que as manifestações dramáticas características da Idade Média – tanto de cariz religioso como profano -, comuns em toda a Europa não tivessem chegado ao extremo ocidental da península ibérica. Como é possível aceitar, e tendo em conta a interdependência cultural entre Portugal e Espanha (sendo o testemunho vivo o lirismo galaico-português) que os ecos do teatro medieval castelhano não tivessem chegado a Portugal? Como é possível explicar que as ordens religiosas, de cujo seio os mistérios e as moralidades emergiram, separando-se gradualmente do ritual litúrgico, ao implantarem-se em Portugal, não trouxessem consigo essas ideias? Como admitir que os jograis e trovadores não incluíssem no seu repertório a narração dialogada e mimada de episódios burlescos, ou inspirada nos livros hagiográficos e nos evangelhos, e que tanta popularidade havia alcançado em outros países da Europa? (REBELLO 1967: 17-18). Carreter (1976: 39-40) atribui uma importância aos textos produzidos pelos monjes da Ordem de Cluny: «[Conocedores] de las prácticas ultramontanas, quienes directamente, y sin el intermedio del tropo litúrgico latino, componen obritas religiosas en lengua vernácula, para reprimir, ordenar y canalizar los excesos profanos de los templos, a que se entregaban, por igual, fieles y clero [...] es de presumir que estas obras fuesen de muy poca calidad literaria, y de carácter nada progresivo, a juzgar por datos a que luego aludiremos. La pérdida de tales textos ha de deberse, como Donovan supone, a que quizá nunca escribieron: su transmisión, en muchísimos casos, debió de realizarse solo por vía oral. Los autos arcaizantes y conservadoras de León, poseen, con toda seguridad, este remoto origen».

realidade, mais não são do que ornamento litúrgico a partir dos Evangelhos como refere Castro Caridad (1997: 38):

[Se] cantan antífonas, responsorios, lecturas, la verbeta, graduales, el aleluya y todos los demás cantos que se ejecutan entre dos grupos de dos solistas vestidos con sobrepelliz. Después se realizará en el interior del templo la representación de las tres Marías a cargo de los miembros noveles del Cabildo. Los solistas, junto con la procesión de clérigos, han de organizar las tres Marías y el vendedor como está dispuesto en el tropario. Una vez finalizado todo, los solistas iniciarán el *Victime paschali laudes*, que cantarán mientras entran en lo coro. Allí se hará la representación de las Marías desde el sepulcro, cantando el verso *Sepulchrum*, puesto que la primera cantará el primer verso, la segunda el segundo y la tercera *Surrexit*; el ángel cantará *Dic nobis*, María, y después todo el coro responderá *Scimus Christum*. Una vez finalizada, el señor obispo o el sacerdote iniciará el *Te Deum laudamus*.

Assim sendo, a liturgia comportava já uma componente dramática, que envolvia os espaços, os objectos simbólicos, as vestimentas e as acções, sempre ou quase sempre acompanhadas de música e de gestos. Segundo Huizinga (1951: 38), «le culte est par conséquent un spectacle, une représentation dramatique, une figuration, un substitut de réalisation. Les jours de fêtes saintes, qui reviennent avec les saisons, la communauté célèbre par les spectacles sacrés les grands évènements de la vie de la nature».

O carácter didáctico da prática teatral religiosa na Idade Média tinha como objectivo veicular a mensagem cristã, sendo principal destinatário um público analfabeto que contemplava reverente a teatralização dos passos bíblicos, que fundamentavam a compreensão do ciclo da vida: Nascimento, Morte e Ressurreição. Qual criança que consegue “ler” uma história, pela contemplação de uma narrativa desfolhada em imagens “aos quadradinhos”, assim o público medieval participava do fenómeno agonístico cristão no interior da igreja ⁽¹⁴⁾. A ideologia religiosa fundamentada na fé manifestava-se por actos de culto em cerimónias religiosas públicas, nas quais a crença se misturava com a superstição em formas de comportamento pagão.

A secularização do objecto teatral litúrgico fez despertar uma espécie de contra-cultura popular crítica em relação ao próprio clero, patente no sermão jocoso, possivelmente inspirado na veemência eloquente de alguns prelados considerados excessivos. Supostamente surge, por isso, a necessidade de

regulamentação da prática teatral, tal como se verifica nas Constituições Sinodais de Portugal, que proíbem a popularização da matéria religiosa e a profanação dos rituais sagrados ⁽¹⁵⁾. Esta prática persistiria nos séculos XVII e XVIII na diocese de Miranda, e na de Miranda-Bragança, nos séculos XVIII e XIX (MARTINS 1950: 275-278).

Embora o poder religioso contasse com o apoio do poder temporal, algum contra-poder terá havido para que as proibições exercidas sobre os autos não tenham sido absolutas. Em 1538, o Bispo do Porto, cedendo à pressão popular, autoriza a realização de um Auto durante a procissão do *Corpus Christi* ⁽¹⁶⁾ (GEFAC 2002: 24-27).

Parece-nos que este fenómeno normativo se torna no epicentro de uma bipolarização teatral nas suas vertentes erudita, representada pelos textos litúrgicos dramatizados, e popular, conforme explicita Arnold Hauser (1973: 351-352):

[Quando] o Ocidente foi conquistado pelos bárbaros e os teatros caíram em ruínas, os actores de mimo voltaram a ser os malabaristas, os acrobatas e os mágicos que tinham sido originalmente. Davam as suas representações em tavernas e em praças públicas. A Igreja opunha-se a este tipo de representações. Na Idade Média, permaneceram dois géneros de teatro, tal como no mundo clássico. Houve um teatro não literário dos actores

¹⁴ O modesto tropo natalício descoberto num breviário do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (séc XIV) por Solange Corbin pode ser um manifesto escrito dessas representações: *Pastores, dicite quidnam involutum, et choros angelorum laudantes salvatorem* (Ms 1151 da Biblioteca Municipal do Porto, cit. por CORBAIN 1952: 294).

¹⁵ Ficavam proibidas as cerimónias populares que colocassem em questão o dogmatismo da Igreja; «Bispos e arcebispos esclareciam que nem tudo era proibido: que não se devia dançar nas Igreja nem usar máscaras profanas mas tão só efectuar, boas e devotas representações, como a do presépio, a dos Reis Magos ou outras da mesma natureza» (PICCHIO 1969: 28). Acerca das proibições dos Sinodos confrontem-se os seguintes autores: Alberto F. Gomes, *Autos e Trovas de Baltazar Dias*, Funchal, 1961, pp. XXIV e ss; Teófilo Braga, *Gil Vicente e As Origens do Teatro Nacional*, Porto, 1888, pp. 1-17, e *História do Theatro Portuguez*, I, pp. 4 e ss; Mário Martins, *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956, pp. 505-510.

¹⁶ Embora instituída pelo Papa Urbano IV, em 1264, foi João XXII (1316-1334) quem ordenou que as festas do *Corpus Christi* se comemorassem com procissões eucarísticas. Segundo Stegagno Picchio (ob. cit.: 25-37), «em toda a área ibérica, aparecem documentos antiquíssimos que atestam o costume de animar a procissão do *Corpus Christi* com jogos espectaculares que, em Castela teriam originado a gloriosa tradição dos autos sacramentais. Em Portugal, em Alcobaça, a procissão era celebrada pelos monges da Abadia e também entremeada com certeza de “jogos” dramáticos, visto que entre as compras do abade para a função, em 1435, encontramos máscaras de diabos, apóstolos e anjos, bem como asas, diademas, barbas e perucas e até uma grande chave destinada a S. Pedro».

mímicos não interessados em valores «superiores» e o drama religioso, que se desenvolveu a partir da liturgia e se manteve dependente da Igreja ⁽¹⁷⁾.

Na região de Trás-os-Montes, o teatro de carácter litúrgico parece ter sido cultivado e perpetuado por razões de ordem política, económica, sócio-cultural e geográfica. A informação recolhida em documentos históricos leva-nos a constatar que esta região funcionou como baluarte na defesa da nacionalidade, e como celeiro do próprio reino pela riqueza dos seus solos ⁽¹⁸⁾. O forte pendor eremitário que se fez sentir nesta região, com o apoio do poder político e religioso ⁽¹⁹⁾, contribuiu para atrair populações, fomentar a consequente abertura de vias de comunicação entre agregados populacionais, cuja maioria se encontrava na dependência de conventos próximos, e motivar a criação de capelas e novas casas religiosas (MATTOSO 1972: 7-40) ⁽²⁰⁾.

No início do século XII regista-se uma maior movimentação na região entre Douro e Minho, junto das zonas de recente povoamento ⁽²¹⁾, cuja tónica se centra no espírito de peregrinação aos principais centros de culto da Cristandade: Terra Santa, Roma e Santiago de Compostela. Este último local de peregrinação marca um dos capítulos mais relevantes na história espiritual, dado que os peregrinos

¹⁷ Cfr. também a este propósito G. Boiadzniev, A. Ignatov e A. Dzhvelegov (1960: 19 e ss). e Louis Reau, *Iconographie de l' Art Chrétien* (1955 :258-265).

¹⁸ Seria a grande quantidade de cereal que justificaria a existência de um celeiro régio em Penas Róias, antes de ter sido entregue ao Templo D. Vicente de Mogadouro, afirmando que Penas Róias foi do Rei *et ubi anbulare maiordomum domni regis et facere ibi celarium* (P.M.H, Inq. p. 1279/1).

¹⁹ D. Dinis, em 25 de Maio de 1297, voltaria a beneficiar os templários da região, doando-lhes, com o consentimento da Sé de Braga, todos os direitos «ecclesiarum Sancti Mametis de Mogadoyro et sancte Marie de Pena Royas cum suis capellis et cum suis hermitagiis et cum omnibus iuribus ac pertinentiis suis» (*Chancelaria de D.Dinis*, Lv. II, fl.CXXXVIIv-CXXXVIII, e *Livro de Mestrados*, fl. XXV-XXVv).

²⁰ A este respeito confronte-se também a opinião de Joaquim Veríssimo Serrão (1995: 215-225).

²¹ «Statuo et concedo et mando ut civitas Egitanensis quae a longissimus temporibus (...) propter hostilitatem Sarracenorum captivata ab hostibus non potuit consurgere; licet pater meus et avi mei clarae memoriae ad id operam dedissent populetur et reedificetur cum omni onere suo (...) concedo vobis magistro Vincencio (...) ut populetis illam cum populo et clero» (VITERBO 1916: 298).

palmilhavam os vários caminhos santos da península ibérica, como demonstração de fé de uma população fortemente marcada pelo ideal cristão (MARTINS 1957: 19).

Na região transmontana cruzam-se os caminhos ⁽²²⁾ que transportam uma tradição que se revela em diversas formas ideológicas (rituais, teatro, poesia, danças e cultura em geral). Segundo Rodrigues Lapa (1982: 119-140), ao defender uma influência litúrgica nas cantigas paralelísticas cantadas pelos romeiros de Compostela, que traziam nos ouvidos o agudo e o grave do badalar dos carrilhões, som que alternava com a prece dos fiéis, como se fosse o refrão, e que depois se procurou imitar nos cantares do povo, o homem procurava a harmonia e o equilíbrio entre si e a natureza que o rodeava. O teatro cumpria assim essa função social de harmonização. Oferecendo-se em espectáculo o homem tornava-se um “actor”, como refere León Moussinac (1972: 7-8):

[A] investigação das origens do teatro deve ser realizada, sem dúvida, no *animismo* e na *magia* (...) O homem imita por utilidade, e a primeira imitação é sem dúvida a do animal que tem necessariamente de matar. Em redor do fogo, onde a horda se reúne, as sombras facilitam o mistério; o movimento das chamas convida o corpo a dançar, enquanto sobre as faces os reflexos modelam uma máscara, um homem serve-se então do seu corpo para comunicar com o grupo e os seus movimentos criam a primeira linguagem. Este jogo *mimético* é já teatro.

Com proveniência distinta, em Trás-os-Montes, foram recolhidos textos que evocam reminiscências dramáticas de outros tempos ⁽²³⁾, quer do teatro profano, quer do teatro religioso

²² Desde o século XI, milhares de romeiros, oriundos das diversas paragens da Cristandade, percorriam anualmente o caminho do Noroeste Peninsular para ali prestarem culto ao *Apóstolo dos Espanhóis* (MARTINS 1957: 126-128). Por isso, a Galiza surge como o término de uma longa cadeia de fervor religioso (*Idem*: 7-40). Muitos autores medievais referem Santiago de Compostela como a Roma Ocidental; das terras Germânicas, os peregrinos rumavam aos Pirinéus, seguindo pela designada “Estrada de Santiago”, o itinerário franco-espanhol dos romeiros do norte. Em Portugal, no século XIII, os itinerários de Santiago surgem delimitados. O primeiro partia de Lisboa em direcção a Coimbra, passando por Santarém e Alcobaça, e seguia depois para o Porto, rumo a Braga; o segundo ligava as Beiras com Braga, bifurcando-se após a travessia do Douro, quer em direcção ao Minho, quer a Chaves; o terceiro, exclusivo de Trás-os-Montes (*Chancelaria de D.Dinis*, fl. XCVv – XCVlv), servia os peregrinos em direcção a Chaves, rumando em seguida para Orense, ou então, perseguindo pelas longínquas paragens da serra do Bouro, até à Metrópole da Igreja portuguesa (SERRÃO 1974:14-15).

²³ O *Auto da Paixão*, o *Auto de Santa Genoveva*, ou o *Auto de Santa Bárbara*, entre outros, evocam Gil Vicente e a sua escola, ou a chamada literatura de cordel. Textos como o *Auto do Renegado de França*, *Auto do Renegado de Carmona*, ou a *Esmeralda do Jordão*, são traduções do espanhol. De autoria popular local, foram recolhidos textos versando temas inventados, ou baseados em factos ocorridos (*A Pintura de São Brás*, *O Capote*, *O Auto da Pastora*, *O Auto da Criação do*

medievais ⁽²⁴⁾, em que se verifica, como o culto litúrgico, uma noção ritualística ⁽²⁵⁾, visível no seu modo de representação ⁽²⁶⁾, tal como se verificava já no próprio entremez representado por ocasião do *Corpus Christi*, segundo Asensio (1965: 20). Em Trás-os-Montes, em meados do século XX, a personagem do “Tonto” segurava uma “pelota” ⁽²⁷⁾, tal como o seu antepassado francês (*Sot*), do final do século XV e início do século XVI, ou os seus parentes culturais na Alemanha (*Narr*) ou em Inglaterra (*Fool*).

As datas de representação dos entremezes correspondiam a dois momentos importantes na vida dos cristãos: o Natal e a Páscoa, o Ciclo da Natividade e o Ciclo da Paixão, respectivamente. Muitos dos rituais primitivos encontravam-se associados às festividades referentes ao Ciclo da Primavera (a tradição do Carnaval perde-se no tempo) e aos rituais agrícolas. Por ocorrer durante o mês de Maio, o palco onde

Mundo), ou em histórias lidas (*A Confissão do Marujo*, *Entremez de Jacobino*, *A Vida Alegre do Briosso João Soldado*, *Verdadeira Tragédia do Roberto do Diabo*, *Os Doze Pares de França*). João Bernardo, de Angueira, António Delgado, de Cicouro, Basílio, de Vilar Seco, José Abílio, de Infanes, Augusto Cordeiro, da Póvoa, António José Marcos e Salustiano Augusto Ovelheiro, de Urrós, encontram-se entre os autores populares locais que compuseram ou adaptaram textos dramáticos.

²⁴ «Dans l'histoire du théâtre médiéval d'Occident, il faut distinguer deux phases très nettes: le drame liturgique et les Mystères. Le drame liturgique, qui n'est qu'une liturgie dialoguée, se jouait dans l'intérieur de l'église et en latin. Les acteurs étaient les prêtres eux-mêmes. Ils se partageaient les rôles d'hommes et de femmes: c'est ainsi que le rôle des sages-femmes (obstétriciens) de la Nativité était tenu par deux prêtres en dalmatique, celui des Saintes femmes au Sépulcre par trois jeunes diacres. Le théâtre des Mystères se passait au contraire en plein air sur le parvis et il était joué par des laïcs en langue vulgaire. On croit que le théâtre des Mystères a été appelé parce qu'il illustre les deux mystères essentiels du Christianisme: l'Incarnation et la Résurrection, le premier en liaison avec l' Office de Noël, le second avec l' Office de Pâques» (REAU 1995: 258-265).

²⁵ «[A] liturgia servindo-se dos textos bíblicos, fazendo reviver os principais acontecimentos da vida de Cristo, veicula os mistérios, acompanhando o ano solar ao ritmo das estações. Dirige-se não só a alma como os sentidos: diz respeito aos olhos e ao ouvido. Assim a liturgia não é só a palavra, ela é acção mas acção sagrada, não só em razão da sua origem como do seu fim. Ligada à existência humana ela tem em conta os sentimentos dos homens, a sua maneira de viver segundo as épocas e os climas» (DAVY 1965: 170-197).

²⁶ Do que apurámos na região, estas representações eram exclusivamente masculinas, como se verifica pela distribuição de personagens e intérpretes existente no manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro, um facto que não deixa de evocar as Constituições Sinodais medievais proibindo a participação de mulheres. Apenas na representação de 1971, em Urrós, que não chegou a realizar-se, se atribuíram os papéis femininos a mulheres.

²⁷ Bola feita de corda de lã, presa por um cordel à extremidade superior de um pau com cerca de 50 cm de comprimento, que, por vezes, se apresentava esculpido.

se realizava a representação do *Auto da Criação do Mundo* ou do *Princípio do Mundo*, em Urrós, soía ser pejado de flores naturais.

A própria cenografia deste espectáculo parece-nos apresentar características reminiscentes das representações medievais. Em Urrós, encontrámos duas pranchas com representação cenográfica do *Auto da Criação do Mundo* ou *Princípio do Mundo*.

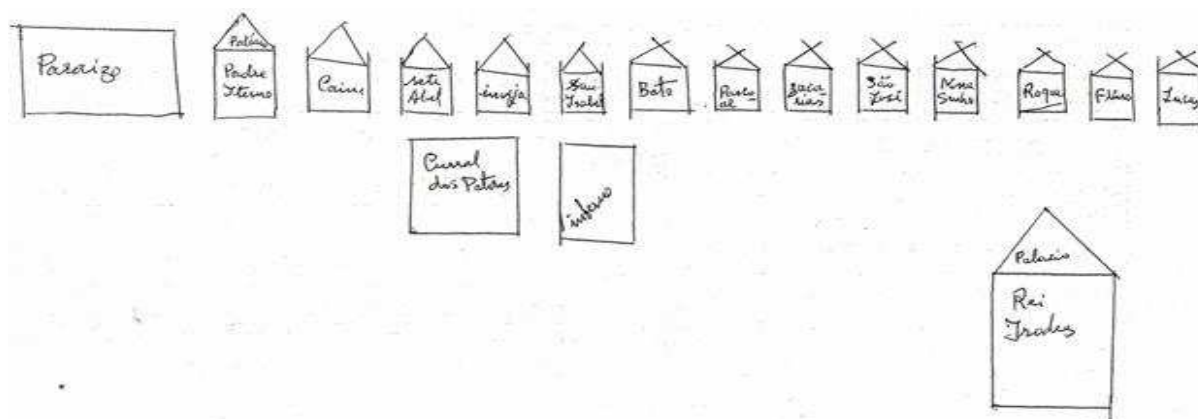


Ilustração 1 – Representação cenográfica da autoria de Salustiano Augusto Ovelheiro.

Na primeira, presumivelmente respeitante aos anos de 1924 e de 1949, da autoria de Salustiano Augusto Ovelheiro, evoca-se rudimentarmente uma sequência de 17 “mansões”, que correspondem ao número das personagens com maior relevo no Auto, principiando com a mansão do “Paraízo” e terminando com a do “Palácio do Rei Irodes”. Na segunda prancha, respeitante a 1971, o seu autor, José Francisco Ferreira, ainda que seguindo o traçado geral da anterior, apresenta variantes na ordem sequencial das “mansões”, além de introduzir a noção de uma divisão formal do Auto em actos.

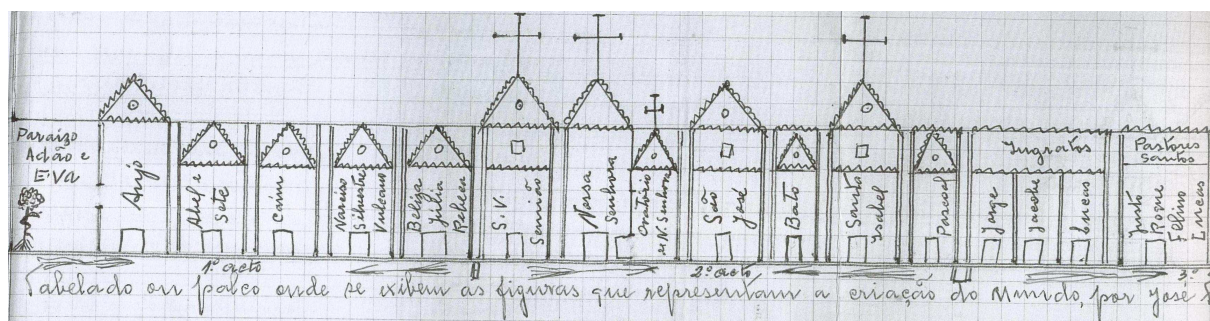


Ilustração 2 - Representação cenográfica da autoria de José Francisco Ferreira (1ª parte).



Ilustração 5 – Representação do tablado em Urrós para o *Auto da Criação do Mundo ou Príncipe do Mundo*, em 5 de Maio de 1949 (MOURINHO 1952: 12).

Na aldeia de Urrós, sobre o tabuado ou tablado (²⁸), construído com tábuas cedidas por populares locais, que no final da função as recuperavam (²⁹), erguiam-se as “mansões” transmontanas, estruturas armadas em ripado de madeira, com cobertura de colchas e mantas, igualmente cedidas para a representação.



Ilustração 6 – As figuras entram no tablado, na representação de 1949. Vê-se um Anjo seguido de Nossa Senhora (MOURINHO 1952: 13).

²⁸ Deste modo se designa em Trás-os-Montes o palco.

²⁹ Esta necessidade de partilha era motivada pelos fracos recursos económicos da população, conforme referiu o informante Fernando António Alves, de Urrós.

A população local participava duplamente do espectáculo, enquanto patrocinadores da cenografia e como actantes desta “Via-sacra” (30), expressando assim a sua religiosidade através do seu fervor comunitário (31).

A figura do “Regrante”, o regente, possuía, então, uma função dual, como organizador do evento e como autor do texto. Era, portanto, da sua competência reunir os materiais necessários à cenografia, seleccionar os intérpretes e dirigir os ensaios.

Em cada semana, o Regrante, coadjuvado por dois homens, “participava” no ofício dominical, colocando-se ao fundo da igreja, em local propício à observação dos fiéis, que, entregues à devoção, se encontravam alheios ao “*casting*” a que estavam a ser sujeitos. Posteriormente, no adro da igreja, à saída da missa, o Regrante convidava quem lhe havia parecido corresponder às características necessárias à interpretação dos diferentes papéis do Auto. Elaborado o “elenco”, prosseguia-se com os ensaios, que duravam aproximadamente meio ano, e se realizavam em curral cedido por um proprietário local abastado, previamente escolhido pelo Regrante. O espaço relativamente amplo permitia a construção de uma réplica mais pequena do palco, sobre o qual eram “marcados” os episódios constantes do auto.

³⁰ Na foto anterior, identificam-se os informantes Fernando Augusto Alves (Anjo) e José Joaquim Fernandes (Nª Senhora).

³¹ Ainda hoje, em Valência (Espanha), a representação de *El Misterio de Elche*, drama musical sagrado sobre a Morte, Ressurreição e Coroação da Virgem, testemunho vivo do teatro religioso europeu da Idade Média e da Cultura Medieval da devoção à Virgem Maria, congrega a participação de cerca de 300 pessoas da população local. Apesar das proibições do Concílio de Trento, esta obra foi sendo representada ininterruptamente, sendo considerada como uma peça chave do teatro religioso europeu de origem medieval. Tem como fundamento os relatos tradicionais transmitidos por via oral no início do cristianismo e que a partir do século IV foram transcritos nos Evangelhos Apócrifos, que recolhem passagens da vida e morte de Jesus Cristo e da sua Mãe, que não aparecem nos evangelhos canónicos. Escrito em valenciano, o texto apresenta partes em latim de tipo monódico (www.festivalmedieval.com – 27.10.2007).

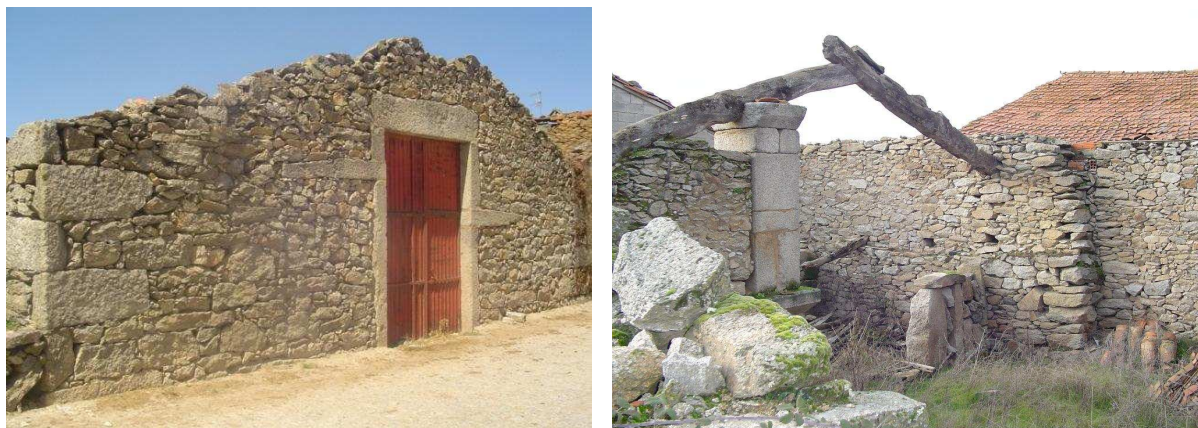


Ilustração 7 – Ruína do curral pertencente à família Parra, em Urrós (Rua de Santa Cruz), onde se realizaram ensaios do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo* (vistas da fachada e do interior).

Assumindo o papel de ensaiador, o Regrante trabalhava com os seus curiosos dramáticos a elocução específica de cada personagem, expressa num tom laudatório excessivo, a que se associava uma amplitude gestual. A utilização desta prosódia no espectáculo não reflectia apenas a tradicional característica da declamação amadora, mas pretendia coadunar-se com a realidade sonora do espaço físico da eira da aldeia, onde se representava o auto ⁽³²⁾. Também a gestualidade era trabalhada de forma exaustiva em rigorosa linguagem de signos teatrais codificados.

A concepção plástica da representação reflectia naturalmente a imagética observável no interior da igreja, segundo os modelos da santaria e dos retábulos. O guarda-roupa do Auto, segundo padrões tipificados, era executado pelos habitantes da aldeia, conforme nos referiu o informante Fernando Augusto Alves, ainda que, em 1949, outros informantes tenham revelado que parte do guarda-roupa de maior sofisticação, haja sido alugado num estabelecimento próprio da cidade de Braga ⁽³³⁾.

Foi neste panorama variado, múltiplo e complexo, que a representação do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, teatro do povo e para o povo, se repetiu até à década de 1970.

³² Em outras aldeias de Trás-os-Montes a representação cénica seguia parâmetros idênticos.

³³ Ainda na actualidade é vulgar o aluguer de guarda-roupa específico (de anjos, santas e santos) para a participação em procissões religiosas, como pagamento de promessas.

[A] tradição e o hábito dos mirandeses vinham (...) numa tradição de representações de ruas e praças em Zamora, Salamanca e Valladolid, – sobretudo Zamora – que nos é citada no fim do século XIII – e a que os mirandeses assistiam por devoção aos mistérios celebrados – os maiores do ano – Auto da Paixão e Ressurreição – e acorriam a pé, por penitência, por mera devoção ou simples curiosidade de presenciar e ver para voltar e depois contar (...) aos que ficaram. É de tradição os mirandeses passarem na barca do Douro ou na Senhora da Luz a caminho de Zamora, às feiras e romarias e de caminho traziam roupas para vestir, ferros para a lavoura e alimentos ⁽³⁴⁾.



Ilustração 8 – Dois aspectos da população de Urrós durante a representação do *Auto da Criação do Mundo*, em 1949 (Acervo do Pe. António Mourinho).

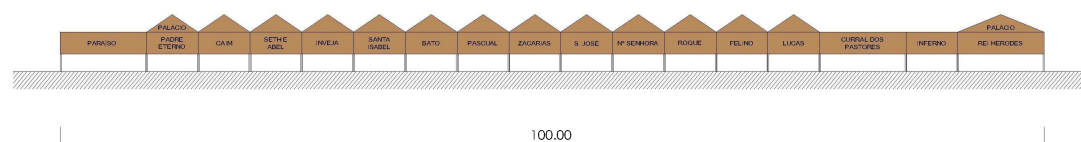
Foi porventura a predisposição natural da gente trasmontana de Urrós que perpetuou a tradição teatral local, assimilando o legado cultural herdado, e transformando-o, segundo as características próprias das épocas em que foi vivida. Se o romance transmitido por via oral sofreu as alterações inerentes à fragilidade do suporte – a memória - que o veiculou, esta literatura dramática popular chegou até nós de forma fragmentada, em versões de textos originais e variantes dos mesmos.

Numa perspectiva de fixação textual, dado que os veículos de transmissão, quer impressos, quer orais, se encontram em risco de perda, pareceu-nos necessário prestar atenção aos autores apelidados de menores. Dado que a compreensão da história das instituições passará pela análise dialéctica de diferentes perspectivas, nas quais se enquadra a chamada contra-história, propusemo-nos recolher as diferentes versões do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo* ⁽³⁵⁾, fazer o seu estudo e a sua

³⁴ António Maria Mourinho, citado por António Bárbolo Alves (2005: 377-391).

³⁵ As versões escritas encontram-se em Anexo, sob forma fac-similada.

edição crítica, com o objectivo de elaborar uma presumível reconstituição do texto que terá servido de roteiro à sua representação em Urrós, em 1924 e 1949.



4 DE MAIO DE 1924

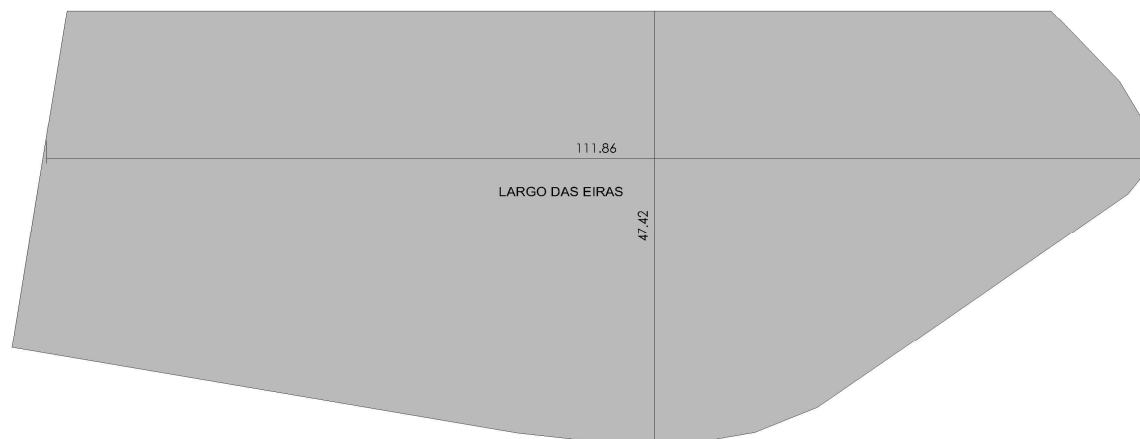
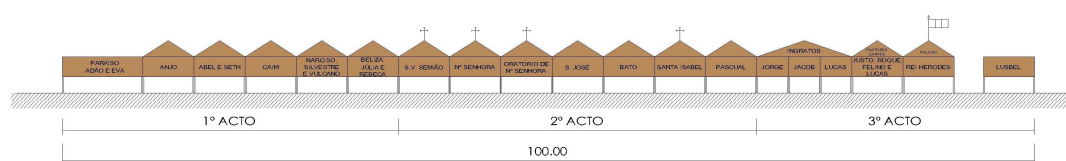


Ilustração 9 – Planificação do espaço de representação do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, em 1924 e 1949, a partir do cruzamento de informações de Fernando Augusto Alves, José Maria Monteiro e do esboço cenográfico de Salustiano Augusto Ovelheiro (*vide* Ilustração 1) (Escala de 1/500).



6 DE MAIO DE 1971

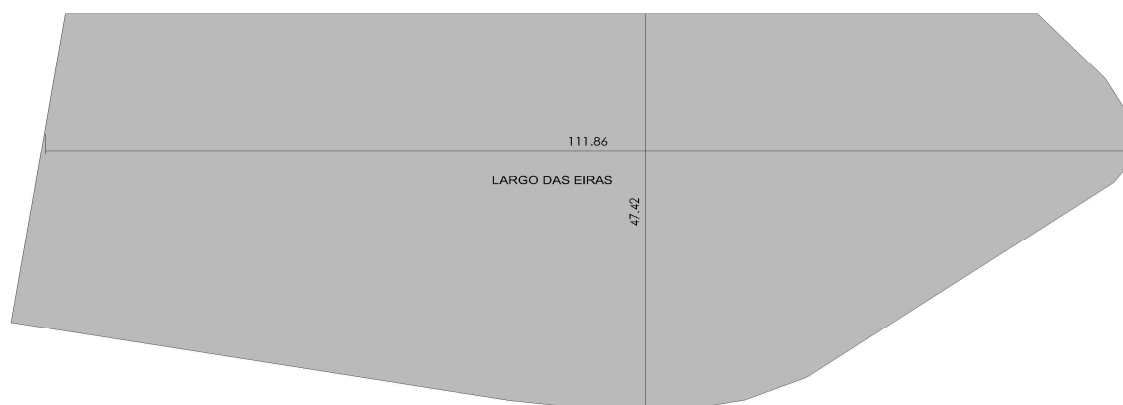


Ilustração 10 - Planificação do espaço de representação do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, em 1971, a partir do esboço cenográfico de José Francisco Ferreira (*vide* Ilustração 2 e 3) (Escala de 1/500).

Capítulo II - O *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*

1. Versões textuais recolhidas em Urrós: sua apresentação e identificação

Ainda que até nós venham chegando evidências de uma produção dramática popular, cuja fixação urge fazer, quantos documentos não estarão nos “reservados” do desconhecimento, ou se terão irremediavelmente perdido, sujeitos a múltiplas vicissitudes da contemporaneidade. A inexistência de uma versão escrita original abre inevitavelmente espaço à existência de variantes textuais, fruto de memórias individuais, cuja forma e conteúdo ganham contornos próprios, de aldeia para aldeia, ou de informante para informante, com o passar do tempo. Quando, nalgum momento, alguém regista a sua memória vivencial, lega à posteridade um objecto de conhecimento, tornando consistente a fragilidade da transmissão oral. A figura do “regrante”, existente em diversas aldeias transmontanas, apresenta-se, segundo a nossa perspectiva, como um fiel depositário dessa tradição oral, espécie de livro-memória, em que se inscrevem tanto a poética como a estética etnográficas desse teatro tradicional. As diferentes variantes do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo* correspondem a expressões de uma vivência colectiva dos amadores dramáticos transmontanos, a partir das quais procuraremos materializar o objecto original que terá estado presente no momento da sua representação em Urrós.

A. Os testemunhos escritos

A.1. O manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro (1924) (Texto A)



Ilustração 11 – Salustiano Augusto Ovelheiro e sua esposa, Justina da Ressurreição Preto.

Encontra-se na posse dos herdeiros de Salustiano Augusto Ovelheiro, morador que foi da aldeia de Urrós, agricultor de profissão, que, segundo familiares próximos, possuía grande apetência para a arte de versejar, produzindo regularmente composições poéticas sobre a vivência da gente local. Episódios amorosos, crimes passionais ou elogios póstumos a combatentes da Guerra Colonial serviam de tema a poematos, que replicava de forma manuscrita, e propagava pelas aldeias limítrofes, como folhetos noticiosos versificados.



Ilustração 12 – Alice Augusto Ovelheiro.

Dessa produção, sua filha, Alice Augusto Ovelheiro, relembra apenas duas quadras, de um conjunto de sessenta versos, sobre o suicídio de um jovem local:

Dia 22 de Outubro
numa noite de luar claro
suicidou-se de um penedo
Abílio Augusto Calvo.

Tinha 25 anos de idade
não fazia mal a ninguém
apaixonado pelos namoros
não quis os conselhos da mãe.

Todavia, relembra a história de um crime passionai (36), envolvendo um triângulo amoroso, cujo desfecho trágico culminou na morte do marido, o sapateiro António Joaquim Seco (37). Transcrevêmo-lo pelo que revela do estilo melodramático do seu autor, evocando o género de melodias cantadas pelos cegos nas ruas de Lisboa, do tempo de Nicolau Luís e dos folhetos de cordel, memórias monocórdicas de outros tempos, tão ao gosto do sentimentalismo popular (38).

³⁶ Fernando Marcos, de Urrós, que teve participação activa na representação de 1971, transmitiu-nos na íntegra os versos compostos por Salustiano Augusto Ovelheiro.

³⁷ A 13 de Abril de 1958, com 33 anos de idade, «a idade de Cristo», conforme recordam alguns informantes com pesar.

³⁸ Na opinião de (MARTINS 1950: 143) “o povo de então e o de agora não diferiam muito. Porém, podemos notar, ainda outro ponto de contacto, entre aqueles tempos e os nossos. Referimo-nos às *gestas sagradas*, por vezes já a meio caminho do teatro religioso. Ainda há poucos anos, cantava-se, em verso, a vida do Padre Cruz. E nos mercados e feiras nortenhas, encontramos à venda as *Novas cantorias da Sagrada Escritura* lado a lado com *A Formação do Mundo e da Vida de Adão e Eva no Paraíso*, em versos de sabor popular, ao pé da *Verdadeira História da Vida de João Soldado que Meteu o Diabo no Bomal*.”

Façam favor de escutar
o que apresentamos nós
uma morte há pouco tempo
pois foi na estação de Urrós.

Mataram António Joaquim Seco
era uma bela pessoa
casou no povo de Urrós
natural de Foz Côa.

O Alberto Pires Rodrigues
o tabaco ia comprar
mas sempre com uma ideia
para a mulher provocar.

A mulher disse ao marido
para a sua honra defender
olha que o senhor Alberto
anda-me sempre a prometer.

O marido indignado
muita razão tinha ele
sai de casa preparado
e vai ter a casa dele.

Quando chega a casa dele
a dona Maria Isabel encontrou
O seu marido esta aí?
Ou hoje eu mato a ele ou ele a mim.

Sapateiro indignado
com o seu génio feroz
vai esperar o Adalberto
mesmo na estação de Urrós.

Quando nisto chega o Adalberto
do seu carro se desceu
o Sapateiro estava à espera
quatro mocadas lhe deu.

O Manuel Pinto que é chofer
o foi desapatar
o Adalberto rapidamente
a pistola ao carro foi buscar.

Vai com a pistola em punho
mas já ferido cavalheiro
dispara quatro tiros
mata o pobre sapateiro.

Para o hospital de Mogadouro
vai Adalberto internar
o sapateiro para o cemitério
deixa três filhos a criar.

Salustiano Augusto Ovelheiro legou-nos o casco de Urrós, o seu *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, documento que apresenta danos físicos provocados pela sua antiguidade, e também por possível mau manuseamento, o que dificulta a sua transcrição.

Trata-se de um caderno, com 32,5 cm por 22,5 cm, contendo 35 folhas pautadas, em que se inscreve o texto do Auto, a duas colunas. As folhas encontram-se cosidas com cordel, em zigzag, na lombada esquerda e protegidas por capa e contracapa de papelão grosso castanho, de igual dimensão. No interior da capa, encontra-se inscrita a lápis a assinatura de Salustiano Augusto Ovelheiro, assim

como duas datas – 1948 e 1949 ⁽³⁹⁾. Referem-se possivelmente a datas de representações, tal como os anos de 1924 e 1935, ⁽⁴⁰⁾ inscritos no interior da contracapa.

No topo da primeira folha do manuscrito, em caligrafia desenhada, surge o título da obra, sob o qual se inicia o texto do Auto pela fala do Anjo:

A santíssima trindade
Ab eterno inciada
Determinou criar tudo
E tudo formar do nada (vv. 01-04).

Na folha 18a, encontra-se uma distribuição de personagens e intérpretes, por ocasião da representação ocorrida em 1924, informação que se repete e se acrescenta mais adiante (folhas 69b, 70a e 70b). Ganha ainda particular relevo o facto de Salustiano Augusto Ovelheiro, “regrante” da comédia, relatar um episódio ocorrido durante a representação do Auto nesse ano:

Deu-se um grande barulho causado pelos de Brunhosinho ao meio da comédia. A Guarda Nacional Republicana de Cavalaria de Miranda do Douro e a de Infantaria de Bemposta acabaram com o barulho de imediato. Depois, no fim, quando os ocupados estavam a jantar os ditos acima com desafios de barra com o Jorge de Vila Chã pegaram-lhe à pancada, estando a Guarda também a jantar. Chegaram quatro ou cinco de Urrós e resistiram com os de Brunhosinho e quando a guarda veio já um dos de Brunhosinho tinha sete buracos na cabeça, sendo necessário a vinda do médico de Miranda (folha 70b).

A.2. A versão dactilografada de Manuel Francisco Fernandes (1989) (Texto B)

Trata-se de um caderno em formato A4, com um total de setenta páginas; sessenta e oito apresentam numeração dactilografada, a que se seguem outras duas, com numeração manuscrita. A capa, em cartolina de cor verde clara, ostenta uma etiqueta artesanal, onde se lê *Comédia da Criação do Mundo*. No frontispício, com cercadura dactilografada com o símbolo [§], lê-se o título «Peça de Teatro

³⁹ O documento, que apresentamos em anexo, em que se transcrevem os versos do papel de Maria no episódio da Visitação a Santa Isabel, interpretados por José Joaquim Fernandes, encontra-se assinado pela copista Maria de Jesus Barros e datado de 24 de Janeiro de 1949, o que confirma a representação do Auto nesse ano.

⁴⁰ Veja-se a nota nº7.

Intitulada A Criação do Mundo», inscrito em cercadura triangular, sob o qual foi autenticada a posse deste objecto:

Pertence a Manuel Francisco Fernandes
1º Comissário da P.S.P aposentado
Natural de Urrós – Mogadouro e
Residente em Rua Serpa Pinto - 37-Porto-
Telefone 812546. [assinatura ilegível].

Manuel Francisco Fernandes, tendo tido conhecimento do manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro, solicitou, em Setembro de 1989, aos seus familiares que lhe facultassem a possibilidade de o dactilografar. Embora tenha mantido o formato a duas colunas, verificamos que procedeu à numeração das quadras, e procurou copiar detalhadamente o manuscrito, não se importando com possíveis irregularidades textuais que o original pudesse apresentar. A ignorância desta situação levou o copista a repetir os mesmos erros, e, mais grave, a substituir vocábulos, possivelmente por desconhecimento do seu significado original, criando erros de conteúdo e alterando a semântica do discurso.

No topo da folha 13a do manuscrito, Salustiano Ovelheiro havia já anotado que a «página [estaria] inválida», presumivelmente com o intuito de alertar para um erro de transcrição. Manuel Francisco Fernandes, sem se importar com a referida nota, não se deu conta de que estaria transcrevendo versos deslocados da sua posição correcta. Assim sendo, verificamos que as quadras 165 a 178, desta versão, correspondem, na realidade, aos vv. 860 - 915; as quadras 179 a 219, correspondem aos vv. 692 – 859; a quadra 759 corresponde aos vv. 3270-3273, e as quadras 788 a 794 correspondem aos vv. 3282 - 3309, da nossa edição crítica ⁽⁴¹⁾.

Manuel Francisco Fernandes quebrou a fiabilidade da transmissão e das linhas estruturais do texto original. No verso 125, «ou Terra que Éden se chama», por razões desconhecidas, o copista procede à seguinte substituição: «ou Terra que Adão se chama». Outro exemplo verifica-se no verso 1331, em que, no original, Set refere que «as mesmas chagas são bocas», e Manuel Fernandes transcreve «às minhas chagas são bocais». Ou ainda, quando Set refere que Abel será o primeiro «que em sua mãe torna a

entrar», nesta versão copiada, verifica-se a substituição do vocábulo mãe por mão, modificando totalmente o sentido do verso ⁽⁴²⁾.

A.3. A versão manuscrita de José Francisco Ferreira (1971) (Texto C)

Trata-se de um caderno de formato A4, com sessenta e uma páginas, cuja numeração manuscrita se encontra ao centro, em topo de página. As folhas encontram-se cosidas com cordel, em ziguezague, na lombada esquerda e protegidas por capa e contracapa recicladas de um cartão grosso castanho, de proveniência desconhecida. No centro da capa e em sentido diagonal manuscreeu-se o título «Comédia da Criação do Mundo – 1971». No verso da capa, em papel aproveitado daquele que era utilizado nos sacos de farinha de uso doméstico ⁽⁴³⁾, o copista inscreveu «*A Criação do Mundo* em 3 actos» e a sua assinatura. No frontispício, elaborado a partir do mesmo material, repete-se a informação anterior, e acrescenta-se a data 5 de Maio de 1971, novamente ratificada pela assinatura do copista.

No topo da folha do manuscrito, em caligrafia desenhada, surge o título da obra, sob o qual se inicia o texto do Auto, disposto em duas colunas, pela fala do Anjo:

Antes do Mundo ser mundo
Era informe a natureza
Não brilhava o Sol no espaço
Não tinha a terra firmeza.

Era tudo treva imensa
Sem um raio de luar
Não brilhavam as estrelas
Nem tinha ondas o mar.

Por isso
A Santíssima Trindade
Abiterna incriada
Determinou criar tudo
E tudo formar do nada.

⁴¹ Capítulo III desta dissertação.

⁴² Para outros exemplos, confronte-se a edição crítica, apresentada no capítulo III.

⁴³ O organizador da encadernação não eliminou, quando procedeu ao recorte do material, o carimbo, podendo ler-se parcialmente: «massas de qualidade superior».

A terminar, surgem duas páginas sem numeração que nos dão conta da representação cenográfica sugerida por José Francisco Ferreira.

Este documento pertence actualmente a Clara Maria Marcos Ferreira, natural de Urrós, nora de José Francisco Ferreira.

Em comparação com o manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro, esta versão apresenta aspectos novos. Por um lado, é proposta uma divisão formal em três actos, sendo que o primeiro engloba os episódios da *Criação do Mundo*, de *Abel*, *Set* e *Caim*, e o *Acto da Inveja*, do *Diabo*, *Narciso*, *Silvestre*, *Vulcano*, *Beliza*, *Júlia* e *Rebeca*; o segundo, engloba os episódios referentes à *Anunciação*, à *Visitação a Isabel* e ao *Nascimento de Jesus*; e o terceiro, congrega o *Colóquio dos Pastores* e a *Visitação dos Reis Magos*. E, por outro, do ponto de vista de conteúdo, esta versão, ainda que siga de perto o manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro, omite algumas quadras, introduz outras originais (*vide* edição crítica) e repete o erro semântico de Manuel Francisco Fernandes ⁽⁴⁴⁾.

Quanto à representação cenográfica pensada para a representação de 1971 revela uma elaboração diferente na forma de apresentação das “mansões” ⁽⁴⁵⁾.

B. Os testemunhos Oraís (Textos D)

Foi a partir dos testemunhos orais que chegámos ao conhecimento dos textos manuscritos e dactilografados anteriores, cuja junção global se apresenta como versão crítica do texto que terá sido utilizado nas representações do *Auto da Criação do Mundo* em Urrós. Qualquer dos informantes apresenta forçosamente hiatos textuais, compreensíveis pela distância temporal em relação às representações realizadas.

⁴⁴ Para outros exemplos, confronte-se a edição crítica, apresentada no capítulo III.

B.1. José Maria Fernandes (D1)

Defensor activo da tradição da Gaita-de-foles Trasmontana, participou dos eventos da aldeia desde muito novo, assistindo aos ensaios com regularidade. A sua memória testemunhal forneceu parte dos versos do Anunciador, figura desconhecida do público em geral ⁽⁴⁶⁾. Trata-se de um achado importante, na medida em que nenhuma das versões escritas se lhe refere, cuja representação esteve a cargo de José Maria Alves (D6), em 1949.

B.2. Fernando Augusto Alves (D2)

Testemunho de grande importância, enquanto chave de todo este processo, apresentando razões textuais, cénicas e de demarcação temporal. Fernando Augusto Alves recordou cerca de 120 quadras, que coincidem com as do manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro, devido à sua participação na representação de 1949, em que, com apenas 16 anos, interpretou o papel do Anjo, no episódio da *Criação do Mundo*. Forneceu-nos ainda os versos iniciais ao episódio de *Abel, Set e Caim*, inexistentes no referido manuscrito. Em confronto com as versões dactilografada e a de 1971, verificamos a total coincidência com estas novas quadras.

Fernando Augusto Alves levou-nos ao local onde ocorreu a representação (na eira), o que nos permitiu visualizar a dimensão e funcionalidade da estrutura cénica utilizada. Permitiu, ainda, a possibilidade de datação da representação ocorrida em 1949, através de comparações de dados pessoais dos intervenientes.

⁴⁵ A este respeito comparem-se as ilustrações 1, 2 e 3, apresentadas anteriormente.

⁴⁶ O GEFAC, em *Teatro Popular Mirandês - Textos de Cariz Religioso*, Almedina, 2005: 29-80, apresenta uma versão do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, com o título de *Auto da Criação do Mundo*, que, segundo nós, corresponde à versão textual C, ainda que apresentando modificações lexicais.

B.3. Gonçalo José Meleiro (D3)

Gonçalo José Meleiro relatou sessenta e nove quadras relativas à Primeira Jornada. Apesar de não ter tido um papel activo nas representações de 1924 e de 1949, conserva ainda hoje na sua memória alguns versos ouvidos durante os ensaios do Auto. As suas indicações foram importantes para confirmar o testemunho de Fernando Augusto Alves (D2).

B.4. Elisa de Jesus Gonçalves (D4)

Esta senhora teve participação indirecta no Auto, na medida em que assumiu a função de verificar que o seu irmão, durante os ensaios, não cometesse qualquer falha de elocução. Funcionou sem consciência como ponto privativo, o que lhe valeu ser capaz de pronunciar a quase totalidade da obra. Actualmente, devido à sua falta de memória, forneceu apenas algumas quadras; no entanto, o seu contributo tornou-se de grande importância pelas relevantes indicações c nicas e temporais fornecidas. Quando confrontadas com outros registos, estas confirmaram a veracidade das informações.

B.5. José Maria Marta (D5)

Apesar da debilidade do seu estado de saúde, provocado pela ocorrência de um AVC, conseguimos que nos relatasse partes do papel de Rei Baltazar, que interpretou em 1949. Recordamos a alegria e o regozijo com que citou pormenores do seu papel, capazes de fazer esquecer o sofrimento a que se encontra sujeito.

B.6. José Maria Alves (D6)

Por meio de sua irmã Ana Maria Alves (D8), chegámos ao contacto com este senhor, que desempenhou o papel de Anunciador, na representação de 1949. Graças a ele recuper mos mais quatro versos deste papel, confrontados com o testemunho de José Maria Fernandes (D1). Segundo José Maria Alves, devido à passagem do tempo, é-lhe impossível fornecer a sua totalidade.



Ilustração 13 – José Maria Alves no papel do Anunciador (Mourinho 1952: 12).

B.7. José Maria Monteiro (D7)

Dotado de uma grande capacidade de observação, o seu valioso testemunho permitiu dissipar dúvidas existentes em relação a indicações cénicas e temporais. Graças a ele percebemos a dimensão do palco, medido pelo seu “número de passos”: 100 de comprimento, por 10 de largura. Confrontando o seu testemunho com o de Fernando Augusto Alves (D2), que definiu o espaço pela localização das habitações actuais, concluímos que a dimensão do palco se encontrava exacta.

B.8. Ana Maria Alves (D8)

Graças ao seu testemunho, conhecemos José Maria Alves (D6), que representou o papel de Anunciador na representação de 1949.

2. Difusão geográfica na região transmontana: localização e cronologia

Para qualificar uma peça de arte verbal, como o *Auto da Criação do Mundo ou do Princípio do Mundo*, como sendo de literatura popular, parece-nos que se há-de levar em consideração três factores importantes: a sua transmissão, a sua forma de expressão e o uso que dela faz a comunidade que a alberga.

A transmissão, contada, cantada ou mesmo recitada em tom laudatório, característica da representação das peças de teatro popular religioso, é feita, de geração em geração, por via oral. Ainda que alguns textos nos tenham chegado sob a forma escrita, trata-se apenas de uma forma de registo, devendo ter em consideração se a sua captação se fez no decorrer de um processo de transmissão natural por via oral. Importa lembrar que, apesar de nos últimos dois séculos os textos registarem uma fixação escrita, a sua fruição é muito anterior, ocorrendo no domínio exclusivo da memória oral. Exemplo desta afirmação verifica-se na recolha dos testemunhos que assistiram directa ou indirectamente à representação do Auto em estudo, sem nunca terem tido contacto com a sua forma escrita, perpetuando-o na memória, que o foi cultivando ao longo do tempo. Tal aconteceu com outras obras ⁽⁴⁷⁾, que hoje são comumente aceites sob a forma de livro, mas cujo conteúdo foi durante séculos veiculado pela oralidade. A fixação escrita da literatura popular de tradição oral revela-se uma tarefa crucial em todos os tempos, e, na actualidade, factores como a alteração dos ambientes naturais que viabilizam a sua existência, ou o progressivo desaparecimento daqueles que servem de repositório desta arte verbal ancestral, poderão acelerar o seu desaparecimento. É um facto que a literatura oral se perderá irremediavelmente, quer pela morte daqueles que se compraziam em transmiti-la, como pela emigração populacional e consequente desertificação dos meios rurais, se não se proceder à sua recolha. Tendo consciência desse facto, e da importância que certos textos representam para as pessoas que os cultivaram, propusemo-nos recolher e fixar o *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo* em Urrós.

⁴⁷ Exemplos como a Bíblia, a Odisseia e a Ilíada.

Dada a ausência de um suporte físico de fixação, verificam-se múltiplas variantes quanto à forma de expressão da literatura popular de transmissão oral, que tanto reflectem os espaços geográficos em que são difundidas, como as “conveniências” das gerações que as foram transmitindo. Assim sendo, a partir do Auto em estudo, procedemos a uma investigação, na região de Trás-os-Montes, que nos permitiu evidenciar os diferentes títulos por que o texto foi designado, a sua difusão geográfica e a sua variabilidade entre localidades.

Autos versando a temática da Criação do Mundo em Trás-os Montes

Título	Localidade	Concelho	Ano	Observações
<i>Auto de Natal</i>	Vila do Conde	Chaves	24.12.1900	Autor Anónimo. 1ª parte representada durante o dia 24 de Dezembro; 2ª parte, no mesmo dia, à noite, no interior da Igreja (Fonte: COSTA 1916: 97-101).
<i>Criação do Mundo ou Princípio do Mundo</i>	Urrós	Mogadouro	04.05.1924; 05.05.1949; 05.05.1971 (⁴⁸)	Em 04.05.1924, foi Regrante da Comédia Salustiano Augusto Ovelheiro, coadjuvado por António José Guerra e Frutuoso Calvo.
<i>Acto de Adão e Eva</i>	Pousade	Guarda	06.01.1945; 25.12.1958; 25.12.1963	Autor: José Rebelo; Escritor: Manuel José de Almeida. Fonte: José Miguel Carreira Amarelo, com transcrição
<i>A Criação do Mundo ou o Ramo</i>	Pegarinhos	Alijó	25.12.1956; 30.12.1956.	Copiada em Novembro de 1956 por João Teixeira dos Santos. Fonte: António Cabral, (1990: 63-77)
<i>A Criação do Mundo ou o Ramo</i>	Murça	Vila Real	01.01.1957	Fonte: António Cabral (1990: 63-77)
<i>Acto de Adão e Eva</i>	Vilar Formoso	Vilar Formoso	28.01.1957; 25.12.1958; 25.12.1963	Autor: José Rebelo; Escritor: Manuel José de Almeida. Fonte: José Miguel Carreira Amarelo, com transcrição
<i>Auto da Criação do Mundo e do Nascimento de Cristo</i>	Sonim	Valpaços	1978	Autor Anónimo. Fonte: Alfredo Tropa, cit. por José Valentim Lemos (1982: 632)
<i>Auto do Ramo</i>	Santo António de Monfortes	Chaves	24.12.1983	António Rodrigues da Rosa (informante)
<i>Auto do Ramo</i>	Tronco	Chaves	24.12.1984	Francisco de Melo e Maria Susette de Melo Gomes (responsáveis)
<i>Casco do Ramo</i>	São Pedro Velho	Mirandela	?	Fonte: José Leite de Vasconcellos (1976a: 209-264)
<i>Casco do Ramo</i>	Vale das Fontes	Vinhais	?	Fonte: José Leite de Vasconcellos (1976a: 209-264)
<i>Auto de Adão e Eva</i>	Fradizela	Vinhais	?	Fonte: Manuel António Almeida, cit. Azinhal Abelho (1968: 31-190)
<i>Auto de Adão e Eva</i>	Moimenta da Raia	Vinhais	?	Fonte: Azinhal Abelho (1968:31-190)
<i>Ramo</i>	?	Vinhais	?	Fonte: Padre Firmino Martins (1939: 139.281)
<i>História da Humanidade</i>	Nuzedo de Baixo	Vinhais	?	Transcrição de Dª Maria Augusta e Dª Alfredina. Fonte: Prof. Doutor Carlos Patrício, da FLUL.
<i>Acto de Adão e Eva</i>	Lodares e Besteiros	Lousada	?	Fonte: Augusto Soares de Moura (2001: 31-128)

⁴⁸ Esta representação não chegou a realizar-se.

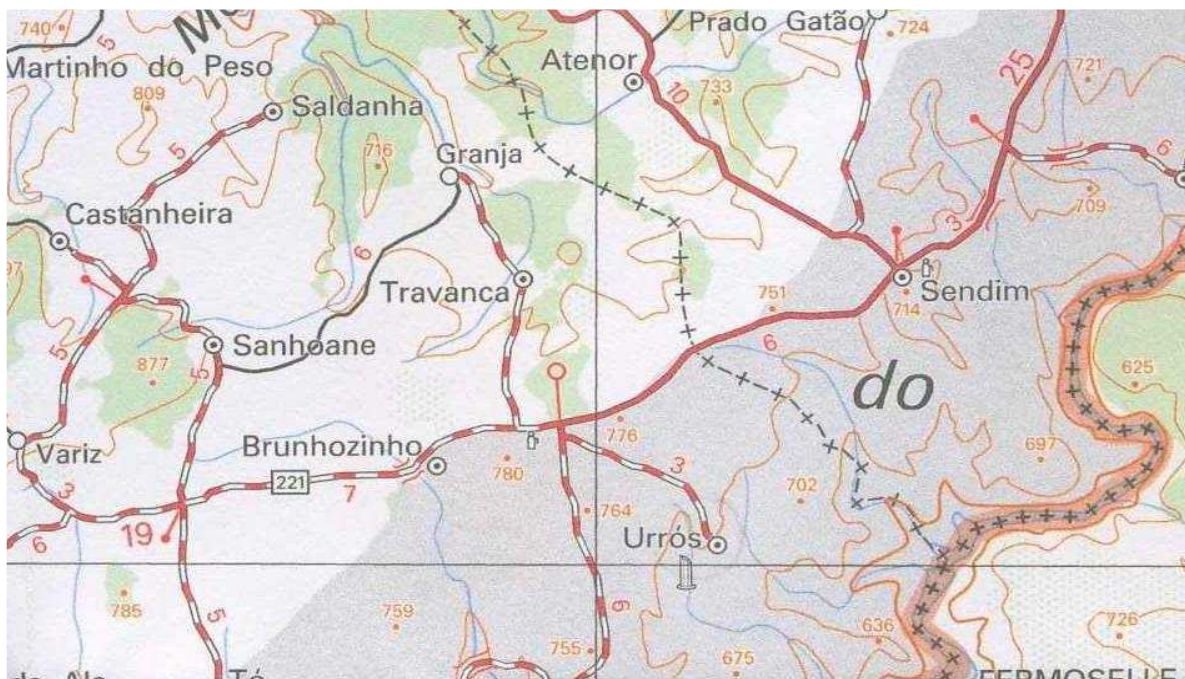


Ilustração 14 – Aldeia de Urrós, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança.

Localização de Urrós, no concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, onde se representou o *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, considerada a sua versão mais original representada em Trás-os-Montes (Carta Militar de Portugal - Série M586/Escala 1:250000, Bragança, Folha nº 2, Edição 4 IGEO, 2005).



Ilustração 15 – Moimenta da Raia.

Localização de Moimenta da Raia, no concelho de Vinhais, distrito de Bragança, onde se representou o *Auto de Adão e Eva* (Carta Militar de Portugal - Série M586/Escala 1:250000, Bragança, Folha nº 2, Edição 4 IGEO, 2005).

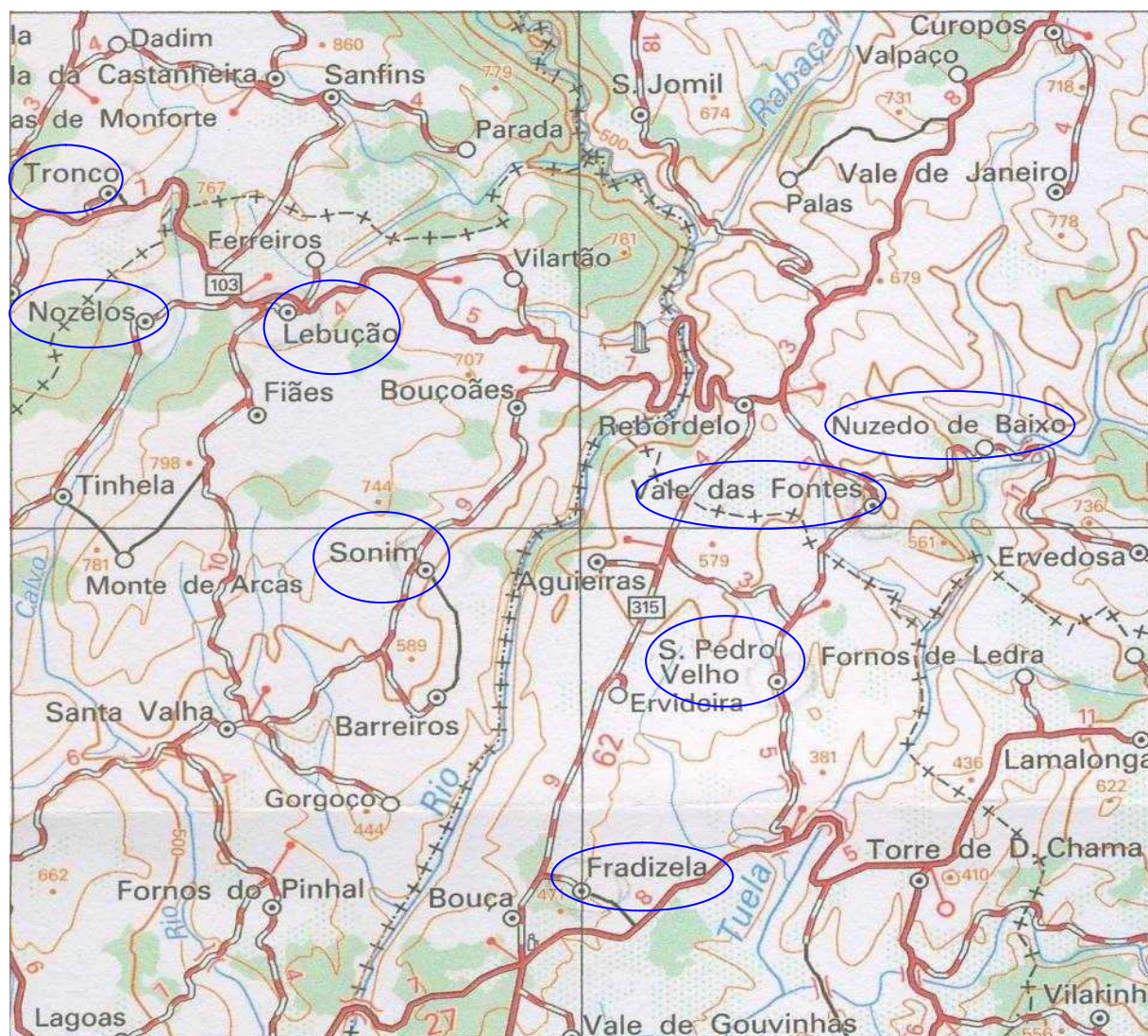


Ilustração 16 – Localidades onde foi representada a *Criação do Mundo ou o Ramo*.

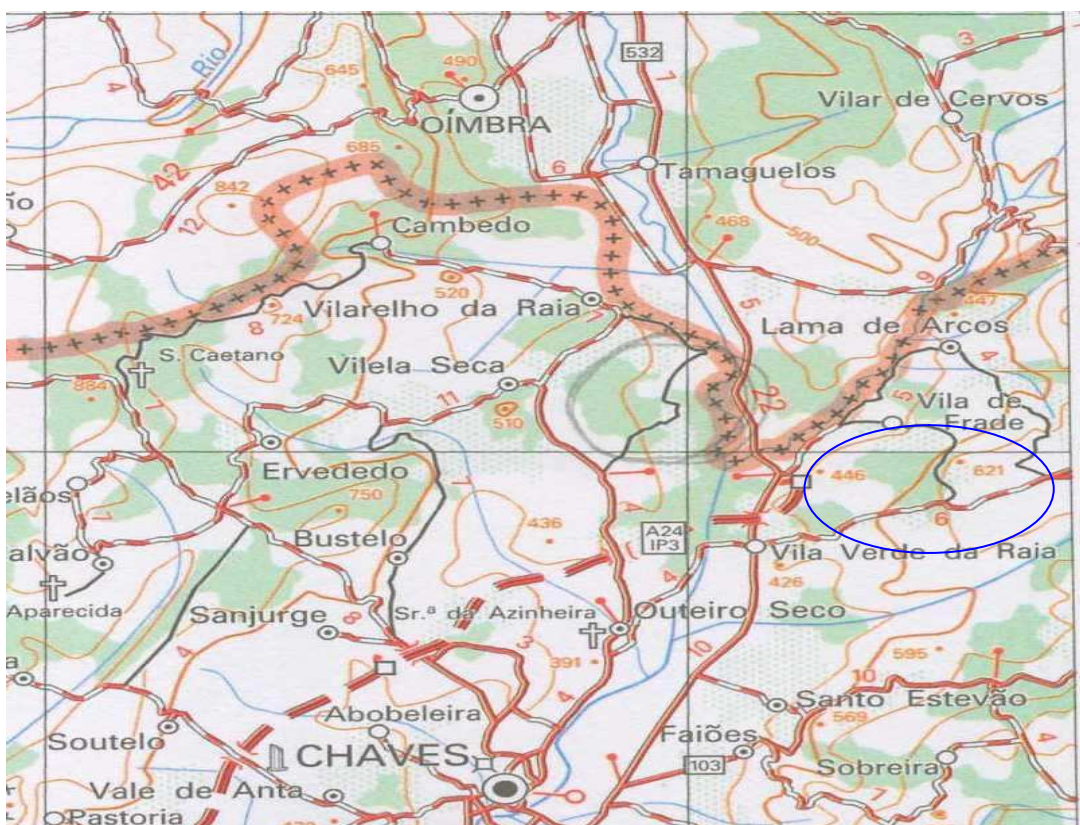


Ilustração 17 – Localização da freguesia de Santo António de Monfortes, no concelho de Chaves.

Entre Vila Verde da Raia e Vila de Frades situa-se a freguesia de Santo António de Monfortes, onde encontramos outra versão do Auto. No mapa, a localidade não aparece referenciada, situando-se na zona demarcada pela circunferência (Carta Militar de Portugal - Série M586/Escala 1:250000, Bragança, Folha nº 1, Edição 4 IGEO, 2005).

A repetição de muitos dos textos desta arte verbal reflecte, de uma forma geral, a maneira como foram sentidos pelo contador, no momento em que chegaram até si, mas também a tentativa de referenciá-los, no acto do reconto, com situações reais, com acontecimentos presentes na memória de todos.

Segundo a nossa investigação, verificámos que as versões do Auto, provenientes das aldeias de Santo António de Monfortes e do Tronco ⁽⁴⁹⁾ no concelho de Chaves, apresentavam alterações significativas, em relação ao texto de Urrós. Verificando uma mesma estrutura textual, os textos encontrados introduzem, todavia, novos episódios e novas personagens, e maior número de versos do que no Auto de Urrós. O texto de Santo António de Monfortes introduz um novo episódio intitulado *O Filho Pródigo*, assim como, no episódio da Visitação a Santa Isabel, são acrescentadas as personagens de duas donzelas e de dois embaixadores, que, juntamente com Bato, acompanham Nossa Senhora e Santa Isabel. O mesmo ocorre no episódio da Adoração do Menino, onde, para além dos pastores existentes, surgem novas personagens, como o pastorinho com o cordeiro ao ombro e a menina de consoada, além de duas pastoradas, uma galega, composta por Galego, Preto, Belmiro e Fagundo, e outra composta por Pépa, Rufina, Leandro e Dionísio. Contrariamente ao texto de Urrós, esta versão introduz o episódio do Rei Herodes no final da narrativa.

Podemos, portanto, admitir que as versões chegadas até nós, após um percurso de diferentes épocas, permitem conhecer características dos “Regrantes”, assim como dos compiladores da literatura oral, constituindo um valioso objecto de estudo para etnólogos, antropólogos, linguistas e outros investigadores.

Assim como as notícias dos acontecimentos ocorridos nas aldeias se propagavam através de folhas volantes, vendidas nas feiras mensais que ocorriam no concelho conforme nos informou Fernando Augusto Alves (D2), podemos admitir que o mesmo possa ter acontecido com partes ou com a totalidade do próprio Auto. Maximiano Trapero (1982: 18) ressalva o papel da transumância como forma de transmissão oral destas versões, que se terão difundido «gracias a los pastores de las aldeas (...) que habian asistido a una pastorada en su pueblo la iban contando en los caminos y así la llevaban a lugares más lejanos». Segundo ele, estes autos pastoris populares tiveram como retransmissores os próprios

⁴⁹ Não tendo tido acesso à versão da aldeia do Tronco, fomos, contudo, informados por Francisco de Melo e Maria Susette de Melo Gomes que esta apresentava diferenças, ainda que não conseguissem recordá-las.

pastores, «actores de la representación que solían conocer de memoria sus papeles y muchas vezes la obra entera», ainda que «solo el director [soliese] tener la llave completa de la tradición», conforme referem Joaquín Díaz e José Luís Alonso Ponga (1983: 62).

Torna-se evidente que a proximidade das aldeias favorecia a deslocação das respectivas populações para assistir às representações, tal como aconteceu em Urrós, em 1949, onde estiveram presentes mais de cinco mil pessoas ⁽⁵⁰⁾, ou na aldeia de Duas Igrejas, onde cerca de 25 mil pessoas terão assistido ao *Auto da Mui Dolorosa Paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo*, em 1948 ⁽⁵¹⁾. E se estes espectadores podem ter funcionado como retransmissores ⁽⁵²⁾, também nos parece de admitir que os sacerdotes locais, que alternavam com regularidade de paróquias, tenham exercido a mesma função, levando consigo cópias dos textos e participando na sua realização, como refere José Luís Alonso Ponga (1986: 141).

Seja como for, verificamos que o uso da literatura popular de tradição oral confirma a sua aceitação colectiva, assim como a funcionalidade objectiva dos diversos textos, seja para aprender, entreter e moralizar. Se originariamente qualquer destes textos possa ter surgido de um acto de produção individual, com o tempo, a sua passagem por outros retransmissores, transforma-o num objecto colectivo, em que se perdem as marcas individuais originárias, e se ganham contornos de obra colectiva, como refere Alexandre Parafita (1999: 46), para quem a tradição a torna «do domínio comum, e o seu uso por qualquer indivíduo facilita-lhe a integração porque o habilita (...) a ter uma identidade cultural». Deste modo, torna-se igualmente importante a sua relação com as circunstâncias em que foram produzidos e

⁵⁰ Informação fornecida por Fernando Augusto Alves.

⁵¹ BÁRBOLO, “Teatro popular mirandês: autores, textos e representações”, Revista *ELO* (RCFFO) nº 13, 2005, pp. 377-391.

⁵² Com frequência, a necessidade de procurar subsistência fora do trabalho agrícola levava a migrações entre localidades, trabalhando como serviços em casas abastadas.

transmitidos, que lhes devolve a individualidade própria do momento da sua realização, graças ao peso e significado que o contexto lhes confere.

Capítulo III - A edição crítica do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*

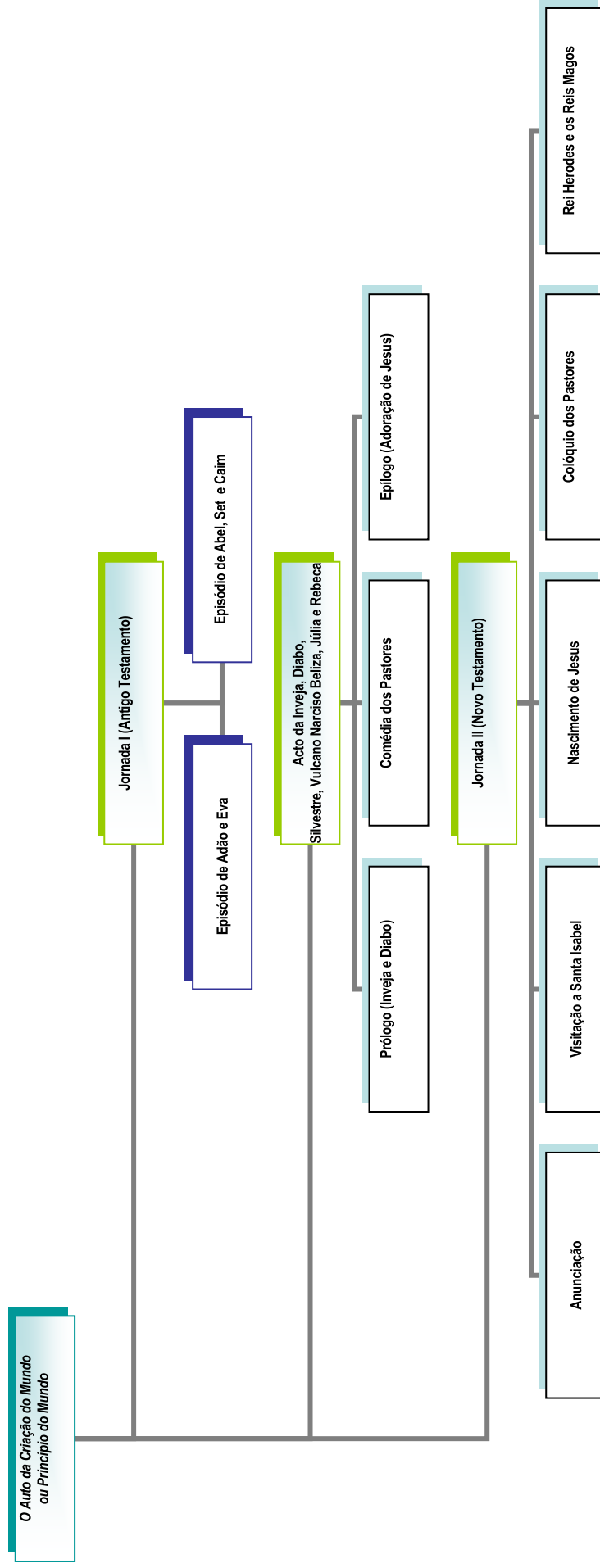
1. Apresentação do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*

Sendo o teatro uma forma de comunicação organizada, apelando racional e emocionalmente, tanto ao actor que desempenha o seu papel, como ao espectador que frui desse «jogo», torna-se visível neste tipo de representações de carácter religioso a força anímica da própria comunidade. Se a vocação natural do povo para a teatralização do sentimento e da devoção se manifesta nos seus actos de religiosidade, ela assume uma expressão de particular relevo no teatro popular que existe em algumas aldeias de Trás-os-Montes, conforme demonstraram os testemunhos ouvidos. O *Auto da Criação do Mundo ou do Princípio do Mundo*, em Urrós, segundo os actores e espectadores intervenientes, reflectia perspectivas moralizantes, facilmente identificáveis e assimiláveis por toda a comunidade, que delas extraía um sentido de vida cristão. Através da metáfora teatral, o espírito religioso das gentes simples podia deter-se na reflexão dos mitos primordiais cristãos, concorrendo o texto dramático com os objectivos da própria Igreja: ensinar, comover e agradar. De um ponto de vista didáctico, a doutrina religiosa, ensinada nas aulas da catequese, ganhava, pela representação do Auto, uma nova expressão da assimilação cognitiva, e transmissão de testemunho geracional, numa atitude doutrinária de propagação de Fé.

O texto apresenta um paralelismo doutrinário, entre uma primeira Jornada ⁽⁵³⁾, em que se aborda a Criação do Mundo e do Género Humano, de acordo com o relato bíblico do Antigo Testamento, e uma segunda Jornada, em que se aborda o nascimento de Cristo, segundo o testemunho do Novo Testamento; de Adão, o primeiro homem sobre cujos ombros pesa o pecado da Desobediência, a Cristo, *ab initio* anunciado, o filho de Deus feito Homem, que, pela Aceitação, redimirá a Humanidade do pecado original. Se antiga mensagem veiculava a ideia de que a salvação se obtinha por via do sofrimento individual, a nova mensagem, baseada no amor ao próximo, na entrega de Cristo, a vítima sacrificial, como redenção do pecado e recuperação do Paraíso perdido.

⁵³ Preferimos adoptar uma terminologia do teatro renascentista.

De um ponto de vista da recepção, tentemos, pois, interpretar os passos fundamentais da doutrina, subjacentes à compreensão do Auto por parte de quem estivesse presente durante a sua representação em Urrós.



Jornada I – Do Antigo Testamento

Episódio 1 – A Criação do Mundo (Gênesis 1: 1-21; 2: 1-25; 3: 1-24)

Neste episódio, qual rapsodo, um Anjo ⁽⁵⁴⁾ relata a criação do Universo, segundo o Livro do Gênesis, como prólogo ao aparecimento de Eva e Adão em cena. Sob o efeito de “um sono misterioso” (v.108), Adão é doutrinado no rigoroso preceito de obediência à vontade divina e de cautela à curiosidade, à soberba e à cobiça. A voz do Anjo ⁽⁵⁵⁾ ecoa a compreensão de Deus, enquanto consciência primordial do Ser Humano. Neste passo, pressupõe-se que o público presente à função, tal como Adão, estivesse tomando consciência da matéria que forma a natureza humana, da sua relação com o Divino e do que isso implica em termos de comportamento (vv. 108-171). Chama-se a atenção para a necessidade de aprender “com cuidado”, de forma sistematizada (vv. 145-147), evitando a arrogância intelectual, sob pena de sofrer o mesmo que «os anjos/ que no céu foram criados/ por quererem elevar-se/ a baixo foram lançados» (vv. 152-155) ⁽⁵⁶⁾. Adão reconhece que a memória de que

⁵⁴ Em Hebreu, os anjos são designados por *malaki*, que, tal como o grego *angeloi*, o que significa mensageiro, encontrando-se a referência mais antiga no Antigo Testamento. Na arte cristã, aparecem em 312 d.C., introduzidos pelo imperador Constantino, após a sua conversão. O concílio de Niceia, em 325, estabeleceu a crença nos anjos como dogma da Igreja, ainda que, em 343, tenha sido determinado que reverenciá-los seria idolatria e que os anjos hebreus eram demoníacos. O 7º Sinodo Ecuménico, em 787, definiu o dogma apenas em relação aos arcanjos Miguel, Uriel, Gabriel e Rafael. São Tomás de Aquino considerava os anjos como corpos e essências formadas de luz astral, podendo assumir formas físicas na comunicação com os seres humanos. Segundo a tradição os anjos dividem-se em hierarquias: **Serafins**, personificando a caridade divina; **Querubins**, reflectindo a sabedoria divina; **Tronos**, proclamando a grandeza divina; **Dominações**, governando de forma geral o universo; **Potências**, protegendo as leis do mundo físico e moral; **Virtudes**, promovendo prodígios; **Principados**, responsáveis por estados e países; **Arcanjos**, responsáveis pela transmissão de mensagens importantes, e **Anjos**, que cuidam da segurança dos indivíduos. Cada hierarquia é regida por um Anjo Príncipe e tem correspondência numa letra do alfabeto hebraico.

⁵⁵ Neste passo, tratar-se-á do Arcanjo Uriel, a «Luz de Deus», aquele que traz à humanidade o conhecimento e a compreensão do Divino, mas também aquele que estará presente no momento da expulsão do Paraíso.

⁵⁶ Segundo a tradição, anjos houve que sentiram o orgulho de querer ser como o Criador e contra ele se rebelaram, sendo, por isso desterrados do seu mundo espiritual e condenados a ficar presos ao mundo inferior. Os anjos demoníacos representam, portanto, as pulsões instintivas, por oposição aos anjos divinos, que simbolizam as manifestações da racionalidade. Assim se explica a coabitação de seres diabólicos no plano dos humanos, confundindo e dividindo-os, numa eterna vingança contra o Criador.

foi dotado Ihe serve como elo de ligação ao Criador, para que nunca sejam esquecidas as verdades essenciais, «os três actos/ que formam nossa exactitude/ notícia saber e amar/ memória entendimento e vontade».

No diálogo entre Adão e Eva, que se segue, são debatidos os preceitos que deverão presidir à vivência harmónica de um casal, numa reciprocidade de união (v.187), ainda que o estatuto de Eva seja inferior ao de Adão (v.189). A subalternidade de Eva é justificada, quer pelo seu diferente modo de criação, a partir da costela de Adão, como por uma necessidade de harmonia sentimental, remetendo-a, enquanto mulher, para a sua função de mãe (vv. 224-225), na dependência do marido, a quem deve obediência (vv. 234-235), ainda que o amor matrimonial deva reflectir o mesmo sentimento que presidiu à criação divina. Neste passo, Adão assume-se como transmissor do conhecimento, função anteriormente exercida pelo Anjo. Ainda que admitindo a sua competência, Eva não deixa de Ihe pedir um sinal físico que prove a autoridade invocada:

Este é o sinal certo
de ter mais entendimento
pois assim o devo mostrar
em todo o lugar e tempo (vv. 264-267).

Eva não Ihe confere, todavia, fundamento absoluto; se as barbas se apresentam como sinónimo de envelhecimento, não serão forçosamente sinónimo de competência, maturidade e entendimento, conforme refere, sublinhando que o mais acertado será o que vier do entendimento e for bem pensado. Este pragmatismo discursivo conduz Adão a uma justificação de dever conformista, «de ser sempre assim/ fazendo a Deus a vontade», e fá-lo expressar o seu temor de que a atitude insubmissa de Eva possa vir a ser causadora de alguma confusão.

Possuidora de uma lógica dedutiva, a curiosidade de Eva motiva o seu desejo de contemplar a árvore da ciência. A observação da serpente, que se encontra enroscada no tronco, desperta a consciência de Eva, provando-Ihe que a temível desgraça anunciada não poderá advir de um simples gesto. Perdido o temor inicial, Eva aceita provar o fruto proibido, ainda que a sua motivação se aproxime

da *hybris*, de se tornar «semelhante aos Deuses/ igual no seu saber» (vv. 350-351). Eis o pecado do orgulho. Eva reconhece a perda de inocência - «Ó desgraçada estou/ sem justiça original/ eu só sabia do bem/ e agora já sei do mal (vv. 388-391) -; cénicamente a figura da Serpente retira o «manto de graça» que cobre Eva, cujo pranto dolorido exprime a sua desgraça.

A partir deste momento, temos consciência de que o destino de Adão será traçado pela mão de Eva. Manipulando e dissimulando – comportamentos que correspondem à visão tradicional da condição feminina -, Eva convencerá Adão a «provar» do novo conhecimento. Porém, nenhum argumento lhes valerá para evitar a sua expulsão do Paraíso, e o consequente castigo divino traduzir-se-á na entrega de uma enxada a Adão e de uma roca a Eva, símbolos dos trabalhos quotidianos a que se encontram obrigados doravante.

O longo pranto de Adão exprime o seu desespero, o seu inconformismo na aceitação da culpa, a qual deverá ser assumida e, pelo apelo à Divina Misericórdia (v. 683) e ao arrependimento «com pesar e contrição» (v. 689), «terá completo perdão» (v. 691). Daí que Adão conclua, extraindo uma moral esperançosa:



Consola-te no desterro
não vivamos descontentes
feliz destino teremos
sendo a Deus obedientes.

Só desterrados seremos
nesta vida trabalhosa
ainda o Senhor quer sejam
felizes na eterna glória (vv. 908-915).

Ilustração 18 – Expulsão de Adão e Eva do Paraíso, no *Auto da Criação do Mundo*, em Urrós, em 1949 (MOURINHO 1952: 12).

Episódio 2 - Abel, Set e Caim (Génesis 4: 1-26)

Após a expulsão do Paraíso verifica-se uma transposição da acção para o plano terreno, tendo como protagonistas os descendentes do primeiro casal. Este 2º episódio da primeira Jornada relata novo

passo do Antigo Testamento, e principia com uma «prática» entre Abel, Set e Caim sobre o valor das oferendas a Deus. Os filhos de Adão, divididos entre agricultores e pastores, reflectem uma organização social facilmente identificável pelo espectador local, que assistia à função teatral, e expõem conceitos de relacionamento interpessoal.

Do «Paraíso» para o «Mundo», a acção narrativa alarga-se da esfera familiar para a esfera social, equacionando o problema da desarmonia existente nas relações interpessoais. Se Abel representa um lado solar, apolíneo, racional, Caim representa a sua antítese, o lado telúrico, dionisíaco, emocional. Através do seu diálogo, o público é levado a compreender as razões que podem conduzir à desagregação social, patentes no exacerbamento dos defeitos individuais de Caim.

Neste passo, a Set cabe um papel de juiz, uma posição de equilíbrio, introduzindo a doutrina do bem-fazer, da entrega genuína espontânea, através da qual se demonstra o arrependimento e se consegue a remissão do pecado original. Set procura convencer Caim da inutilidade da arrogância manifestada em ser «morgado soberano» - o direito de primogenitura -, e a demonstrar arrependimento nas suas acções, tal como seus pais o haviam manifestado, alcançando o perdão. Exorta-o a não esquecer o destino trágico da raça humana que o Anjo anunciara anteriormente a seus pais.

A argumentação de Set encontra a sua oponência na do Diabo, cuja elocução evoca a utilizada no momento da tentação de Eva no Paraíso. Caim é aconselhado a tratar os seus semelhantes «como escravos», e a confundir a noção de respeito, chave para a tranquilidade e harmonia social, com um poder absoluto assente num direito de emanção divina (vv. 1077-1080), de morgadio (vv. 1101-1104).

A tragédia de Caim assume um aspecto exemplar, reflecte a condição humana sujeita ao erro, e cuja cegueira obstinada leva à perdição final. O fratricídio condena-o à errância permanente. Se Adão fora condenado ao desterro do Paraíso, Caim estará condenado à eterna intranquilidade. Em nenhum caso a morte física se assume como punição legítima para o crime. A moral que se extrai deste passo leva-nos a compreender que desigualdade equivale a desarmonia, e que apenas pela contrição se atingirá a redenção e a reposição da ordem. O pranto de Caim possui efeito catártico, levando o

espectador a compreender que o arrependimento passa pela tomada de consciência do próprio erro e sua confissão. Segundo a doutrina, é o modo de alcançar a absolvição.

Com o mesmo sentido com que as Erínias perseguiram aqueles que derramavam o sangue do seu sangue, também Caim será perseguido pelo remorso. Abandonado, vagará por montes e vales, sem destino aparente, até que, num breve momento de pretense de descanso (vv. 1453-1456), Lameque, «caçador afamado» e seu descendente, confundindo o seu aspecto miserável com o de uma fera, alveja Caim. Este acaba por morrer, pressagiando um castigo futuro a Lameque pela insensibilidade que manifestou em relação a si. Caim é transportado ao Inferno pelo Diabo, que, em breve epílogo, extrai a moral deste episódio:

O inferno é uma casa
de portas tão decantadas
abertas para entrar
e para sair fechadas.

Vamos ambos para lá
dizendo aos pecadores
se nos quiserem seguir
me fazem grandes favores.

Reparem bem pecadores
olhem que isto é assim
se me querem escapar
nunca se fiem em mim (vv. 1553-1564, fl. 28b).



Ilustração 19 – O Diabo e os diabretes levam Caim para o Inferno, em Urrós, em 1949 (Mourinho 1952: 12).

Este episódio perspectiva conceitos particulares à região transmontana de Urrós. A divisão entre agricultores, pastores e caçadores, com que se definem os descendentes de Adão, patenteia um tipo de organização comunitária e de *modus vivendi* local, e a reflexão sobre a qualidade das oferendas de Caim e Abel (vv. 1045-1048) parece reflectir o modo como o «filigrês» deveria contribuir para a igreja através da cônica (⁵⁷), tornando claramente identificáveis ao espectador os fundamentos doutrinários.

Jornada II – Do Novo Testamento

Esta Jornada remete-nos essencialmente para o Evangelho de S. Lucas, dramatizando o Mistério da Encarnação, através dos três primeiros Mistérios do Rosário - Anunciação, Visitação e Nascimento de Jesus (⁵⁸) -, a que se seguem o Colóquio dos Pastores e a Visitação dos Magos (ou Epifania). As referências feitas sobre a perturbação sentida por S. José a respeito da explicação divina da gravidez de Maria pertencem ao Evangelho de S. Mateus.

Episódio do Casamento de Maria e Anunciação do Anjo (Lucas 1, 30-38)

Antecede o episódio da Anunciação, propriamente dito, o diálogo entre Simeão, Sacerdote «administrador do templo», e Maria, unigénita de Ana e de Joaquim, descendente da casa de David,

⁵⁷ Na Igreja de Urrós, ainda hoje existe um compartimento anexo à sacristia onde se encontra uma arca em cimento (o celeiro) para depósito do trigo destinado ao Pároco.

⁵⁸ Reza a tradição que, em 1208, S. Domingos teve uma visão, em que a própria Virgem Maria lhe revelava o Rosário como forma de conquistar as almas dos mortais. O Papa Pio V instituiu a festa do Rosário a 7 de Outubro, como forma de celebrar a vitória dos cristãos na Batalha de Lepanto (1571), atribuída à intervenção da Virgem Maria. São quatro os Mistérios do Rosário - Gozosos, Luminosos, Dolorosos e Gloriosos -, correspondendo a passagens do novo Testamento, agrupadas segundo sentido místico, e rezados em determinados dias da semana. Os Mistérios Gozosos, rezam-se às segundas-feiras e aos sábados, e correspondem aos passos referentes ao Mistério da Encarnação: Anunciação, Visitação a Isabel, Nascimento de Jesus, Apresentação no Templo e Jesus Menino e os Doutores no Templo; os Luminosos, rezam-se à 5ª-feira, e correspondem ao Mistério da Transfiguração de Cristo; os Dolorosos rezam-se às terças e sextas-feiras, correspondendo ao Mistério da Paixão; os Gloriosos rezam-se às quartas-feiras e domingos, e correspondem ao Mistério da Ressurreição, a que se associa o Pentecostes e a Assunção e Coroação da Virgem como Rainha do Céu e da Terra.

estudante no Templo ⁽⁵⁹⁾. Trata-se de um passo da vida da Virgem, segundo a tradição cristã primitiva, pertencente aos Evangelhos Apócrifos, que não se encontra referenciada nos Evangelhos Canônicos ⁽⁶⁰⁾.

Tendo atingido a idade casadoira, propõe Simeão arranjar esposo a Maria, «resolução» que se não compadece com a expressa vontade desta, de fazer «ao Altíssimo voto de castidade» (vv. 2012-2013). Neste passo, indicam-se as normas que devem reger o casamento: à mulher não compete a escolha do marido, mas aceitá-lo na confiança da sabedoria patriarcal. Simeão invocará a Lei de Deus (Lei de Moisés) como justificação da autoridade sobre a vontade da jovem Maria, que a invocará, também, para fundamentar a sua vontade de professar a castidade, de acordo com o primeiro mandamento do decálogo: «amarás a Deus sobre todas as coisas»:

Pelo amor do mesmo Senhor
que adoro e venero
a quem tomo por esposo
outro esposo não quero (vv. 2026-2029).

Instalado o conflito sobre a interpretação da doutrina, Maria invoca a divina inspiração, que se manifesta através do Anjo ⁽⁶¹⁾, que aconselha obediência «ao que Deus determine» (v. 2091). O supremo desígnio manifestar-se-á no passo seguinte, quando se apresentam «os três Barões», os três pretendentes a esposo de Maria, através do milagre que fará florescer açucenas na vara transportada por José. Este fica atônito e em dúvida, não só por ser pobre, como, sobretudo, por ser velho, em comparação com os outros dois pretendentes. Neste momento, tornar-se-ia claro para o espectador a

⁵⁹ Segundo a tradição, Maria nasceu quando sua mãe tinha 40 anos, devido a intervenção divina. Santa Ana, cujo culto se celebra a 26 de Julho, teria feito a promessa, se tal acontecesse, de dedicar a criança ao Altíssimo. Daí que, aos três anos, Maria tenha sido entregue aos sacerdotes do Templo para serviço de Deus. O devocionário de Santa Ana representa-a associada a Maria em jovem, frequentemente ensinando-a a ler.

⁶⁰ Vide nota 28, desta dissertação, sobre os Mistérios da Virgem.

⁶¹ Neste episódio, as revelações são feitas pelo Arcanjo Gabriel, o anjo da esperança, tradicionalmente identificado como o mensageiro da Palavra de Deus e venerado por judeus e muçulmanos (Djibril). Costuma ser representado com um lírio na mão, significando pureza e verdade, mas também com um tinteiro e uma pena, simbolizando a sua função de comunicador celestial, ou transportando um cálice dourado na mão, numa forte alusão ao Graal. Este elemento encontra-se também relacionado ao culto ancestral da Virgem, simbolizada como «o vaso precioso» (v. 2280, fl. 44a) que transporta o divino fruto.

explicação da natureza do amor conjugal; de carácter espiritual, nem a juventude, nem a riqueza material se apresentam como factores importantes quando se considera a maturidade, em que a figura do marido se assume como substituto da figura de pai.

Alegra-se José na aceitação de Maria, a quem faz votos de lealdade e amor, não se atrevendo esta, por sua vez, a revelar o seu voto de castidade, colocando o futuro esposo em situação equívoca, a necessitar de recurso à inspiração divina, que se manifesta, mais uma vez, pela mensagem pacificadora do Anjo: «não temas, ó José/ pois o ser tua esposa/ do grande Deus é» (vv: 2251-2253). Todavia, também ele se encontra em situação semelhante, por idêntico voto de castidade.

No casamento de Maria, «o vaso precioso» (v. 2280, fl. 44a), com José, o sacerdote celebra os preceitos do casamento, em que a mulher «há-de obedecer» ao marido, dentro e fora de casa, o «Templo», ilustrando «seus sentidos» para que se cumpram os «verdadeiros desígnios» do Senhor: «crescer e multiplicar». Após o casamento, aparta-se o casal, cada qual para seu retiro: José a dormir e Maria a meditar.

Educada no Templo, Maria dedica-se ao estudo dos Livros Sagrados. Isaías (7: 14) e as suas profecias exercem fascínio, pelo que comportam da revelação da vinda do Messias, que nascerá de «uma Virgem Maria» (vv: 2331-2332), cuja descrição em tudo se lhe assemelha, mas que em nada lhe pode corresponder, pela impossibilidade a que o seu voto a obriga. No seu êxtase contemplativo, Maria insta a Deus que lhe permita conhecer a «divina donzela» (v: 2356), a mãe daquele «que dará ao Mundo Luz e Glória» (v: 2333). Manifesta-se, de novo, o Anjo, e Maria, «turvada», escuta a explicação do seu casamento místico com o Altíssimo, a quem se submete, «vendo que no ventre está/ a Santíssima Trindade» (vv: 2460-2461).

Episódio da Visitação a Isabel (Lucas 1, 39-56; Mateus 1, 18-25)

Maria visita sua prima Isabel, a qual, por vontade divina, se encontra também esperando um filho, apesar de haver passado a idade fértil. Este passo do Auto, revela uma festividade excessiva, com

recurso a vários momentos de cantos profanos, celebrando a maternidade de ambas, como «uma grande maravilha» (v. 2517) capaz de contagiar a própria natureza:

As árvores lançam flores
As aves cantam suaves
Que mostra uma nova
Primavera na verdade (vv: 2520-2523).

O regozijo sentido por tão divina paternidade escapará, por certo, a quem não haja sido iniciado no mistério, tal como José, que se encontra «suspenso, confuso, aflito, pasmado», sem saber como agir. O seu longo pranto revela a angústia do homem dividido entre o dever de confiar na esposa e a dúvida da sua fidelidade, entre a acusação pública de adultério e a aceitação de uma paternidade que o ofende. Sem solução aparente, não resta senão confiar na inspiração divina, como socorro para as aflições que sente. Tal como ocorrido com Adão, de novo o sonho funcionará como espaço de ensinamento, como fonte transcendental de revelação dos desígnios de Deus, em que o Anjo, tranquilizando José, lhe explica o casamento místico de sua esposa, de acordo com as profecias. José roga a Maria o perdão para as suas infundadas suspeitas, o «horroroso tormento» em que vivia, por desconhecimento dos «mistérios divinos».

O episódio da Visitação a Santa Isabel constitui um momento dramático de harmonia, ternura e embelezamento humano e religioso, em que o espectador é levado a fruir de uma realidade plena de graça e de fé em Deus, e em que o seu autor enterteceu habilmente o relato dos evangelhos de Lucas e o de Mateus. De notar, todavia, um aspecto interessante sobre o modo como a figura do Anjo se manifesta: Maria contempla a sua materialização e José pressente-o durante o sonho. A percepção sensorial do transcendente regista modos diferentes consoante o género.

Episódio do Nascimento de Jesus (Lucas 2, 1-11)

O enredo inicia-se com a partida de José e Maria para Belém, obrigados a cumprir o dever de recenseamento a que se encontravam os Judeus sob o domínio Romano. José demonstra preocupação em se ausentar, estando Maria prestes a dar à luz, mas esta decide acompanhá-lo (vv. 2862-2865).

O diálogo, que se segue, exprime de forma sucinta a passagem do tempo na viagem e a ansiedade em chegar a Belém, por causa da «noute e o grande rigor de frio» (vv. 2878-2879). Entrados na cidade, José procura, em vão, abrigo em casa de parentes e conhecidos - Jorge, Jacob e Lucas. A dramatização da sua estadia em Belém, que o Evangelho não detalha, apresenta traços peculiares de uma linguagem viva, marcando de forma impressionante tanto a personalidade das personagens ⁽⁶²⁾, como a convenção teatral da progressão rápida do tempo nocturno. Porém, de nada serve pedir a Deus que mova «este gente crua», senão seguir «para fora dos muros/ depressa e não devagar/ que lá está uma cova/ onde podeis ficar» (vv. 3013-3016). Entram, por fim, «no presépio com luzes acesas», conforme sugere a didascália, onde Maria humildemente dará à luz o Redentor, a quem ambos pedem perdão da fraca pousada, sem mais nada para ofertar do que «o coração» (v. 3048). Novamente se invoca a necessidade da dádiva genuína como forma de chegar a Deus.

Colóquio ⁽⁶³⁾ **de Pastores** (Lucas 2: 8-19)

Dormindo estão os pastores Roque, Felino, Lucas e Justo, quando o Anjo lhes anuncia a boa nova. Estremunhados a princípio, duvidam dos sentidos e conversam sobre a veracidade da sensação, fruto talvez do excesso de bebida, «da borracha/ que [faz] extraviar» (vv. 3080-3081). A explicação de Lucas, de que a voz suave provinha do coração, tranquiliza-os.

⁶² Lucas chama a Maria e José ciganos, supostamente aludindo à errância do povo judeu, assim como sugere o conceito de marranos (o mesmo que porco), modo como os judeus eram tratados no tempo da Inquisição: «[Havia]-vos pôr em esterco/ e cortar-vos o pescoço» (vv. 3011-3012, fl. 56b).

⁶³ O termo colóquio é frequente em Trás-os-Montes para designar este tipo de representação dialogada, concorrendo também com o nome de estrelóquio.

Um a um vão explicando as sensações sonhadas: a voz que emana de uma luz intensa, a entrada de «um grande rei em Belém» (v. 3097), a voz de Isaías, ou a profecia cumprida da «vinda daquele Rei Messias» (v. 3101). Dissipadas as dúvidas, partem a adorar o Deus Menino, ainda que indecisos sobre o que lhe hão-de ofertar. Vale-lhes o sentido prático de Roque: «Vamos por nosso caminho/ como assim nos convém/ se virmos que ele precisa/ compra-se lá em Belém» (vv. 3126-3129). Suprema ingenuidade de quem mal não cuida senão em oferecer suas almas «com vida e coração» (vv. 3135-3136). «Cantam os anjos» (fl. 58b), acompanhando a jornada dos pastores, que se vão deslumbrando com os prodígios da natureza, e em chegando à lapinha rodeada por anjos se prostam em adoração pedindo perdão dos seus pecados e oferecendo o modesto produto da terra, trigo e figos como sinal de amor.

A Epifania ⁽⁶⁴⁾ aos Três Reis Magos (Mateus 2: 1-12)

O episódio inicia-se pela «entrada dos Reis Magos que dão sinal de corneta», convocando Herodes o seu «Condestável», para que se vá inteirar do que está ocorrendo. Entretanto, os Reis Gaspar e Belchior exaltam a magnitude da beleza do caminho que a estrela indica, enquanto esperam por Baltazar, o terceiro Mago. De regresso ao palácio, o Condestável informa Herodes sobre a ilustre companhia, a qual é convocada à presença deste, crente de que lhe poderão querer prestar alguma homenagem.

Curiosamente, neste passo da representação, a acção não segue uma linearidade condutora espaço-temporal, mas apresenta pequenos saltos, que lhe conferem uma estrutura de quadros independentes e um ritmo narrativo sincopado. Tanto nos encontramos no interior do palácio de Herodes, como no seu exterior; tanto somos informados do ideal que move os Magos na busca do cumprimento da

⁶⁴ Termo derivado do grego *epiphainein*, significando manifestar, com que se designava o aparecimento dos deuses. Para o cristão, a epifania representa a assunção humana de Jesus, celebrada em três momentos: a Epifania perante os Reis Magos (celebrada a 6 de Janeiro), a Epifania a João Baptista no rio Jordão e a Epifania aos apóstolos durante as Bodas de Canaã (início do ministério de Cristo). Trata-se, portanto, de um momento privilegiado de revelação, em que se ilumina a vida daquele que por ele passa.

profecia do nascimento do Messias, como, numa reviravolta brusca antitética, contemplamos a amargura de Herodes, que se encarnaça para que tal não aconteça, mandando que se proceda à matança dos inocentes. A intensidade dramática presente no solilóquio de Herodes (vv. 3352-3427) é patenteada num crescendo emotivo, cujo clímax exprime o grande desespero do Tetrarca da Galileia pela desconfiança dos que o rodeiam. Até a breve conversa trocada com os Reis Magos, na sequência seguinte, tem o condão de fazer piorar o seu estado de espírito sombrio.

Seguindo o seu caminho, os Magos recebem a revelação divina, manifestada pelo aparecimento do Anjo, que lhes indica não só o local do nascimento de Jesus, como também o modo de adoração do «Rei dos reis». Adorará cada um de *per si*, começando por Gaspar, que oferece ouro, seguindo-se Belchior, que oferece incenso, e terminando por Baltazar, que oferece mirra. Cristo manifesta-se, então, aos Magos, enquanto «rei dos Judeus» (Gaspar, v. 3572), como «verdadeiro Deus» (Gaspar, v. 3592), e como «Díós e hombre» (Baltazar, v. 3603).

Termina a adoração ao Menino com uma refeição de «doces e vinho», enviada por Deus aos Magos, «em sinal de agradecimento» (v. 3610), e servida pelo Anjo, em cerimonial que evoca uma forma de eucaristia. Quando os Reis Magos se dispõem a partir, aparece-lhes nova manifestação da vontade do Padre Eterno, através de um «anjo trono» ⁽⁶⁵⁾ que os adverte a regressarem por caminho diverso do que haviam trazido, evitando Herodes e a sua «cidade ingrata» (v. 3626).

⁶⁵ Trata-se de um Anjo que proclama a grandeza divina, segundo a tradição. Curiosamente, em todo o auto, é a única vez em que aparece uma designação angelical específica.



Ilustração 20 – Chegada dos Reis Magos. Representação do *Auto da Criação do Mundo*, em Urrós, em 1949.

Em Urrós, a representação deste episódio do nascimento de Jesus revestia-se de uma beleza especial, de uma solenidade espectacular, com os Reis Magos chegando a cavalo ao som de cornetas. O pretense verismo cénico era acentuado pela participação de uma criança autêntica no papel de Menino Jesus, assim como pela composição de linguajar próprio ao Rei Baltazar.

Tratando-se tradicionalmente de um rei negro ⁽⁶⁶⁾, verifica-se a existência de uma construção frásica, arremedando uma espécie de castelhano deturpado, que lhe caracteriza, de forma simplista, uma linguagem étnica apropriada. Não existindo ainda, em 1924, a presença de um tipo de imigração africana na região, o modo encontrado baseou-se na consciência da realidade vizinha, como expressão de distanciamento étnico.

⁶⁶ No quadro da Adoração dos Magos ao Menino, da autoria do pintor Vasco Fernandes, o Grão Vasco, este rei é representado como um índio do Brasil (Museu Grão Vasco, Viseu).

Acto da Inveja e Diabo, Silvestre, Vulcano, Narciso, Beliza, Júlia e Rebeca

Na estrutura geral do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*, centrada nas duas grandes Jornadas que se expuseram anteriormente, surge, entremeando, um episódio, que nos evoca os tons de um auto pastoril com laivos de comédia de enganos, cuja acção dramática se centra na esfera amorosa de pastores e pastoras, vigiados pela Inveja e o Diabo, e em que a palavra “acto” ⁽⁶⁷⁾ surge, pela primeira vez, para designar este passo em particular.

Quem andar com inveja
comete um tal pecado
que de repente fica
todo o mundo confiscado (vv. 1565-1568).



Ilustração 21 – Diálogo entre o Diabo e a Inveja, na representação de 1949, em Urrós (MOURINHO 1952: 13).

Em jeito de prólogo, este «acto», ou talvez auto, principia por um diálogo entre a Inveja e o Diabo. Fazendo um inventário de situações, extraídas do Antigo Testamento, cujos desfechos funestos advieram da sua intervenção, a Inveja vangloria-se da sua acção e não se compadece com o futuro nascimento de Cristo. Admira-se o Diabo que a Inveja saiba mais do que ele, e acabará por servir a seu mandado num

enredo engendrado por ela, para impedir que os pastores venham a ser os primeiros informados da boa nova do nascimento de Jesus.

Estes moços solteiros
façamo-los namorados
para que cegos em amores
não ouçam os recados (vv. 1663-1666).

Apesar do Diabo invocar a sua condição de velho, como demonstração da sua «ciência», a Inveja contrapõe-lhe o facto de ser manhosa, por ser «do sexo feminino» (v. 1650), e como tal tentarão os pastores. Repete-se aqui o tema abordado no diálogo entre Adão e Eva no Paraíso, com a tradicional tipificação das características de género. Ao homem a sageza e à mulher a esperteza!

Curiosamente, vemos, pela primeira vez, referenciada uma breve descrição de carácter cenográfico. Mencionam-se duas portas, correspondendo a duas cabanas, a dos homens e a das «femininas», além de duas «sombras» ⁽⁶⁸⁾ de cada lado, «onde se escondem os tentadores».

Disfarçado de Rato com «cinco palmos de rabo/ alguns doze de comprido» (vv. 1681-1684), e de Feiticeira, «tão meiga e tão sensual/que é pecado mortal» (vv. 1694-1698), o Diabo e a Inveja assumem figuras tão fantásticas, que os criados Vulcano e Júlia, enfurecidos, se encontram a ponto de queimar as suas cabanas. Interpelados por Silvestre e Beliza, seus amos, são acusados de estarem “bêbado” e “louca”. Todavia, se Vulcano não identifica a existência do Diabo, Júlia, mais avisada talvez, identifica e descreve a Inveja, pela forma como se comporta e pelo modo como veste. Em conversa com Beliza, explica-lhe que faz sentido ela andar rondando pessoas que se querem, porque o amor atrai a inveja, ou seja, o ciúme.

O enredo amoroso lembra uma comédia de enganos, envolvendo os pretensos pares de Beliza, Silvestre, Júlia e Vulcano, e em que Narciso se encontra perdidamente apaixonado por Beliza, e Rebeca

⁶⁷ Luciana Stegagno Picchio (1969: 62-63) considera que o povo continua ainda a chamar *Autos* e *Actos* às representações do teatro tradicional.

procura seduzir Silvestre (v. 1895). Curiosamente, neste acto, a elas caberá a escolha do pretendente, ainda que tal seja «perigoso nas mulheres» (v. 1731), porque «escolher é fortuna/ o acertar felicidade» (vv. 1734-1735). Entre Silvestre, «mais entendido», e Narciso, «mais galante», a Beliza caberá a escolha, ainda que influenciada pelo julgamento ponderado de Júlia. Entregue a seus pensamentos, Beliza parece preferir a segurança que o siso de Silvestre lhe infunda, não fosse uma dúvida que lhe assalta o espírito, de Rebeca ser a eleita daquele. Seguindo o conselho de Júlia, Beliza chega à fala com Silvestre, em momento pouco oportuno para este, que se apresta em tratar de «uma ovelha a parir» (v. 1772). Será Vulcano quem tranquilizará Beliza, revelando-lhe o amor que seu amo Silvestre lhe dedica, o que o torna numa figura de confidente inconfidente. É vulgar neste tipo de comédias, os amos servirem-se dos criados para obterem informações que não ousam perguntar, e também que essas relações confidenciais se estabeleçam entre indivíduos do mesmo sexo (patroa/ serva ou patrão/servo), porém, neste caso, verificamos uma variante à normalidade, sendo o criado Vulcano quem funciona como confidente da pretendente amorosa de seu amo. De igual modo, a serva Júlia confidenciará ao galante Narciso a sua paixão por Vulcano, conluindo-se ambos para alcançar os objectos de seus amores.

Complica-se o enredo, sob os auspícios da Inveja e do Diabo, que por detrás das sombras escutam, e observam Rebeca que espreita a conversa de Beliza com Narciso. Regressado dos seus afazeres, Silvestre não encontra Beliza onde a deixara. Rebeca instila o veneno do ciúme, provocando uma tenção entre Silvestre e Beliza sobre casar e namorar ou o valor do casamento, num crescendo que termina com aquele protestando o seu amor por esta:

E se vós vos quiserdes casar
como eu quero fazer
a graça de Deus vos cubra
é o que vos posso dizer (vv. 1917 – 1920).

⁶⁸ Tratar-se-ão, por certo, de elementos cenográficos, vulgarmente designados por repregos, muito utilizados no teatro de mágica, permitindo o aparecimento e a ocultação de seres fantásticos.

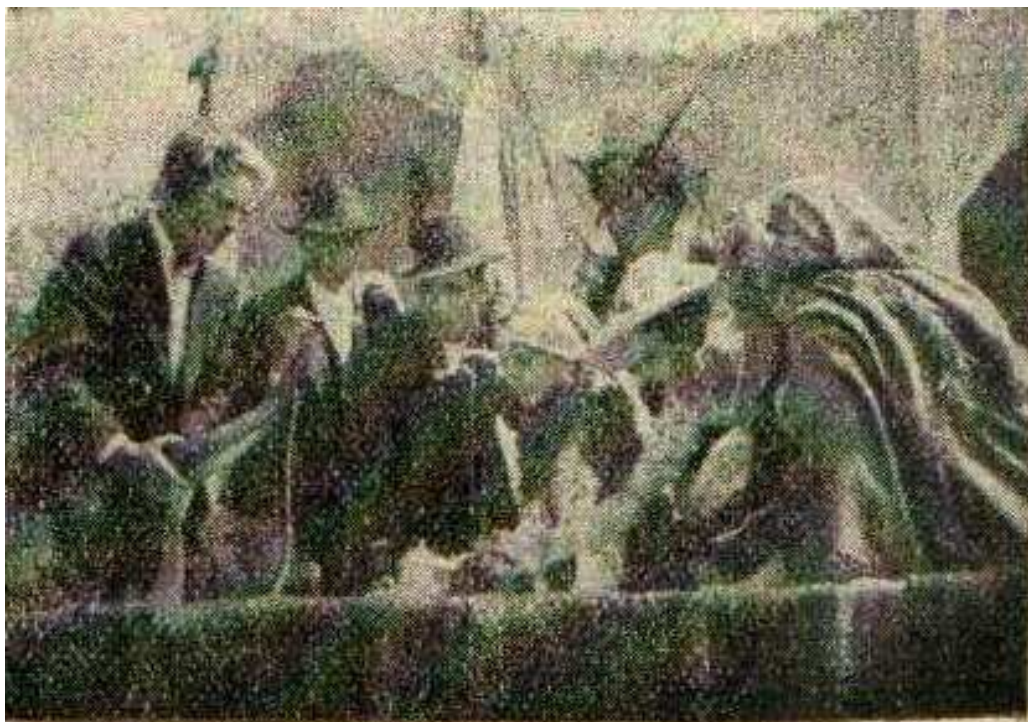


Ilustração 22 – Os pastores comem as migas de leite e pão, vigiados pela Inveja e pelo Diabo - Urrós, 1949 (MOURINHO 1952: 13).

Por fim concertados, a companhia prepara «migas» de leite e pão ⁽⁶⁹⁾, e, em terminado o repasto, adormecem tranquilos, para grande irritação do Diabo que, julgando que «os metia/ em lascivos pensamentos», os acha «conformes/ em o santo casamento» (vv. 1969 – 1972). Não resta, portanto, aos tentadores outro estratagema, que prenderem os pares amorosos ao seu poder maléfico (uma «corrente» que os puxará para o Inferno), para que «não ouçam/ novas do Céu nem da terra» (vv. 1975- 1976). Vulcano, prontamente desperto, invoca o auxílio de Deus e da sua coorte divina, na forma do Arcanjo Miguel, o «General S. Miguel» ⁽⁷⁰⁾. A aparição envia o Diabo e a Inveja para «a sepultura» infernal,

⁶⁹ Trata-se das vulgares sopas de leite e pão, cujo nome apenas se assemelha ao prato tradicional alentejano.

⁷⁰ Segundo a tradição o Arcanjo Miguel é o comandante supremo dos exércitos celestiais, sendo aquele que se costuma invocar na luta contra o negativismo. O seu nome em hebraico significa parecido com Deus. Costuma ser representado com uma balança de pratos numa mão, para pesar as almas no dia do Juízo Final, e na outra ostenta uma espada com que submete o Diabo e os seus poderes infernais. A iconografia representa-o, também, destruindo um dragão, daí derivando a lenda de S. Jorge. Nos retábulos barrocos, é vulgar aparecer vestido com armadura, assemelhando-se a um soldado romano, o que no imaginário popular poderá evocar este atributo de General, com que a personagem Vulcano o invoca. Esta situação

perante o assombro dos pastores, e anuncia o nascimento do Messias. Estes meditam, então, sobre a profecia de Isaías e sobre o mistério da Virgindade de Maria.



Ilustração 23 – Retábulo existente na Igreja matriz de Urrós, em que aparece representado o Arcanjo Gabriel.

Neste episódio expressa-se o antigo conceito de que *amor vincit omnia*. A Inveja, enquanto sinónimo de ciúme, de desarmonia social, de perdição, nascida do coração do Diabo, é vencida pelo altruísmo, pelo amor ao próximo, em última instância representado pelo anunciado Salvador do Mundo e pela sua mensagem: «amai-vos uns aos outros, como eu vos amei».

evocativa poderá ter ocorrido em Urrós, se tivermos em conta o retábulo existente na Igreja local, representando uma cena de Juízo Final.

2. A Edição Crítica do *Auto da Criação do Mundo ou Princípio do Mundo*

Normas de Transcrição

A transcrição dos textos em português é tendencialmente regularizadora e toma como referência a ortografia vigente em Portugal. Esta posição justifica-se pelo facto do presente texto estudado (“casco”) ser de origem popular e datado do início do séc. XX, no qual são visíveis marcas próprias do dialecto trasmontano, segundo a divisão dialectológica proposta por Leite de Vasconcellos. Todas as letras e sinais que não pertencem à norma vigente são substituídas pelos seus correspondentes actuais, salvo se traduzirem um facto de língua próprio do dialecto trasmontano, assim como a estrutura discursiva e alguns vocábulos, em final de verso, de difícil actualização devido à posição de rima que ocupam na quadra. Manifestos erros de edição de base, de prosódia e de fonética são também alvos de estudo e consequentemente actualizados. Foram mantidos intactos alguns termos característicos do dialecto trasmontano, visto ser imperioso não tocar nos factos da língua popular em consonância com textos de teatro que tinham como finalidade serem representados em voz alta e de forma laudatória e não em leitura silenciosa.

Assim sendo, especifica-se agora a sua amplificação detalhada.

Vocalismo

- ✓ A vogal *e* é substituída por *i* (crear> criar; pães> pais); o mesmo se sucede com valor de semivogal (orae>orai, publicae>publicai, vae>vai, despojae>despojai, mostrae>mostrai);
- ✓ A vogal *u* é substituída por *o* (furmar> formar; cubiça>cobiça; juelhos>joelhos, au>ao, suou>soou);
- ✓ As vogais nasais são actualizadas (Ceu > Céu, Sõl> Sol);
- ✓ A grafia das vogais nasais é modernizada em qualquer posição (saibâm> saibão; serem>serão, viram>virão).

Consonantismo

- ✓ As consoantes duplas são simplificadas (effeitos>efeitos, aquella>aquela, estrella>estrela, boccais>bocais;
- ✓ As grafias cultas que não permanecem na ortografia actual são simplificadas (Christo> Cristo, Abrahão>Abraão, Cahim>Caim);
- ✓ O *h* com valor de demarcar o hiato entre duas vogais diferentes foi regularizado (cahir> cair, sahi>saí, cahísseis>caísseis, ahí>aí);

- ✓ Regularização da consoante dupla *ph* (prophetas>profetas, blasphémia>blasfémia, esphera>esfera).

Outras normas

- ✓ A separação das palavras segue o uso moderno, recorrendo hífen quando necessário (hade>há-de, calate>cala-te, forma-lo>formá-lo, perdoaime>perdoai-me);
- ✓ As abreviaturas são desenvolvidas (Shr> Senhor, MI>Manuel);
- ✓ O emprego das maiúsculas é regularizado nos nomes próprios e no início de verso ou frase;
- ✓ A acentuação das vogais é distribuída segundo a ortografia actual.
- ✓ A pontuação é aplicada com parcimónia, procurando não ser directiva quanto à prosódia ou à estrutura da frase.
- ✓ A manutenção do ditongo [ow] *noute, doudice, cousa*,
- ✓ Reposição da distinção entre a bilabial /b/ e a labiodental /v/ *barinhas>varinhas, vaixou>baixou, vervo>verbo, bem>vem*.
- ✓ Regulamento das sibilantes predorsodentais e das ápico alveolares surdas e sonoras: *acezas>acesas, alviçaras>alvissaras, vós>voz*.

Normas de Leitura

Sendo um dos objectivos desta dissertação de Mestrado apresentar uma presumível reconstituição do *Auto da Criação do Mundo ou do Princípio do Mundo*, que terá servido de roteiro à representação em Urrós e a partir do manuscrito que lhe serve de suporte, sentimos a necessidade de recolher as diferentes versões existentes para, assim, por um lado, fundamentar a nossa proposta e, por outro, revelar a variação que este tipo de representação estava sujeita ao longo dos tempos.

Procurando manter os aspectos próprios da região Transmontana, nomeadamente da gente de Urrós, tais como o aspecto linguístico, textual e a norma que estava por detrás da construção deste tipo de textos, procurou-se explicitar a variação que este texto esteve sujeito durante longo tempo e por diversas formas.

Tendo em conta estes aspectos introdutórios, segue-se a descrição pormenorizada da sua leitura:

Aspecto Gráfico

- A.** Os versos estão numerados tendo em conta a contagem crescente de 5 em 5;
- B.** Com o objectivo de numerar o manuscrito, visto apresentar os versos sob a forma de duas colunas em cada página, foi adoptado a seguinte numeração: **1a** (início do primeiro verso da primeira coluna) e **1b** (início do primeiro verso da segunda coluna) ambas da primeira página e assim sucessivamente;

Aspecto textual

- A.** As didascálicas são apresentadas dentro de parênteses curvos, salvo as que são introduzidas por nossa autoria e que são representadas por parênteses rectos, devido à lógica do discurso e por não se encontrarem registadas no manuscrito original;
- B.** O texto apresentado em cor azul é recuperado da oralidade, não se encontrando na versão original;
- C.** O texto proposto é apresentado em cor negra;
- D.** As versões textuais recolhidas em Urrós são identificadas por meio de siglas, conforme se demonstra.

Textos escritos:

Texto A - O manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro, o “Casco” (1924);

Texto B – A versão dactilografada de Manuel Francisco Fernandes (1989);

Texto C – A versão manuscrita de José Francisco Ferreira (1971);

Textos Orais (Textos D):

D1 - José Maria Fernandes;

D2 - Fernando Augusto Alves;

D3 - Gonçalo José Meleiro;

D4 - Elisa de Jesus Gonçalves;

D5 - José Maria Marta;

D6 - José Maria Alves;

D7 - José Maria Monteiro;

D8 - Ana Maria Alves.

E: Notas de Rodapé: Exemplos.

- ✓ **33.** *Abiterno incriada*. C: *Abiterna incriada* (transcrição do original e versão em C);
- ✓ **35.** *formar*. Em C: *criou*; D3: *e do tudo formar do nada* (transcrição do original e versão em C e D3);
- ✓ **37.** Em A: *Redodizado*. Cf. Métrica. (Conforme se apresenta no original);
- ✓ **121.** Em A: *à*; C: *há*. (há poucas horas tirado) (Transcrição do original e substituição pela variante C);
- ✓ **Símbolo:** Ø. A(s) versão(ões) ou o(s) informante(s) não apresenta(m) o verso ou a quadra que o texto original apresenta.
- ✓ (...). Introdução de uma quadra que não surge no texto A e que se encontra noutra versão.
- ✓ (....) (....) (....) (....). Introdução de quatro quadras que não surgem no texto A e são apresentadas por outra versão.

A Criação do Mundo ou Princípio do Mundo

[Anunciador] ⁽⁷¹⁾

Deus criou o céu e a terra
é uma patente verdade
o autor do Universo
é o pai da Humanidade.

Desperta o povo e atende
não fiques adormecido
já se ouvem os clarins
contra o poder do inimigo .

05

Já o estandarte real
vem contra o cristianismo
destruindo o pecado
do mais profundo abismo.

10

Do mais profundo abismo
ou do maior engano
ninguém troca a liberdade
pelo gosto mais profano.

15

(Chama por Felisbel)

Felisbel como atrevido
no paraíso se encontrou
só para enganar a Eva
lá em serpente se formou.

20

⁷¹ Durante a nossa investigação deparámo-nos com o termo Anunciador, que, segundo José Maria Fernandes (D1), correspondia ao indivíduo que apresentava a peça, o qual referia sucintamente o conteúdo de cada episódio. Graças a este informante foi possível recuperar trinta e cinco dos sessenta versos existentes.

01-31. Versos recuperados a partir da versão oral do informante D1. As versões A, B, C, D2, D3, D7: Ø.

05. *Desperta.* Em D5: *Desculpe*; D6: *Desperte*.

07. *já se ouvem os clarins.* Em D5: *já sou velho escarvinho*.

08. *contra o poder do inimigo.* D5: *contra o povo divino*.

09. *Já.* Em D5: *Sou*.

10. *Vem.* Em D5: *Venho*.

11. *destruindo.* Em D5 e D6: *destruindo-vos*.

16 (...) **17.** Em 08-10-2007, conversando com D5 e D6, foi possível recuperar quatro versos que anteriormente não tinham sido recuperados: *Adão e Eva felizes/ no paraíso foram criados/ por serem curiosos/ logo foram desterrados*.

17. *Felisbel como atrevido.* Em D5: *No real como alarvino*.

18. *no paraíso se encontrou.* Em D5: *melhardino se encontrou*.

[Anunciador]

Onde vais embaixador
falando tão cruel.

Felisbel

Venho declarar ao povo
a vinda de Deus de Israel.

[Anunciador]

O que é que tu queres declarar
sendo tu um bandoleiro
sendo o maior enganador
de todo o mundo inteiro. 25

[Felisbel]

.....⁽⁷²⁾
Que tu falavas de mim
eu tenho pouco de surdo
por isso é que eu te ouvi. 30

(O diabo foge e mete-se no caldeirão onde estão os diabricos)

Anjo⁽⁷³⁾

A santíssima trindade
Ab eterno incriada
determinou criar tudo
e tudo formar do nada . 1a 35

Sendo tudo um puro nada
reduzido em confusão
foi da maneira seguinte
a série da criação.

⁷² Em D5: *Eu ouvi estava a escutar.*

30. *surdo.* Em D5: saúde.

⁷³ Antes da fala do Anjo, o Texto C apresenta os seguintes versos: *Antes do Mundo ser mundo/ Era informe a natureza/ Não brilhava o Sol no espaço/ Não tinha a terra firmeza; Era tudo terra imensa/ Sem um raio de luar/ Não brilhavam as estrelas/ Nem tinha ondas o Mar Por isso...* Em A, B, D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7 e D8: Ø

33. Em A: *Abiterno incriada*; B: *Abiterno encriada*; C: *Abiterna incriada*.

34. *determinou.* Em D3 *resolveu*.

35. *formar.* Em C: *criou*; D3 *e do tudo formar do nada*.

O Omnipotente Deus que em si mesmo existia Céu e a Terra criou porque a si mesmo o prazia.	40	
Criou a luz e os anjos logo no primeiro dia dotados de tanta beleza que nada lhe excedia.	45	
Dividiu a luz das trevas com tão bela formosura e à luz lhe chamou dia e às trevas noite escura.	50	
No segundo dia criou as águas para alimento e logo entre as mesmas colocou o firmamento .	55	
Ao firmamento e às águas que sob ele criou lhe pôs o nome Céu cujo sempre conservou.		
E as que debaixo ficaram da terra as separou unindo-as num só conjunto a quem Mar denominou.	60	1b
No quarto criou o Sol para de dia alumiar a lua e as estrelas para de noite brilhar.	65	
No quinto criou as aves e animais de terra e mar mandando-lhe expressamente crescer e multiplicar.	70	

43. *a si*: No original *assi*. No entanto, o advérbio é, em todo o texto, sempre grafado *assim*. As duas leituras são semanticamente admissíveis. Em C: *assim lhe prazia*.

46. O texto A encontra-se em mau estado e a letra inicial está ferida. Em B: *mantos*; C: *dotados*;

46. Em A: *bleza*: Cf: métrica.

54. *entre*. Em C e D3: *sobre*.

55. *colocou*. Em B: *criou*.

65. *Alumiar*. Em B e C: *iluminar*.

E vendo ser muito bom
tudo o que tinha criado
resolveu no dia sexto
ser o homem formado. 75

E as criaturas da terra
o elevou com tal vantagem
pois dignou-se formá-lo
mesmo à sua imagem.

Para que como senhor 80
dotado de razão
delas usasse e gozasse
em qualquer ocasião.

E para dar estimação 85
a um fenómeno como este
o deixou para mais regalo
no paraíso terrestre .

Neste lugar ameno 2a
um sono lhe infundiu
tirando-lhe uma costela 90
donde a mulher saiu.

Estas duas criaturas
gerantes da criação
têm os célebres nomes
um de Eva, outro de Adão. 95

(Sai Adão e Eva)

(Fala o Anjo)

Adão e Eva felizes
neste paraíso gozai
de tudo podeis comer

72. *bom*. Em C: *bem*.

77. *o elevou*. Em C: *as elevou*.

78. Em A: *dignousse formalo*; C: *Dignando-se formar o Homem*.

87. *terrestre*. Em B: *celeste*.

93. *Gerantes*. Em C: *Geradas*.

94. *têm os célebres nomes*. C: *Um tem o nome de Eva*.

95. *um de Eva e outro Adão*. Em C: *E o outro o nome de Adão*.

95 (....) 96. Em C e D3: *Se querem contemplar/ tão perfeitas criaturas/ aqui as podem ver/ saem já duas figuras*.

nesta árvore não tocais.

Porque se vós dela comerdes
será para vós coisa dura
Eva será desterrada
e Adão para a sepultura. 100

Acoutelai-vos da soberba
da curiosidade e cobiça
a Deus sede obedientes
conservando a justiça. 105

(Fala Adão)

Misterioso sono tive
neste ameno jazigo
agora minha consorte
me acho para contigo 110

Abençoe-te o Senhor
que a ti e a mim formou
ele se digne que alcancemos
o fim para que nos criou. 115

E para mais clara notícia
do princípio que tivemos
é justo que atendamos
o que nisto meditamos. 2b

100. *Comerdes*. Em B: *comeres*.

101. *coisa*. Em C e D3 *causa*.

102. *Eva*. Em D3: *Eva irá*.

103. *Adão*. Em C: *Adão irá*.

96 -103. Em A: 96-103 sem separação; B e C (96-99; 100-103).

104. Em A: *A coutelaivos* (registo falante).

108 - 111. As versões apresentadas por Abelho (1968:31-190), Martins (1939:139-281) e Vasconcellos (1976: 209-264) têm início neste ponto e apresentam uma versão muito semelhante, iniciando-se o texto com a fala de Adão: *Estive até agora dormindo/ ainda agora acordei/ deste meu esquerdo lado/ minha companheira achei*.

111. *contigo*. Em A: *com tigo*; D2: *a par contigo*

112. Em A: *Abencouete o Snr* (registo falante); B: *Abençoa-te*; C: *Determinou*

113. *formou*. Em C e D2: *criou*.

114. *ele se digne que alcancemos*. Em B: *Ele se digne abençoar-nos*; C: *Nos dignamos alcançar*.

116. *Clara*. Em A: *chara*

118. *Atendamos*. Em B: *atendemos*; C: *me atendas*.

119. *Meditamos*. Em D: *meditemos*.

Foi do abismo do nada há poucas horas tirado e dum belíssimo barro foi o meu corpo formado.	120	
Neste campo damasceno ou terra que Éden se chama onde agora juntou um pouco de lodo ou lama.	125	
Disse Deus todo poderoso: “Para perpétua lembrança quero fazer o homem à minha imagem e semelhança”.	130	
O mesmo Senhor debuxou do lodo minha figura só ele podia alcançar tão perfeita criatura.	135	
Este corpo organizado em que Deus lhe separou vida sentidos e alma perfeito homem ficou.		
Quem eu era me fez ver mostrando coisa certa da terra onde saíra minha sepultura aberta.	140	
Lembra-te [o] que disse o anjo com cuidado aprendêssemos não fôssemos curiosos nem nos ensoberbecêssemos.	145	3a

120. *Foi*. Em C: *Fui*.

121. Em A: *à*; C: *há*.

125. *Éden*. Em A: *Adam*; B e D2: *Adão*.

126. *onde agora juntou*. Em C: *onde com água formou*.

127. *lodo*. Em B: *leito*.

130. *fazer*. Em C: *formar*.

132 - 135. Em C: Ø.

133. *lodo*. Em B: *lado*.

137. *em que Deus lhe separou*. Em C: *Deus lhe inspirou*.

141. *mostrando coisa certa*. Em D2 *mostrando-me por coisa certa*.

Se quiséssemos ser mais
do que o Senhor nos fizera
tornaríamos a vir a ser
o mesmo que antes éramos. 150

Sirva de exemplo os anjos
que no Céu foram criados
por quererem elevar-se
abaixo foram lançados. 155

E já que somos feitos
de matéria quebradiça
não nos deixemos elevar
da soberba e cobiça.

Suposto este nos fez
com tanta bela formosura
que a mesma ciência divina
se empenhou em nossa figura. 160

Dotando-nos de memória
para dele nos lembrar
de entendimento e vontade
para o sabermos amar. 165

Porque tais são os três actos
que formam nossa exactitude
notícia, saber e amar
memória, entendimento e vontade. 170

Pois Deus em toda a obra
seja baixa ou seja alta
como pode sabe e quer
nada lhe sobeja nem falta. 175 3b

E assim com um só Deus
são três distintas pessoas
assim estas três potências

150. *tornaríamos a vir a ser*. Em C: *voltaria o nosso corpo a ser*.

151. *o mesmo que antes éramos*. Em C: *o mesmo que dantes era*.

154. *por quererem elevar-se*. Em B: *não nos deixemos enlevar*; C: *por quererem ser soberbos*.

158. *elevar*. Em B: *enlevar*; C: *levar*.

169. *exatidade*. Em C: *liberdade*.

172. *em toda a obra*. Em C: *de tudo fez obra*.

175. *nada lhe sobeja nem falta*. Em C: *nunca nada lhe falta*.

são da nossa alma coroas.

E sendo nós tão perfeitos
sem sombra do mesmo mal
como imagem tanto ao vivo
daquele divino original. 180

Nos intimou muito o anjo
do que faço reflexão
nos amássemos um ao outro
com recíproca união. 185

Por isso foi conveniente
não fosses tu mais do que eu
todo o que tem essa falta
já por perdido se deu. 190

Podia fazer-te da terra
deste paraíso ameno
mas podias tu dizer
não sou barro damasceno. 195

Podia-te fazer das plantas
das aves ou animais
mas podias tu dizer
que por isso eras mais.

E como é certa a perdição
para toda a criatura
querer ser um mais que outro
sendo da mesma natura. 200 4a

Determinou o Senhor
por sua alta providência
fazer-te da minha costela
para sermos uma só essência. 205

E para isso servido
que eu dormisse descansado
e dormindo me tirou
uma costela do meu lado. 210

Desta costela te fez
com tão bela gentileza

185. *faço*. Em C: *peço*.

203. *sendo*. Em B: *levado*.

208 e *para isso servido*. Em B: *e para isso foi servido*.

para que ambos soubéssemos
ser uma só natureza. 215

Mandou que o amássemos
sobre tudo o que havia
e depois um ao outro
com perfeita harmonia.

Crescer e multiplicar 220
até o mundo ser cheio
observando bem a lei
não teremos algum receio.

E que te regalasse 225
como eu fosse regalado
e que tu me obedecesses
pois estás ao meu mandado.

Proibiu-nos o comer 4b
daquele fruto vedado
e com a pena de morte 230
é que ficou reservado

Num recíproco amor
mandou que houvesse entre nós
e que tu obedecesses
à minha primeira voz. 235

Eva

Bem persuadida estou
que te devo obediência
pois assim o determinou
a Divina Providência.

Ainda tenho presente 240
o que o anjo nos intimou
quando neste paraíso
connosco ambos falou.

214. *soubéssemos*. Em C: *conhecêssemos*.

224. *regalasse*. Em B: *regalasses*.

228. Em A: *o comer*; B: *de comer*

232. *amor*. Em B: *mar*;

235. *à*. Em B: *há*.

236. Em A: *persuadiada*; B: *pressuadida*.

241. *intimou*. Em D2: *ensinou*.

Nem pode haver melhor coisa
em qualquer sociedade
do que haver entre nós
muita conformidade . 245

Seria grande desordem
fazer-te desobediência
criando-nos o Senhor
no estado da inocência. 250

A soberba e os mais vícios
vão para longe de mim
conservemos a justiça
para séculos sem fim . 255

Mas meu consorte amado 5a
diz-me se pode ser
qual é o sinal de ser mais
para eu o conhecer.

Adão

Repara para estas barbas
que mas pôs a providência
elas por si requerem
respeito e obediência. 260

Este é um sinal certo
de ter mais entendimento
pois assim o devo mostrar
em todo o lugar e tempo. 265

Eva

Esse sinal que mostras
respeitável deve ser
o Senhor que aí o pôs 270

244. *Nem.* Em D2: *Não.*

247. *muita conformidade.* Em D2: *A mútua conformidade.*

252. *mais.* Em B: *maus.*

254. *conservemos.* Em B *conservamos.*

255. Em A: *sécula.*

256 – 259. Em D3: *Vem cá meu doce esposo/que aqui está quem há-de estar/diz-me qual é o sinal certo/para eu te conhecer.*

262. *elas por si requerem.* Em D3: *delas por si sugerem.*

269. *respeitável.* Em D3: *respeito.*

outro fim não pode ter.

O mesmo Senhor permita
que seja sempre acertado
tudo o que é entendimento
e houver premeditado.

275

Adão

Teus ditos minha consorte
são fundados na razão
preza a Deus que nos não cause
algum dia confusão.

Vivamos minha consorte
vamos sempre assim
fazendo a Deus a vontade
eu a ti e tu a mim.

280

E assim seremos ditosos
em conformidade e amor
conservando sempre a graça
que nos deu o Criador.

285

5b

Mas oh! esposa querida
digamos sempre a verdade
para nunca ofender-mos
a Suprema Majestade.

290

Olha que o Senhor nos pôs
um preceito apertado
de não comer nem tocar
naquele fruto vedado.

295

271. *pode*. Em B: *podia*.

272. *permita*. Em B: *permitia*.

273. Em A: *seja*. Em D2: *Que seja*.

274. Em A: *tudo o que entendimento*; D2: *tudo o que é entendimento*.

276. *Teus ditos*. Em C: *Essas ditas*.

277. *são fundados*. Em C: *são fundadas*.

278. Em A: *praza*; B: *praz*.

280. Em A: *Vivamos*; B: *Viramos*.

281. *vamos*. Em D2: *vivamos*.

284. *ditosos*. Em D2: *ditos*.

288. *oh*. Em A: *hó*; B: *ó*; D2: *ah*.

295. *vedado*. Em B: *sagrado*.

Que ele mesmo reservou
como fruto singular
da árvore da ciência
do bem e do mal obrar.

Por isso tenhamos conta 300
não façamos o contrário
muitos anjos se perderam
por um só adversário.

Também o anjo nos disse 305
o que não nos deve esquecer
se quebrássemos o preceito
que mal nos havia ver.

Agora quero-me encostar 310
neste jardim deleitoso
pois o dormir no paraíso
é sono delicioso.

Ora pois dá-me licença 6a
porque me quero deitar
e tu se te parecer
também podes aqui estar. 315

Eva

É onde estou melhor
e mais à minha vontade
eu não tenho mais alguém
com que faça sociedade.

Agora já dorme Adão 320
poderei dar algum passeio
mas que me suceda mal
poderei ter algum receio .

Mas enfim sempre irei 325
não tenho que recear

305. Em A: *o que nos não deve esquecer.*

307. *que mal nos havia ver.* Em C: *nos havíamos arrepender.*

314. *parecer.* Em C: *quiseres.*

323. *poderei ter algum receio.* Em D2: *poderei ter muito receio;* D3: *tenho que ter algum receio.*

324. *enfim.* Em B: *em fim.*

ora neste paraíso
muito há que admirar .

Quero ir ver a árvore
que o Senhor tem proibido
tocar nela isso não
que a veja há-de consentir. 330

(Vê junto da árvore uma serpente)

Quem te deu atrevimento
serpente de ter subido
a essa árvore vedada
que o Senhor tem proibido. 335

Serpente

Quem te meteu na cabeça
haver tal proibição
olha que sempre és bem louca
se a isso dás atenção.

Eva

Fez o Senhor um decreto
com rigoroso preceito
quem comesse dessa árvore
seria à morte sujeito. 340 6b

Serpente

A ciência do bem e do mal
que nela está encerrada 345

326. *ora*. Em C: *agora*.

328 - 331. Em C: Ø.

327. Em A: *á*.

329. *tem proibido*. Em C e D2: *quis proibir*.

332 - 335. Em C: Ø.

336 – 339. Em C: Ø.

337. *haver tal proibição*. Em D2: *de haver tal proibição*.

338. *olha que sempre és bem louca*. Em D3: *olha que serás bem louca*.

340 - 343. Em C: Ø.

340. *Fez*. Em D3: *Pôs*.

342. *quem comesse dessa árvore*. Em D2: *quem tocasse nessa árvore*; D3: *quem comesse desse fruto*.

343. *seria à morte sujeito*. Em D3: *ficaria à morte sujeito*.

como há-de ser proibida
uma coisa tão estimada?

Quem comer deste fruto
muita ciência há-de ter
será semelhante aos Deuses
igual no seu saber. 350

Tira-te já de cuidados
e temeres de morrer
come tu como eu faço
e sábia virás a ser. 355

Eva

Sempre irei pegando nela
só por ter ocasião
para ter tanta ciência
como os Deuses e Adão.

Serpente

Come,[e] serás minha amiga
olha o pomo tamanho
não tenhas temor algum
que com a verdade te engano. 360

(Vendo que Eva comeu)

Olá! Olá! minha amiga
olha a tua ciência
agora já estás perdida
arma-te de paciência. 365

(Tira-lhe o manto e diz:)

Já não tens outro remédio
se não fiques perdida
se fizeres cair Adão 7a
370

345. Em A: *nela*; D2: *que nela*.

351. *igual*. Em C: *e igual*.

352. Em A: *tira-te já cuidados*; C e D2: *tira-te já de cuidados*.

353. *e temeres de morrer*. Em C: *e não temas de morrer*.

354. *come tu como eu faço*. Em C: *come tu e como eu*.

359. *Deuses e Adão*. Em B: *Deuses de Adão*; C: *Deus e Adão*.

360. *Come*. Em C: *Como*.

ficar-te-ei agradecida.

Eva

Maldita sejas serpente
com cujos dolos caí
por teus malditos afagos
a Deus desobedeci. 375

Enganaste-me com um pomo
por minha sinceridade
maldita sejas serpente
inimiga da verdade.

Oh! miserável de mim. 380
Oh! dragão que me enganaste
onde está o manto de graça
que agora me tiraste?

Fruto do bem e do mal
é o que agora comi 385
pois o mal já o possuo
e o bem já o perdi.

Oh! que desgraçada estou
sem a justiça original
eu só sabia do bem 390
e agora já sei do mal.

Podendo eu estar bem
com o meu Adão amado
por curiosa me entreguei
à maldição do pecado. 395

Já agora me vejo nua 7b
e em tão mísero estado
já perdi o manto de graça
que o Senhor me tinha dado.

373. *com cujos dolos caí*. Em D2: *em cujos dolos caí*.

381. *ó dragão*. Em A, a palavra encontra-se em mau estado e a palavra inicial está ferida; B: *dragão*; C: *maldita*.

386. *pois o mal já o possuo*. Em B: *pois o mal já é plenário*.

389. *justiça*. Em C: *graça*.

394. *curiosa*. Em C: *ansiosa*.

396. *Já agora me vejo nua*. Em C: *Estou neste traje metida*.

398. *manto*. Em C: *véu da graça*.

Dizei-me pois passarinhos que cantais alegremente se podeis dar algum remédio a esta pobre inocente?	400	
E muito mais me confunde ser eu só a que pecasse ficando por isso em pecado e Adão em graça ficasse .	405	
Vou levar-lhe a maçã mas ele comê-la-á bem? Vendo que eu estou nua e ele com o manto que tem.	410	
Da experiência do bem já não posso duvidar vou-me chegar para Adão antes que me entre a chamar .	415	
Se puder chegar a ele enquanto estiver dormindo hei-de ver se [o] engano para não se ficar rindo.		
Entrarei por detrás da murta onde ficou encostado como me não veja o corpo pela fala hei-de enganá-lo.	420	
Adão, esposo querido que sono te atacou? Olha que eu já fui comer do fruto que Deus me vedou.	425	8a
Ele é fruto da ciência por isso Deus o proibia só para que não soubéssemos	430	

407. e Adão em graça ficasse. Em B: e Adão sem graça ficasse.

411. manto. Em C: graça.

412. bem. Em C: mal.

415. antes que me entre a chamar. Em B e C: antes que me encontre a chorar.

420 - 423. Em C: Ø.

420. murta. Em D3: porta.

420 – 423. Em C: Ø.

428 - 431. Em C: Ø.

o que ele ocultar queria .

Disse-me a serpente
que sem receio comêssemos
que já sabíamos do bem
e do mal também soubéssemos. 435

Quem há-de viver no mundo
com juízo e entender
só saber do bem é pouco
bem e mal há-de saber.

E comendo nós deste fruto 440
ficaremos em um momento
semelhantes aos Deuses
enquanto ao entendimento

Eu comi bem à vontade
do pomo que Deus vedou 445
e não me causou a morte
pois não me causou a morte
ainda em vida estou.

Trago-te aqui só metade
para que queiras comer 450
come não tenhas temor
olha que não hás-de morrer.

Adão

Pois se isso assim é 8b
e comeste sem morrer
dá-me cá esse bocado 455
que eu também quero comer.

Oh! mulher que me enganaste
oh! desgraçada maçã

431. Em A: *encultar*; D3: *encontrar*.

437. Em A: *Juiz*; C: *juízo*.

443. *enquanto*. Em C: *quanto*.

446. O verso foi repetido. Em B e C somente apresenta o verso 447.

450. *para que queiras comer*. Em D3: *para que possas comer*..

451. *temor*. Em C: *receio*.

455. *bocado*. Em C: *metade*.

457. *mulher*. Em C: *Ó Eva*.

458. *ó, desgraçada maçã*. Em C: *o que as criaturas pensam!*.

Adão triste coitado
que perdeste a bênção. 460

Que desculpa hei-de dar
ao Senhor de tudo criado
vestindo-me ele de graça
que perdi pelo pecado.

Que mais queria saber 465
que o que Deus me ensinou
para que quis apetecer
o que ele reservou ?

(Olha para a mulher)

Oh! desgraçada mulher
tu já estavas despida 470
e só para me enganares
me falaste escondida.

Infeliz foi o bocado
que comemos desta maçã
tu ficaste ingrata Eva, 475
e eu desgraçado Adão.

E agora como há-de ser

9a

que já estamos despidos
vamo-nos pois esconder
nós já estamos perdidos. 480

E se chama agora o Senhor
minha triste companheira?
Vem cá e ocultemo-nos
debaixo desta figueira.

([Entra] o Anjo)

Adão! Adão! onde estás? 485

Adão

467. *apetecer*. Em B: *aprender*; C: *comer*.

468. *reservou*. Em C: *vedou*.

470. *despida*. Em C: *perdida*.

473 - 476. Em C: Ø.

481. *E se chama agora o Senhor*. Em D3: *Chamo agora o Senhor*

Senhor! desde que me vi despido
escondi-me aqui para trás .

Anjo

Quem te declarou a ti
que agora estavas despido ?
Não foi por comeres do fruto
que te estava proibido . 490

Vem cá e ouvirás
o que agora te direi
pois que te atreveste
a desobedecer à lei . 495

Adão

Eva foi que me enganou
oxalá eu não a crera
disse-me que comesse do fruto
e que nem por isso morrera.

Anjo

Oh! homem cobarde
pouco foi o teu valor
estimavas mais [a] tua vida
que a honra do criador. 500

Mas oh Eva enganadora
como tiveste ousadia
de induzir o teu consorte
no que ao Senhor ofendia? 505 9b

487. *para trás*. Em B: *por trás*.

488. *Quem te declarou a ti*. Em D7: *Quem é que te declarou a ti*.

489. *que agora estavas despido*. Em D7: *que tu estavas despido*.

490. *Não foi por comeres do fruto*. Em D3: *Não comerias tu do fruto*.

491. *que te estava proibido*. Em D3 e D7: *Que Deus te tinha proibido*

494. *pois*. Em B: *porque*.

495. *à lei*. Em B: *à minha lei*.

497. Em A: *Ochalá*; D3: *Deixa-o lá o não queira*

502. *vida*. Em C: *ciência*; D7: *Quiseste mais a tua virgem*.

504. *Mas oh Eva*. Em D3: *E tu Eva*.

506. *induzir*. Em D3: *dizer*.

Eva

Ó anjo de Deus mandado
eu bem sei que tive a culpa
a serpente me enganou
sirva-me isto de desculpa. 510

Anjo

Não foi somente a serpente
foi a tua presunção
e o fazeres pouco caso
dos conselhos de Adão. 515

Tu pensavas alcançar
colher e saber divino
por isso te perdeste
com o maior desatino.

E se te viste perdida
já caída no pecado
que ganhavas em perder
o teu consorte amado? 520

Eva por teu pecado
receberás grande pena
mas a serpente é a primeira
a quem o Senhor condena. 525

Ó serpente desgraçada
do pecado instrumento
para sempre será a terra
o teu único sustento. 530

De rasto andarás
e não terás pé nem mão
arrastando sempre o corpo
com o peito pelo chão. 535 10a

E da mulher nascerá
lá em certa ocasião
quem te pise a cabeça

509. *eu bem sei.* Em D2: *eu sei bem.*

512. *Não foi somente a serpente.* Em D4: *Não foi menos a serpente.*

514. *e o fazeres pouco caso.* Em D2: *em fazeres pouco caso.*

517. *colhe e saber divino.* Em C: *Deus e poder.*

530. *para sempre será a terra.* Em B: *terás para sempre na terra.*

já que lhe foste traição.

E o teu castigo ó Eva
se o bem advertires
padecerás grandes dores
em cada vez que parires. 540

E porque enganaste
o teu consorte Adão
tu e as mais tereis sempre
aos consortes sujeição. 545

E tu, Adão, por consentires
na ofensa do Criador
terás sempre o sustento
de teu trabalho e suor. 550

Muito padecerás
no pouco que hás-de viver
e vivendo sempre em miséria
hás-de por fim morrer. 555

Isto não [é] só para ti
mas para tua descendência
que é o pecado original
a funesta consequência.

Desgraçada foi em vós
toda a geração humana
sendo vós os que coroavam
as obras desta semana. 560 10b

Oh tristes que já não sois
feliz como éreis dantes
o estado da inocência
durou bem poucos instantes. 565

Dizei-me pobres humanos

538. *pise*. Em C: *esmaque*.

539. *foste*. Em B e C: *fizeste*.

541. *se o bem advertires*. Em C: *segundo o que me propus*.

542. *padecerás grandes dores*. Em C: *serão as grandes dores*.

543. *em cada vez que parires*. Em C: *sempre que deres à luz*.

556. Em A: *Isto não só para ti*; C: *Isto não é só para ti*.

557. *descendência*. Em B: *desobediência*.

562. *sendo vós os que coroavam*. Em D2: *sendo vós os que criáveis*.

que turvação vos perdeu?
Porque não usastes vós
da ciência que Deus vos deu? 570

Bem vos podia lembrar
que a soberba e ambição
muitos anjos fez demónios
e réus de condenação. 575

Que ambição foi a vossa
vós querieis penetrar
os segredos do grande Deus
que só ele os pode alcançar .

O saber do Criador 580
não é para as criaturas
nem para os anjos do Céu
sem matérias nem figuras.

E querieis vós alcançá-lo
pobres bichinhos da terra 585
para fora do paraíso
desterrados Adão e Eva.

(O Anjo vai-se)

(Sai Adão com a enxada e Eva com a roca) 11a

(Adão fala)

Trabalha pobre mulher
nós já somos condenados
a trabalhar e a suar 590
para sermos sustentados.

Já as árvores não dão fruto
que nós possamos comer
nem a terra nada dá
sem primeiro a romper . 595

574. *muitos anjos fez demónio*. Em C: *muitos anjos se perderam*.

579. *pode*. Em D2: *sabe*.

584. *alcançá-lo*. Em C: *penetrá-lo*.

590. *a trabalhar e a suar*. Em C: *a trabalhos e suores*; D2: *a trabalhar e a viver*.

593. *que nós possamos comer*. Em C: *que sirva para nós comer*.

595. *romper*. Em B: *remexer*.

596 - 599. Em C: Ø.

E ainda trabalhando-a
fica ela de tal casta
cria erva como sargaço
e não trigo como madrasta.

Já a justiça original
que perdemos pelo pecado
faz que mesmo trabalhando
é bastante escusado. 600

Até as feras do monte
que nos tinham obediência
se levantam contra nós
com feroz inclemência . 605

Mas ainda aqui não pára
nossa desgraçada sorte
ficamos réus do pecado
e por fim sujeitos à morte. 610

Ainda vai mais adiante
a nossa fatal ruína
pois já estamos incurso
na indignação Divina . 615 11b

Já também experimentamos
as perdas regalias
do ameno Paraíso
que tu até agora vias.

A culpa que cometemos 620

598. *cria erva como sargaço*. Em C: *cria erva com sargaço*; D2: *cria hera como o sargaço*; D3: *cria erva como garça*.

599. *e não trigo como madrasta*. Em D3: *e trigo como madrasta*..

603. *é*. Em B: *Seja*.

604 - 607. Em C: Ø.

608 - 611. Em C: Ø.

607. *inclemência*. Em D2: *clemência*.

612. *adiante*. Em C: *longe*.

614. Em A: *pois já estamos incursos*; C: *já estamos condenados*.

615. *na indignação divina*. Em C: *pela justiça divina*.

616 - 619. Em C: Ø.

620. *A culpa*. Em C: *O pecado*.

624 - 627. Em C: Ø.

628 - 631. Em C: Ø.

causou-nos tal maldição
que já não são para nós
belos frutos de bênção.

Já agora estamos sujeitos
a sofrer enfermidades
coração de natureza
e outras penalidades. 625

A razão que até agora
nossas acções governava
já pelas nossas culpas
ficou cega e esforçada. 630

Tal foi a nossa cegueira
depois do pomo comer
que já nada mais tememos
senão somente morrer. 635

Mas que logo fosse a morte
muito pouco importava
era mais ou menos figura
de poucas horas formada.

O caso é que ofendemos
a Divina Onnipotência
suprema e incriada.
infinita por ciência. 640

12a

Esta era a circunstância
por nós inadvertida
que devíamos amar a Deus
ainda mais que a própria vida. 645

Estejamos advertidos
que ainda que não queiramos
Deus nos há-de pedir contas
do bem e do mal que obrarmos. 650

Mas, oh, quanto mal nos fez

633. *pomo*. Em C *fruto*.

634. *tememos*. Em B: *temos*.

643. *ciência*. Em B: *excelência*.

645. *inadvertida*. Em B: *invertida*.

648. *advertidos*. Em C: *descansados*.

651. *obramos*. Em B: *obramos*; C: *façamos*.

o pecado cometido!
Nesta vida mil misérias
na outra eterno castigo. 655

Meu doutíssimo Jesus
rendido estou confessando
que tenho de vos dar contas
mas a hora não sei quando.

Sendo eu retrato vosso 660
por vossa mão debuxado
manchei a vossa figura
com o meu enorme pecado.

Já não sinto condenar-me
ao inferno eternamente 665
se cá nisto satisfizesse
a Justiça Onnipotente.

Pois que em mim conheceis
tão ingrata enormidade
se vos convém condenar-me 670
faça-se a vossa vontade.

12b

E se vós quereis condenar-me
eu não me posso queixar
pois não há outro juízo
para quem possa apelar. 675

Anjo

Cala-te, Adão temerário
no teu modo de dizer
pois tens outro tribunal
a quem possas recorrer.

Portanto mais não prossigo 680
põe tua alma em concórdia
podes apelar da justiça
para a divina Misericórdia.

Sabe que Deus tem justiça

654. *mil.* Em C: *só.*

656. *Meu Doutíssimo Jesus.* Em C: *Bom Doutíssimo Deus.*

659. *a hora.* Em C: *ainda.*

680. *prossigo.* Em B: *prossigas.*

684 – 687. Em B: Ø.

mas também tem piedade e para esta recorre com perfeita humildade.	685	
Lança-te arrependido com pesar e contrição e do pecado passado terás completo perdão.	690	
(Adão de joelhos)		
Oh, meu Deus todo Poderoso pesa-me bem na verdade de ofender tão gravemente vossa divina majestade.	695	13a
Só por ser vós quem sóis tão digno de ser servido mais quisera eu morrer do que haver-vos ofendido.		
Ainda que não houvesse inferno o que eu tenho merecido já pela vossa bondade me prostro arrependido.	700	
Ainda que o Céu não houvesse para que vós me criastes quisera amar-vos tanto como a mim me amastes.	705	
Por isso Senhor me pesa de haver-vos ofendido quisera ter meu coração com dor e pesar partido.	710	
Mas proponho firmemente com vossa graça ajudado antes mil vezes morrer que cometer um só pecado.	715	

688 – 691. Em B: Ø.

692. O texto A apresenta no início da página 13a a seguinte indicação: *Esta página está inválida*. Verificamos que as quadras 165 a 178, do texto B, correspondem, na realidade, aos vv. 860 - 915; as quadras 179 a 219, correspondem aos vv. 692 – 859;

693. *pesa-me*. Em B: *prepara-me*.

701. *O que eu tenho merecido*. Em B: *A culpa por mim merecido*.

712 – 715. Em C: Ø.

E deste que cometi
por minha culpa Senhor
humilde peço perdão
perdoai-me pelo vosso amor.

(Eva de joelhos)

Senhor! porque da culpa
eu fui a causa primeira
pesa-me muito ter caído
em tão enorme cegueira.

14b

Mas o que posso alegar
oh, meu Deus e Criador
é que de ter pecado
tenho muito grande dor.

Não pelo medo da culpa
mas sim pela vossa bondade
digno de ser amado
por toda a eternidade.

Por este mesmo motivo
proponho mais não pecar
dai-me Senhor vossa graça
para assim a praticar.

Anjo

Adão e Eva infelizes
foram grandes vossos pecados
mas por vossa contrição
estais assim melhorados.

Pois o Senhor atendeu
ao vosso pesar e dor
mas tende por fundamento
o seu divino amor.

Hei-de buscar vosso sustento
com desvelo e cuidado
e guardai a lei natural

716. *E deste que cometi.* Em B: *E desde que cometi*; C: *Se o pecado cometi.*

727. *grande dor.* Em C: *muita pena e dor.*

737. *foram grandes.* Em B: *fostes pelos.*

739. *melhorados.* Em C: *perdoados.*

que o senhor vos tinha dado.

Mas porque só aspiráveis
a cumprir o vosso gosto
ide trabalhar para comer
com o suor do vosso rosto.

750

15a

Dois instrumentos levais
que bem vos poderão servir
para lembrança bem constante
para nunca mais cair.

755

Trabalhai Adão e Eva
cultivai a terra dura
mas tende sempre presente
que será vossa sepultura.

Que o senhor vos promete
como assim bem o cumprais
ainda entrareis na glória
vós e outros muitos mais.

760

Não será tão brevemente
nem tal queirais entender
que primeiro a divina justiça
se há-de satisfazer.

765

E não há-de ser por vós
nem pelo vosso cuidado
mas pelo saber divino
que vós tendes agravado.

770

O Senhor vos promete isto
porém não vos quer dizer
se não quando for servido
como e em que tempo há-de ser.

775

Mas por vossa contrição
é o Senhor tão sofrido
que já vos tem perdoado
todo crime cometido.

15b

748. Em A: *aspiravas*; C: *aspiráveis*

750. *ide trabalhar para comer*. Em C: *é forçoso trabalhar*.

754. A palavra inicial no texto A está ferida. Em B: *para lembrança bem constante*; C: *tende sempre na lembrança*.

755. A palavra inicial no texto A está ferida. Em B apresenta a palavra *para*; C: *de*.

772-775. Em C: Ø.

Porém a pena do dano que consiste em o não ver reserva a justiça divina até se satisfazer.	780	
Mas lá prepara o limbo ou o seio d'Abraão para ali estar[d]es em pena até [à] vossa redenção.	785	
Mas guardai muito à risca os preceitos naturais conforme a lei divina donde dependem os mais.	790	
Tu Eva pecadora não vivas desconfiada está a misericórdia divina a teu favor empenhada	795	
Pois de ti há-de nascer ou da tua geração quem esmague a serpente já que te foi traição.		
Há-de ser uma donzela quem lhe pise a cabeça fazendo-a estar sujeita até que lhe obedeça.	800	
E saiba todo o vivente que agora fica mortal e que os males deste mundo são os filhos deste mal.	805	16a
Se não caísseis na fraqueza daquele fruto comer iríeis com vossos filhos para a glória sem morrer.	810	
Mas já que haveis de morrer pois é decreto do Eterno morrei na graça de Deus para que vos livre do inferno.	815	

788 - 791. Em C: Ø.

794. *está a misericórdia.* Em C: *esta misericórdia.*

E tu Adão conserva
o que Deus terminou
para deixares notícias
do que agora se passou.

Para que teus descendentes
saibam que já são iguais
e não caiam na soberba
de alguns quererem ser mais. 820

Que desgraçada é a culpa
que funesta o pecado
pois tão breve faz mudança
do bom para o mau estado. 825

O Senhor que vos criou
vos queira sempre guardar
de não pecar mais nesta vida
para na outra gozar . 830

Agora saíde com presteza
por esse mundo há bem
deixai já o paraíso
não entra cá mais ninguém. 835 16b

Tenho recomendação
de sua porta guardar
como o Senhor o mandou
assim o quero obrar.

Para que nem vós nem outros
tomem a vossa ocasião
de comer d'aquela fruto
que foi vossa perdição. 840

Não poderá haver pessoa
que deixe de lamentar
vendo-vos ir feitos réus 845

817. *terminou*. Em C: *determinou*.

820 - 823. Em C: Ø

821. A palavra inicial no texto A está ferida. Em B: *saibam*.

830. *de pecar mais nesta vida*. O texto A apresenta paralelamente a este verso e transcrito a lápis o verso: *de não pecar mais nesta vida*.

831. *para na outra gozar*. Em C: *para a vida externa gozar*.

833. *há bem*. Em B e C: *além*.

844 - 847. Em C: Ø.

e desterrados andar.

Com isto ide com Deus
a paz de Deus vos assista
adeus, pobres pecadores
até à primeira vista. 850

(Vai-se o anjo)

(Eva fala)

Perdoai-me meu esposo
eu fui a causa de ter fim
as delícias do paraíso
para ti e para mim. 855

Já estamos desterrados
durante a vida mortal
adeus, terra de bênção
adeus, paraíso terreal.

Já somente vemos desertos
e outeiros escarpados
efeitos de maldição
que incorri por meus pecados. 860 17a

Penalizou para nós
a feliz terra de Éden
já se vê só terra brava
como ilhas que o mar tem. 865

Lanço os olhos ainda vejo
a terra em que Deus me criou
mas que importa se desterrada 870

858 - 859. *adeus.* Em A: *A Deus!*.

860. O texto A apresenta paralelamente a este verso e transcrito a lápis o verso: *Só vejo terras incultas* na página 13a, como referido anteriormente. A sequência compreendida dos versos **860 a 915** que no texto A se encontram na página 13a (inválida) fazem parte agora à fala de Eva. O texto B repete a sequência.

862. *efeitos.* Em C: *E frutos.*

863. *que incorre por meus pecados.* Em C: *por causa de meus pecados.*

864. *Penalizou.* Em C: *Finalizou.*

864 - 867. Em C: Ø.

865. *Éden.* Em A: *Idem.*

873. *prometes.* Em B: *permities*

875. Em A: *avites*; B: *habites*; C: *a vistes.*

dela para sempre vou.

Peço-te ó meu esposo
se chamar-te assim prometes
não desprezes esta triste
no desterro em que a vistes.

875

Para sempre como escrava
a servir-te me sujeito
pois que a tua desventura
sucedeu por meu respeito .

Adão

Oh! minha querida esposa
não me aumentes a tristeza
pois na clemência divina
devemos esperar com firmeza.

880

A quanto o Senhor criou
nunca perdeu afeição
ou vivendo sempre bem
ou do mal pedir perdão.

885

Vamos nele confiados
continuando o desterro
ainda que hajam trabalhos
é pena dos nossos erros .

890

17b

Aquele feliz estado
em que o Senhor nos criou
perdeu-se por nossa culpa
já lá vai já se acabou.

895

Eva

Ó meu amado consorte
não me queiras estranhar
que torne a pôr os olhos

879. *sucedeu por meu respeito*. Em B: *só a mim diz respeito*.

886. *vivendo*. Em B: *ouvindo*.

888. *vamos nele confiados*. Em C: *tenhamos nele confiança*.

890. *ainda que hajam trabalhos*. Em C: *ainda que tenhamos trabalho*.

891. *pena*. Em C: *castigo*

895. *já lá vai*. Em C: *e para nós se*.

896. *consorte*. Em C: *esposo*.

naquele feliz lugar.

Porque olhando me consola
na pena que me contrista
mas uma alta montanha
o esconde à minha vista. 900

Entre lágrimas e suspiros
entre suspiros e ais
lhe dou o último adeus
adeus para nunca mais. 905

Adão

Consola-te no desterro
não vivamos descontentes
feliz destino teremos
sendo a Deus obedientes. 910

Só desterrados seremos
nesta vida trabalhosa
ainda o Senhor quer sejam
felizes na eterna glória. 915

904. A última palavra do verso está ferida no texto A. Em B: *soluços*; C: *suspiros*.

905. *suspiros*. Em C: *soluços*

906. No texto A surge a palavra *a Deus!*.

913. *trabalhosa*. Em B: *transitória*.

915. Em C: (...) (...) (...) (...) *Esta vida trabalhosa/ acaba com brevidade/ é como o dia de ontem/ à vista da extremidade; Busquemos nestes desertos/ algumas concavidades/ que nos sirvam de abrigo/ nas terríveis tempestades; Cada um no seu ofício/ é preciso trabalhar/ nem nós temos outra vida/ para nos podermos sustentar; E assim cumpramos/ já o decretou o Senhor/ e por fim acabamos/ quando conveniente for.*

António MI (Manuel) Preto -	Anjo
Frutuoso Augusto Calvo -	Profeta
António MI (Manuel) Malhado -	Adão
António José Marcos -	Eva
Adriano Joaquim Preto -	Caim
Francisco Pires (Paulo) -	Abel
Lázaro Alves	Set
Francisco António Parra -	Lameque
António dos Santos Ovelheiro -	Lusbel
Ernesto Pinto -	Inveja
Martinho Barrios -	Belchior
António Bento -	Rebeca
José Fitas -	Júlia
Francisco da Ferreira -	Vulcano
José Vitorino Alves -	Silvestre
Albino Casimiro -	Narciso
José António Canguieiro -	Simeão
****António Marcos	Nª Senhora
António dos Santos -	S. José
Manuel Joaquim Casimiro -	Bato
José Vitorino Luís -	Pascoal
Alípio Carreiro -	Santa Isabel
Miguel dos Reis -	Jacob Zacarias
****José Guerra -	Pregoeiro
**** Barrios Júnior -	Justo
Manuel Santos -	Felino
Francisco Manuel Fernandes -	Roque
António Casimiro -	Lucas
Francisco Inácio Calvo -	Herodes
Serafim Gonçalves -	Condestável
Frutuoso Augusto Calvo -	Gaspar
Francisco António Pinto -	Belchior
Aníbal Fernandes -	Baltasar

Eu regrente desta obra Salustiano Augusto Ovelheiro, Urrós, 4 de Maio de 1924.

1924

1935

09

18b

Abel, Set e Caim

Set

Meus queridos irmãos
eu vos quero aconselhar
que é ao Senhor mais que tudo
a quem devemos amar .

E que nós uns aos outros
pelo amor de Deus nos amemos
sem que haja entre nós
algum que seja menos . 920

E para que assim suceda
obtemos com tal cautela
fazendo nosso pai da terra
a nossa mãe da sua costela. 925

Deus não criou muitos homens
só criou nosso pai Adão
para que os seus descendentes
se amassem em união. 930

Um pecado da soberba
é para todos definida
apetite desordenado
de a outros ser preferida. 935

Este apetite pois
foi o que Lusbel perdeu
a ele e a muitos anjos
que foram lançados do Céu .

Pudera este sucesso 940

916 – 1012. Recuperado pela oralidade por via de D2, devido á inexistência em A. Cfr. B e C.

917. *eu vos quero aconselhar.* Em D3: *quero-vos.*

919. *a quem.* Em D2: *é que.*

923. *algum que seja menos.* Em D3: *algum que queira ser menos.*

924 – 927. Em C: Ø

929. *criou.* Em B: *fez.*

933. *é para todos definida.* Em C: *é por todos definido.*

934. *desordenado.* Em C: *desamado.*

939. *lançados.* Em C: *expulsos.*

940. *sucesso.* Em C: *sucedido.*

servir de exemplo a Adão
pois talvez não caíra
na pena da maldição.

Mas os nossos pais pecaram
por sua grande miséria
por querer como Deus
sendo de tão vil matéria. 945

Se na inocência pecaram
por sua grande miséria
sendo tão advertidos
que será agora de nós
se já nascemos perdidos. 950

Eles tinham como exemplo
para não haver pecado
vendo quanto a soberba
a Lusbel tinha causado . 955

Mas vamos além disto
a nossos pais arrastados
menos desculpas teremos
que temos exemplos dobrados. 960

Portanto estejamos certos
irmãos meus muito amados
que sejamos uns dos outros
igualmente estimados.

Quem tem mais estimação
perante Deus da verdade
é aquele que nesta vida
vive com mais caridade. 965

Caim

Estás um grande pregador
nessa tua resolução
não sabes que sou primogénito 970

941. *a Adão*. Em C: *ao pai Adão*.

942. *caíra*. Em C: *caísse*.

947. *vil*. Em C: *fraca*.

948 - 952. Em C: Ø.

956. *causado*. Em C e D2: *custado*.

957 – 960. Em C: Ø.

dos pais Eva e Adão?

Como quereis que sejamos iguais
em poder e em virtude
como quereis tirar-me
minha primeira juventude?

975

Como o nosso Abel
também já quer governar
julga que é um santinho
para se me poder igualar.

980

Deveis-me muito respeito
cada qual de vós irmãos
se algum me insultar
hei-de pôr-lhe bem as mãos.

Não quero que haja igualdade
sobre vós hei-de mandar
e os meus filhos sobre os vossos
também hão-de governar.

985

Haveis estar sujeitos
à minha obediência
não pareça que algum
me há-de fazer competência.

990

Vós ainda não sabeis
aquele humano ditado
que quando se acaba o respeito
fica o mundo acabado.

995

Abel

Pois manda-nos tu bem
sempre te obedecerei
em tudo o que for de razão
e conforme manda a lei.

1000

Porém esses teus ditames
não são às leis iguais
mas são filhos da soberba
que perderam nossos pais.

Para que se digne o Senhor
ser para nós um propício
devemos com grande humanidade

1005

977. *Como o nosso Abel.* Em C: *Como nosso irmão Abel.*

oferecer-lhe sacrifício.

Só Deus, sobre todas as causas
é que devemos amar,
o melhor cordeiro de gado
lhe quero sacrificar.

1010

Mas tu obras ao contrário
dás-lhe as rabeiras da eira
devendo-lhe tu o melhor
dessa tua sementeira.

1015

19a

Caim

Agastaste-te para mim
por eu obrar deste modo
pois não hei-de dar um cordeiro
a quem me dá o gado todo.

1020

Não, porque não quero eu
que o melhor lhe seja dado
é bem que o coma eu
pois que sou morgado.

Set

Cala-te, irmão Caim
não digas tal heresia
como podes aplacar
uma cólera divina?

1025

Senão oferecendo a Deus
da primeira novidade
para que assim se satisfaça
da nossa boa vontade.

1030

E por isso persegues
nosso irmão inocente
pois isso que disseste
pecaste gravemente.

1035

Somos filhos da miséria

1007. *humanidade.* Em C: *humildade.*

1009. *causas.* Em C: *coisas.*

1017. *Agastaste-te.* Em B: *Zangas-te*; C: *Aborreceste-te.*

1029. *Senão oferecendo.* Em C: *É bom oferecer.*

1036. *gravemente.* Em B: *eternamente.*

nossos pais também pecaram
mas com triste arrependimento
já o perdão alcançaram.

1040

Pois que vimos o exemplo
nos anjos e nossos pais
que será de nós pecando
não queiramos pecar mais.

19b

Ofereçamos sacrifício
cada um no seu altar
um dos melhores cordeiros
outro do bem pão que segar.

1045

Caim

Cala-te aí sandeiro
olha que pode ser que te esmague
não me estejas cá pregando
quem te encomendou o sermão que tu pague .

1050

(Vai-se Set, fica Caim)

(Sai o diabo e fala)

Caim, que paixão é essa?
De quem te estás queixando?
Com que os teus irmão mais novos
são os que te estão pregando.

1055

Olha o tolinho do Abel!
O melhor cordeiro do gado
ainda se Deus o comesse
mas para ser sacrificado.

1060

Bem seria que ele comesse
o trigo limpo à joeira
e depois comesse tu
a lérica e a mosqueira.

1039. *mas com triste arrependimento.* Em C: *mas com sério arrependimento.*

1044. *queiramos.* Em C: *devemos.*

1048. *segar.* Em B: *cegar*; C: *ceifar.*

1051. *não me estejas cá pregando.* Em C: *não me venhas dar conselhos.*

1052. A última palavra do verso está ferida no texto A, sendo visível apenas as duas letras iniciais. Registe-se *pague.* Em C: *quem te os pediu que te os pague.*

1055. *Com.* Em C: *olha.*

Como o fungaminho do Set olha que é bem atrevido sendo um pobre pastor querer-se igualar contigo.	1065	
Quando se acabar o respeito há-de o mundo acabar que digam esses tolinhos que te não hão-de respeitar.	1070	20a
Nunca lhe dêes confiança trata-os como escravos teus nunca deixes esquecer conselhos estes meus.	1075	
Se algum se recusar ao teu respeito divino trata logo de matá-lo como vil e atrevido.	1080	
E até os mesmos teus filhos como filhos dum morgado não deves querer que acompanhem com esses que andam com o gado .		
São bem por tua grandeza Não te deixes humilhar que se eles são humildes humildes hão-de ficar.	1085	
E com estes meus conselhos já ficas desenganado olha que em tudo te ensino a doutrina do diabo.	1090	
Enquanto esses sacrifícios sirvam-vos de cerimónias já pecaram vossos pais	1095	

1064. *lerica*. Em B e C: *larica*.

1065. *fungaminho*. Em B: *franguinho*.

1076. *conselhos estes meus*. Em C: *estes conselhos meus*; D3: *escritos e conselhos meus*.

1078. *divino*. Em C: *devido*.

1084. *andam*. Em C: *guardam*.

1085. *São bem*. Em B: *Fales bem*.

1094. *cerimónia*. Em C: *memória*.

já vós não entraís na glória.

(Vai-se o diabo, Caim fala)

O diabo diz-me bem
eu sou morgado soberano
para que se me há-de igualar
cá um pobre ovelhano ?

1100

20b

Andem-me debaixo dos pés
reconheçam senhorio
se algum me reguingar
matá-lo-ei com muito brio.

Já esse sacrifício
que meus pais mandam fazer
eu oferecerei a Deus
o que não poder comer.

1105

(Vem Set e Abel, Set fala)

Ora irmãos e amigos
o que nós devemos obrar
é oferecer a Deus sacrifício
para que nos queira salvar.

1110

Caim

Olha lá ó pregador
desses acho eu milhares
não te estimo como irmão
ainda que perfaças milagres.

1115

Esta boa confiança
vir-me cá chamar por tu
fala com teus iguais
que eu não sou tal como tu.

1120

Set

Se não és tal como eu
queira Deus sejas melhor
mas eu digo que te livres

1100. *cá um pobre ovelhano.* Em D3: *Esses pobres humilhanos.*

1103. *reguingar.* Em B: *ripostar*; C: *insultar*.

1113. *Olha lá ó pregador.* Em D3: *Estás-me um grande jogador.*

1116. *perfaças.* Em B: *prefaças*; C: *faças*.

de ser grande pecador.

Mas eu vivo desconfiado
dessa tua soberania
em vez de adorares a Deus
adoras a fantasia.

1125

21a

Eu digo-vos a verdade
tomai-a como quiserdes
componde-vos com Deus
o melhor que podereis.

1130

(Vai-se Set, fica Abel, Caim fala)

E tu safuril Abel
estás já desenganado
que sempre ao meu respeito
deves viver humilhado .

1135

Abel

Humilde sou como a terra
mas sinto irmão Caim
que os teus e meus pecados
te percam a ti e a mim.

1140

E por isso eu queria
oferecêsemos sacrifício
eu dos melhores cordeiros
e tu do pão sem vício.

Para que assim o Senhor
vendo a nossa vontade
se digne perdoar-nos
a nossa boa vontade.

1145

Caim

A maldade é só tua

1125. *vivo.* Em C: *ando*.

1126. *soberania.* Em C: *sobervia*.

1130. *tomai-a.* Em C: *ficai*.

1133. *safuril.* Em B: *cafuril*; C: *cafuinho*; D3: *Sou floriabel*.

1136. *deves viver humilhado.* Em D3: *Deus vivera humilhado*.

1138. *sinto.* Em D3: *sim*.

1148. *vontade.* Em B e C: *maldade*.

que eu sou o príncipe da terra
sou o primeiro nascido
quem tal não confessa erra.

1150

Abel

21b

Que importa nasceres primeiro
se nasceste em pecado
chegarás a ser santo
se viveres emendado.

1155

Para emenda sabida
o melhor é a oração
por essa Deus nos perdoa
fazendo-a com contrição.

1160

Vamos fazendo altares
para oferecer ao Senhor
se Deus no-los aceita
faz-nos grandes favores.

(Abel de joelhos)

Meu senhor este cordeiro
vos ofereço com humildade
figura do que esperamos
de vossa divina bondade.

1165

Recebei oh, meu Deus
por vítima e holocausto
eu sou um pobre pastor
como este não tenho outro.

1170

Oh! meu Deus Onnipotente
sendo eu tão pecador
não tenho merecimento
de receber tal favor.

1175

Vai como o fogo do Céu
meu cordeiro consumir
e o fumo do sacrifício
ser no Céu recolhido.

1180

Agora vos peço meu Deus

22a

1153. *Que importa nasceres primeiro.* Em D3: *Que importa não seres primeiro.*

1170. *por vítima e holocausto.* Em B: *por vítima de holocausto.*

1180. *recolhido.* Em C: *recebido.*

ainda com mais atenção
que este favor divino
não me encha de presunção.

Confesso que este milagre
é toda a vontade vossa
e não há a meu favor
coisa que alegar possa. 1185

Mas como criatura vossa
espero mais outro favor
perdoastes a meus pais
perdoai-me a mim Senhor. 1190

Creio que este sacrificio
é figura tão somente
que há-de satisfazer
a Justiça Omnipotente. 1195

Oh! meu Deus eu o confesso
que sendo conveniente
o dar-me em sacrificio
o faria prontamente. 1200

Mas se nem eu nem outro homem
podemos satisfazer
aceitar-me esta oferta
é o que posso oferecer.

(Caim levanta-se e fala)

Cala-te, aí bacharel
não sejas tão confiado
o primeiro sacrificio
há-de oferecê-lo o morgado. 1205

Meu Deus estas mosqueiras
vos ofereço quem não era
vós as criastes
entre o meu trigo na terra. 1210 22b

Para mim não são boas
para vós podem prestar
eu não as sementei 1215

1181 - 1184. Em C: Ø.

1210. *era*. Em C: *erra*.

1211. *vós as criastes*. Em C: *vós quisesteis que se criassem*.

mas achei-as ao segar.

O que vos peço Senhor
nesta minha impureza
é que a minha geração
leva a primeira nobreza. 1220

Pois que eu fui o primeiro
que no mundo fui nascido
além de tudo e por tudo
seja a todos preferido.

Abel

Cala-te aí não prossigas 1225
que em tudo vais errado
que tem nosso Senhor
com que tu sejas morgado?

Como dar-lhe as mosqueiras
porque a terra as criou 1230
as ervas prejudiciais
o pecado as semeou.

Se nossos pais não pecassem
e nós nascêssemos justos
não nasceriam ervas 1235
que destruíssem os frutos.

Não há nobreza sem honra 23a
e honra sem virtude
procura ser virtuoso
se queres que Deus te ajude. 1240

Pensas ser mais que nós
te ostentas com alteza
O que amar a Deus
é o que tem mais nobreza.

Olha o caso que Deus faz 1245

1215. *sementei*. Em B: *semeei*.

1216. *segar*. Em B: *cegar*, C: *ceifar*.

1217. *peço*. Em C: *ofereço*.

1220. *leva*. Em C: *logre*.

1233. *não pecassem*. Em D3: *não têm pecado*.

dessas tuas mosqueiras
ao Senhor que nos dá tudo
dás-lhe ofertas tão mesquinhas.

Desses-lhe tu as primeiras
de trigo mais escolhido 1250
com pesar do coração
das culpas arrependido.

O senhor o aceitaria
como aceitou o meu 1255
o fumo que dele saiu
se recolheu para o Céu.

Mas tu somente adoras
tua fantástica paixão
por isso ofereces a Deus 1260
só as rabeiras do pão.

Não sabes que a soberba
é mãe de toda a maldade
quem não quiser ser mau
tenha perfeita humildade .

Caim

Ó beatinho doutor 1265 23b
tu ainda dás razões
julgas que Deus não aceita
as minhas oblações?

Morre nas minhas mãos
não sejas tão confiado 1270
assim quiseste tu
a doutrina do diabo.

(Vai-se Caim, Set fala)

Abel! Abel! Não falas
estás sem sono absorto
mas ai tanto sangue 1275
meu Deus que já estás morto.

1246. *mosqueiras*. Em C: *rabeirinhas*.

1253. *O Senhor o aceitaria*. Em C: *O Senhor as aceitaria*.

1264. *humildade*. Em C: *humanidade*.

1269. Em A: *Morra*; C: *Morre*.

1275. *ai*. Em C: *há*.

Meu irmão querido
oh! meu Abel inocente
já te tirou a vida
nosso irmão insolente. 1280

Oh! preferido Caim
que desatino foi o teu
em que te ofendeu Abel
que delito cometeu?

Ó meu querido Abel 1285
tu que nunca ofendeste
a Deus nem à sua lei
que tirana morte tiveste.

Oh! miserável Caim
em soberba submergido 1290
agora sim que és distinto
em teres a Deus ofendido

Que vale a tua nobreza 24a
Oh! miserável irmão
que do teu morgadio 1295
vês aí a distinção?

Querias ser mais nobre
era teu desejo eterno
agora és o mais desgraçado
réu das penas do inferno. 1300

Os anjos maus foram bons
para delícias celestiais
mas decaíram para sempre
porque queriam ser mais.

Nossos pais, Adão e Eva, 1305
felizes foram criados
mas querendo elevar-se
logo foram condenados.

Com todos estes exemplos
ainda queremos distinção 1310

1281. *Oh! preferido Caim.* Em B: *Oh! perfiado Caim*; C: *Ó miserável Caim.*

1301. *Os anjos maus...* Em B: *Os anjos mais...*

1301 - 1304. Em C: Ø.

1302. *para delícias celestiais.* Em B: *pelas delícias celestiais.*

sendo nós todos irmãos
d'uma mesma geração.

Que algum governasse
é da justiça e direito
mas deve ser aquele
que for eleito . 1315

Pois toda a eleição
ainda que pareça humana
Deus é o que a dirige
com providência soberana. 1320

Todos os que desgostam
a legítima eleição 24b
é porque se esquecem
que são filhos d'Abraão.

Mas aonde me transporta
a minha grande aflição 1325
o meu Abel já não vive
foi morto por seu irmão.

Mas para que formo mais queixas
mundamente está chamando 1330
as mesmas chagas são bocas
com que se está queixando.

E o sangue que lhe corre
já sem nenhum calor
bem mostra clamar justiça 1335
contra o seu matador.

Mas isto nada me consola
pois Caim é meu irmão
por fim terás que sofrer
a pena de tabalião. 1340

1313 - 1316. Em C: Ø.

1316. *que for eleito*. Em B: *que para isso for eleito*.

1317 - 1320. Em C: Ø.

1321 - 1324. Em C: Ø.

1324. *d' Abraão*. Em B: *Adão*.

1329. *formo*. Em B: *formulo*.

1331. *as mesmas chagas são bocas*. Em B: *às minhas chegadas bocas*.

1337. *Mas isto nada me consola*. Em B: *Mas estimada me consola*.

1340. Em A: *tabalião*; B: *tebalião*; C: *maldição*.

Por qualquer parte que observes
acho da mesma sorte
Abel, a primeira vítima
que despojou a morte.

A minha alma sempre atenta
às vozes da natureza
sem lembrança que é a culpa
a causa de tanta crueza. 1345

Pois causa-nos o pecado
cegueiras no entendimento
chega a obrar como feras
quem não tem conhecimento. 1350 25a

Tal é a miséria do homem
na sua cega paixão
que chega a ter semelhança
com o tigre e leão. 1355

Tal é o mísero Caim
que chegou a ser fraticida
ninguém pode dizer nada
enquanto está nesta vida. 1360

Não hei-de amaldiçoá-lo
por cair em tal discórdia
mas em seu favor imploro
a Divina Misericórdia.

Este despojo da morte
à terra o vou entregar
e será o primeiro filho
que em sua mãe torna a entrar. 1365

Aquela sentença divina

1341. *observes*. Em C: *vás*.

1342. *acho da mesma sorte*. Em C: *terás a mesma sorte*.

1343. *Abel*. Em C: *Abem*.

1344. *despojou*. Em C: *desposou*.

1346. *voces*. Em C: *vezes*.

1353 - 1356. Em C: Ø.

1362. *discórdia*. Em C: *desacórdia*.

1363. Em A: *imploroso*; C: *imploro*.

1368. *Que em sua mãe torna a entrar*. Em B: *Que em sua mão torna a entrar*;

vos deve presente estar
lembra-te, oh! homem, que és pó
e em pó te hás-de tornar. 1370

Diabo

Alvíssaras companheiros
que já me vejo vingado
o primeiro filho de Adão
já foi amaldiçoado. 1375

Muitos conselhos lhe dei
que muito bem abraçou
ao irmão não lhe condoeu
por isso logo o matou. 1380 25b

Olhai! por onde lhe armei
pela soberba e presunção
pois devia ser mais nobre
que os outros filhos de Adão.

Haveis de saber companheiros
que a soberba e luxúria
são os caminhos mais certos
para encher a nossa cúria. 1385

Já os filhos de Caim
levam ideias iguais
já têm presunção
como teu pai ou mais. 1390

De nobreza presumidos
luxuriosos serão
não sabeis que a luxúria
é a primeira da presunção. 1395

Agora vamos cuidar
em armar-lhe um aranzel
que casem os de Caim
com os de Set e Abel. 1400

E são uns santinhos

1379. *ao irmão não lhe condoeu.* Em C: *ao irmão não lhe concedeu*; D3: *ao irmão não lho contou.*

1381. *arrei.* Em C: *peguei.*

1383. *pois devia ser mais nobre.* Em C: *que quisesse ser mais nobre.*

1385 - 1388. Em C: Ø.

1393 - 1396. Em C: Ø.

mas juntos uns com outros
e nós metidos com eles
tais serão uns como outros.

Já que Deus nos condenou
agora desses humanos
nós deles nos vingaremos
com tentações que lhe façamos.

1405

26a

Caim

Oh! miserável de mim
já me cai a maldição
pois chama o Céu justiça
contra o sangue de meu irmão.

1410

Mofina de mim Caim
que fui o mais desgraçado
até dos meus próprios filhos
me vejo desamparado.

1415

Para as faldas do monte Líbano
me fui com meus filhinhos
e muitos mais lá gerei
mas já os novos são grandinhos.

1420

Por isso já me desprezam
não fazem caso de mim
vou-me por esses desertos
até que chegue o meu fim.

Já me tremem pés e mãos
já me treme o corpo todo
qualquer vulto que vejo
me parece urso ou lobo.

1425

Muitos filhos tenho criado
que malditos todos sejam

1430

1408. *tentações.* Em C: *traições.*

1418. *filhinhos.* Em B: *filhos.*

1426. *já me treme o corpo todo.* Em C: *também me treme o coração.*

1428. *me parece urso ou lobo.* Em C: *me parece um leão.*

1428 (...) (...) (...) (...) **1429.** Em C: *Por aqui me ficarei/ não irei mais adiante/ qualquer vulto que vejo/ me parece um elefante; Já sinto remorsos/ daquele sangue inocente/ cada rugido que sinto/ me parece de uma serpente; pelas feras serei devorado/ ó meu pobre Caim/ pois já as vejo vir todas/ caminhando para mim; Cometi o maior pecado/ que neste mundo se deu/ já estou amaldiçoado/ já não tenho entrada no céu.*

todos me desamparam
oh! desamparados sejam.

Se casam com os de Set
também com os de Abel
com tanta desigualdade
como vai de mim para eles.

1435

26b

Já se não lembram que sou morgado
primogénito do mundo
já de mim ninguém faz caso
a nobreza já deu fim .

1440

Qualquer sombra me atormenta
só sirvo de escárnio e risa
já me vejo desamparado
de qualquer sevandija.

Até os próprios filhos
me deixam desamparado
errante pelos desertos
como se fosse um malvado.

1445

Quero-me deitar um pouco
neste monte solitário
para descansar dormindo
deste tormento fadário.

1450

Mais oh que o meu sono
já o medo me o desfez
que me mate algum caçador
julgando que sou montês.

1455

Lameque

Por estes altos e ásperos montes
andam animais felinos
não só comem o gado

1433-1436. Em C: Ø.

1440. *a nobreza já deu fim.* Em B: *a nobreza já foi ao fundo.*

1442. *sirvo.* Em B: *vivo.*

1444. *sevandija.* Em C: *savandija.*

1453 - 1456. Em C: Ø.

1457. *Por este altos.* Em D3: *Neste altos.*

1458. Em A: *ferinos*; C: *felinos.*

1459. *não só comem o gado.* Em D2: *Eles não matam só os gados*; D3: *Eles não comem só os gatos.*

mas também os meninos.	1460	
Sou caçador afamado meu ofício é matar feras bichos e monteses até o fim lhes poder dar.		27a
De arma de fogo e flecha aqui vou aparelhado quero disparar um tiro à fera que estou vendo.	1465	
Desde aqui donde estou vejo um vivente avultado até se parece homem numa fera disfarçado .	1470	
Para saber que é vivente basta fazer movimento se soubesse que era homem não lhe queria dar tormento.	1475	
Mas segundo me parece homem não pode ser ouve falar e não fala penso que vai morrer .	1480	
Ora aí vai um tiro e creio que acertarei pois ao alvo do meu empenho em nenhum errei .		
Por isso certeza tenho	1485	

1461. *afamado.* Em B: *fama.*

1468. *À fera que estou vendo.* Em B: *à fera que vejo ao lado;* C: *À fera que já vejo no montado.*

1469. *Desde aqui donde estou.* Em D3: *Eu donde estou bem vejo;* D7: *Eu daqui donde estou.*

1470. *vivente.* Em D2: *vidente.*

1471. *até se parece homem.* Em D5: *Daqui me parece ser homem.*

1472. *numa fera disfarçado.* Em D5: *Que em fera estava disfarçado.*

1473 - 1476. Em C: Ø.

1479: Em A: *houve falar e não fala;* D2: *ouve falar e não fala;* D3: *ou fala e não fala.*

1480. *penso.* Em D2: *creio.*

1483. *pois ao alvo do meu empenho.* Em D2: *o alvo do meu empenho.*

1484. *em nenhum errei.* Em D2: *ainda nenhum errei.*

1485 - 1488. Em C: Ø.

que logo que disparar
[a]o monstro que eu atiro
sem vida há-de ficar.

E para me tirar de dúvidas
faço a minha pontaria
morra já o bicho fera
e mais a sua cobardia. Pum!

1490

27b

Caim

Oh! Lameque que me deste
uma morte tão insolente
não te podias lembrar
que ainda era teu parente .

1495

Lameque

Se soubesse que eras tu
o que aí estava disfarçado
não te daria tal tiro
mas seja-te bem empregado.

1500

Não te lembras que mataste
um Abel, justo e santo
não te admires agora
que te suceda outro tanto .

E se te parece mal
este modo de dizer
dá-me notícias de Abel
que desejo de saber.

1505

Caim

1486. *disparar.* Em D2: *desfechar.*

1487. *ao monstro que eu atiro.* Em D2: *ao mostro que eu atire.*

1493. *Oh! Lameque que me deste.* Em D7 e D3: *Ó Lameque que me mataste.*

1494. Em A: *uma morte insolente.* Em D2 e D7: *uma morte tão insolente.*

1495. *não te podias lembrar.* Em C, D3 e D2: *Bem te podias lembrar;* D7: *que te podias lembrar.*

1496. Em A: *que era teu parente.* Em D7 e D2: *que ainda era teu parente.*

1497. *Se soubesse que eras tu.* Em D7: *Se ainda eras meu parente.*

1498. *o que aí estavas disfarçado.* Em D2: *que em fera estavas disfarçado.*

1501. *Não te lembras que mataste.* Em D7: *Tu não sabes que mataste.*

1504. *que te suceda outro tanto.* Em D3: *que te façam a ti outro tanto;* D5: *que a ti te faça outro tanto.*

1505. *E se te parece mal.* Em D3: *Isto parece mal.*

Abel, por quem procuras nunca estive em meu poder nem eu dele fui guarda tu que me vens a dizer.	1510	
Repara que me mataste e me fizeste aqui morrer por esse mal que fizeste castigo virás a ter.	1515	
Agora que já estou moribundo por quem aqui chamarei só se for pelo diabo cujos conselhos tomei .	1520	28a
Lameque		
Deus queira que com tal nenhum embaraço tenha mas se tens contas com ele averigua-as lá te avenhas.		
Mas eu já te vejo morto sem nenhum sinal de vida se tens alguns embaraços procura quem tos decida.	1525	
Agora vou-me embora na caça continuando é muito mais divertido do que andar lavrando .	1530	
Diabo		
Tanto te quero Caim que até no tempo da morte venho alegre aplaudir tua desgraçada sorte.	1535	
Em vida foste amigo fizeste-me a vontade vem agora comigo		

1520. *tomei.* Em D2: *te dei.*

1522. *tenha.* Em D2 e C: *tenhas.*

1526. Em A: *sem nenhuns sinais de vida*; D2: *sem nenhum sinal de vida.*

1532. *do que andar lavrando.* Em D2: *do que andar com os bois lavrando.*

façamos sociedade.	1540	
Acharás lá no inferno blasfêmias e maldições penas que não têm fim e tudo desesperações.		
O fogo te há-de queimar sem nunca te consumir como eu experimento tu mesmo o hás-de sentir.	1545	28b
O melhor gosto que tenho é que tendo-te enganado foste em vida como bruto e por morte condenado.	1550	
O inferno é uma casa de portas tão decantadas abertas para entrar e para sair fechadas.	1555	
Vamos ambos para lá dizendo aos pecadores se nos quiserem seguir me fazem grandes favores.	1560	
Reparem bem pecadores olhem que isto é assim se me querem escapar nunca se fiem em mim.		

1544. *e tudo desesperações*. Em C: *gritos e imprecações*.

1554. *decantadas*. Em B: *descançadas*;

Acto de Inveja e Diabo, Silvestre, Vulcano, Narciso, Beliza, Júlia e Rebeca

(Sai a Inveja)

Quem andar com inveja
comete um tal pecado
que de repente fica
todo o mundo confiscado .

1565

Abel, e seu irmão Caim
viviam santamente
eu meti-me com eles
ena, viciiei-os de repente.

1570

De sorte que Caim
matou seu irmão Abel
bem se queriam os filhos d'Israel
mas desde que eu lhe disse
que fossem filhos de Raquel.

1575

29a

Era entre todos estimado
de seu pai por Benjamim
o matá-lo ocultamente
o propuseram entre si .

1580

Um deles por seu amigo
ou por estar determinado
determinaram vendê-lo
para o Egipto por escravo.

1585

Todas estas felicidades
tem a inveja experimentado
com que tem estado
todo o mundo confiscado.

Diz-me pois Lusbel formoso
pela inveja motivado
foste pela soberba

1590

1568. *todo o mundo confiscado*. Em C: *ao inferno condenado*.

1572. *viciiei-os*. Em B: *ambicionei-os*.

1581. *o propuseram entre si*. Em C: *o propuseram a mim*.

1582 - 1585. Em C: Ø.

1584. *determinaram*. Em B: *combinaram*.

1586. *felicidades*. Em B: *facilidades*.

1586 - 1589. Em C: Ø.

ao inferno condenado.
 Como posso aturar
 que no mundo haja nascido 1595
 para remédio de todos
 o Messias prometido.

(Fala o Diabo com muita ira e soberba, como desesperado.)

(O Diabo fala)

Suspende-te inveja que ardo
 em fogo tão acendido
 que não posso querer que seja 1600 29b
 o Messias já nascido.

Inveja

Podê-lo querer por teu mal
 que foi esta noute dado
 daquela virgem Maria
 com quem José está casado. 1605

Diabo

De que Maria me dizes?
 Olha que não será ela
 que dizem as profecias
 que há-de nascer o Messias
 da casa de Israel. 1610

De uma virgem nascido
 de que eu vivo desconfiado
 pois quem é essa Maria
 com quem esse homem está casado?

Inveja

Isto que tenho dito 1615
 podes o querer por teu mal
 que bem podem estar casados

1594. *Como posso aturar.* Em C: *Não posso acreditar.*

1598. *Suspende-te.* Em C: *Cala-te*

1603. *dado.* Em B: *nado.*

1606. *me dizes.* Em B: *me falas.*

1616. *podes o querer por teu mal.* Em C: *podes acreditar com verdade.*

1617. *que bem podem estar casados.* Em C: *que certo é estarem casados.*

com voto de castidade.

Diabo

Toda a minha ciência
ainda a não tenho perdido 1620
eu só perdi a graça
quando fui submergido.

Não sei com certeza
ao que fico obrigado
que ainda não veio ao mundo 1625
quem o livre do pecado.

Inveja

Pois não basta que tu diga 30a
para estares assegurando?

Diabo

Direi que a inveja
sabe mais que o diabo. 1630

Inveja

Pois diz-me que ciência
podias tu ter estudado .
quando afogado em soberba
ao inferno foste lançado.

Diabo

Vai-te de mim maldita
ao pavio comparada 1635
para derreter a cera
lá se queima em viva brasa.

Vai-te que nem ver-te quero
com tais novas de caminho 1640
que nem medra o ambicioso
nem quem o tem por seu vizinho.

1619. *Toda minha ciência.* Em C: *Todo o meu conhecimento.*

1624. Em A: *Óh!*. Em C: *ao.*

1632. Em A: *estudo.* Em B: *estudado.*

1633. *afogado.* Em B: *afundado.*

1635. *Vai-te de mim maldita.* Em C: *Retira-te de mim maldita.*

Inveja

De ver como me mandas
me tenho admirado
sabendo que a inveja nasceu
do coração do diabo. 1645

Ouve tu os meus conselhos
que eu tos darei bem cadimos
que basta para ser manhosa
ser do sexo feminino. 1650

O Messias é nascido
escusamos baralhadas
para tolhermos seus frutos
vamos armando laçadas.

Diabo 30b

Dizei o que havemos de fazer
posto que sou mais velho
para tentar os pecadores
seguirei o teu conselho. 1655

Inveja

Os pastores vigiantes
que vigiam os seus gados
donde este Deus é nascido
serão primeiro avisados. 1660

Estes são moços solteiros
façamo-los namorados
para que cegos em amores
não ouçam os seus recados. 1665

Diabo

Dizes bem põe isso em obra
fazer-te-ei quanto quiseses
eu tentarei os homens
tu tentarás as mulheres. 1670

1643. *mandas.* Em B: *ordenas*; C: *falas*.

1648. *cadimos.* Em B: *cadino*.

1653. *para tolhermos seus frutos.* Em B: *para tolhermos seus futuros*; C: *para colhermos seus frutos*.

1667. *obra.* Em C: *brio*.

1668. *fazer-te-ei.* Em B: *falar-te-ei*.

(Vão-se ambos)

(Sai Beliza, Rebeca [e] Júlia por uma porta e por outra sai Silvestre, Narciso e Vulcano. Todos vestidos de pastores, para cada parte, haverá uma sombra onde se escondem os tentadores de cada sexo. Sai Vulcano com um tição espantado [e] diz:)

Hei-de queimar a cabana
esta noite sem remédio
para ver se posso queimar
este ratão do inferno.

Silvestre

Quem te assustou borrachão[?] 1675

Vulcano 31a

Está aqui um ratão.

Silvestre

Posto que te encontraste
com a borracha do vinho
queres queimar a cabana
por lá haver um ratinho? 1680

Vulcano

Ratinho! Ratão endiabrado
tem cinco palmos de rabo
alguns doze de comprido
tem um corno retorcido.

Tem o nariz tão comprido 1685
como o banzo d'uma cancela
e a boca tão rasgada
que lhe chega de orelha a orelha.

Silvestre

Vai-te daí maçador
tira-te dessa loucura 1690
viste no mundo algum dia

1678. *Com a borracha do vinho.* Em C: *Embragado com vinho.*

1680. *haver.* Em B: *veres.*

1689. *Vai-te daí maçador.* Em C: *Retira-te daí maçador.*

rato de tal estatura?

(Vai-se à cabana)

(Sai Júlia irada com grande susto pela porta das femininas com uma brasa nas tenazes e faz menção de queimar a cabana.)

Beliza

Que fúria ou que asneira?

Júlia

Queimar uma feiticeira
que anda nesta cabana
tão meiga e tão sensual
que é o pecado mortal
se a vista me não engana.

1695

Beliza

31b

Pelo atento estás louca.

Júlia

Mulher é mas não traz touca
traz uma saia dobrada
ao modo de tiracol
não é cousa que se veja
ou ela é a inveja
ou o mesmo demónio.

1700

1705

Beliza

Que negócio pode ter a inveja
com os pastores não tendo
malefício nem benefício
em que possa haver melhor.

Júlia

Julgas tu que o ser pastor
não é ofício também
Rebeca tem-te inveja
por Silvestre te querer bem.

1710

1707. *com os pastores não tendo.* Em B: *com todos nós pastores?*

1709. *melhor.* Em B: *favores.*

Beliza

Rebeca, cara de riso,
pois não basta Narciso
te pretenda por esposa
para ser cobiçosa,
ou que a mim me queira
Silvestre, por dona.

1715

Júlia
Narciso por ti se morre
pois me disse o outro dia
que abraçar-te por esposa
era o que mais pretendia.

1720

Beliza

Pois que resposta darei
Júlia a tal pretensão?

1725

Júlia

Silvestre mais entendido,
Narciso mais galante,
parece que ambos te querem.
Escolhe qual tu quiseres
porém olha que o escolher
é perigoso nas mulheres.

32a

1730

Beliza

Confusa estou Júlia
pois te digo na verdade
que o escolher é fortuna
o acertar felicidade .

1735

Narciso, por mais formoso,
mais bizarro me parece,
Silvestre, mais entendido,
maiores glórias merece.

A formosura desvanece
o desvanecimento é louco
o desguinho precipício
amar só a formosura

1740

1735. *o acertar*. Em C: *e aceitar*.

1742. Em C: Ø.

conhecimento é vício.

Mas se com este juízo
quero a Silvestre, por dono,
se ele estima a Rebeca
tal ficarei eu como? 1745

Mais me valera o dizer
em que o ter experimentado
que a formosura é dote
e dote bem abonado. 1750

O abono é riqueza
e que nem o rico anseio
pois não [à]pobre sem baixeza
e se Narciso me ouvisse
aquele ou outro arrazoadado
não quereria ser meu
senão só meu agastado. 1755 32b

Júlia

Parece que ouço bulha
na cabana de Silvestre
senhora vá falar-lhe
antes que nunca lhe preste. 1760

([Beliza] atravessa o tabuado e vai estar com Silvestre)

Beliza

É por ventura Silvestre
quem é que ouço falar? 1765

Silvestre

É por ventura Beliza
a que me vem procurar?

Beliza

E que despinhada ando

1744. *conhecimento é vício.* Em C: *me parece que é pouco.*

1750. *formosura.* Em C: *fortuna.*

1753 - 1759. Em C: Ø.

1757. *arrazoadado.* Em B: *arrojado.*

1760. *bulha.* Em B e C: *barulho.*

Silvestre por te falar.

Silvestre

Pois chegaste a má hora
para podermos falar
está uma ovelha a parir
quero-lhe dar de cear. 1770

Espera aqui que eu já volto
olha que eu sou teu amigo
olha não fales a outro
porque eu não sou de todo trigo. 1775

(Vai-se Silvestre e [entra] Vulcano, com ele Beliza detrás de Vulcano.)

Beliza

Vulcano vai devagar
que razão tem teu amo
para me não querer falar? 1780

Vulcano 33a

Se tu estivesses parindo
sem ter quem te ajudasse
não dirias aqui del-rei
contra quem te ali deixasse?

Pois assim são as ovelhas
não me estejas com porfias
porque não pode o parir
ficar para outros dias. 1785

Beliza

Ora porventura Silvestre
quererá casar comigo?
Tu nunca lhe ouviste nada
para saber se é meu amigo? 1790

Vulcano

1768. *despinhada*. Em B: *anciosa*; C: *despeitada*.

1774 - 1777. Em C: Ø.

1781 - 1784. Em C: Ø.

1785. *Pois assim são as ovelhas*. Em C: *Não te deu já razões?*

Tanto amor me tivesse
a tua criada Júlia
que morro só pela ver
mas nunca a pude na cabana colher. 1795

Quando com o gado andamos
parece uma meiga solta
quando nos juntamos
logo o gado à serra dá volta. 1800

Beliza

Que dizes do que te digo?

Vulcano

Eu sou muito teu amigo
morro só pela ver
mas nunca colhê-la
na cabana só comigo. 1805

Beliza

De Silvestre não me dizes
eu já vivo desconfiada .

Vulcano 33b

Silvestre por sua mercê
anda sempre despinhado
mais amor lhe tem a si
do que tem a todo o gado. 1810

(Esconde-se Rebeca na sombra, ficando só Júlia. Sai Narciso pelas portas das femininas e diz:)

Júlia, ficaste só? Onde foi [a] tua Senhora?

Júlia

1797 - 1800. Em C: Ø.

1801. Em C: Ø.

1802. *teu*. Em C: *seu*.

1804 - 1807. Em B: Ø.

1805. *na cabana só comigo*. Em C: *Beliza, pode crer*.

1806. Em B: Ø.

1807. Em B: Ø.

1809. *despinhado*. Em B: *ocupado*; C: *interessado*.

Foi falar com Silvestre
mas acha-se com Vulcano.

Narciso

Ora tu não lhe dirás
que eu morro por seus amores? 1815

Júlia

Para [a] apartar de Vulcano
fazer-te quanto quiseres.

Narciso

Diz-lhe que eu a procuro
que não procure a Silvestre
que se ele é mestre de doutrina
também eu de amores sou mestre. 1820

Júlia

Pois se és mestre d'amores
diz-me como alcançarei
a Vulcano por esposo
em tudo te servirei. 1825

Narciso

E só julgo consegui-lo
porque eu mandarei
que a ti somente queira
sem outra ordem del-rei. 1830

Júlia

Pois queres a Beliza?
Correrei chamar por ela . 34a

Narciso

Que me queira por amante

1818. *fazer-te quanto quiseres.* Em C: *farei esforços dos maiores.*

1821. *de doutrina.* Em C: *em doutores.*

1830. *del-rei.* Em B: *de ti.*

1832. *Correrei chamar por ela.* Em C: *e farei com que cases com ela.*

pois eu não sigo outra estrela.

(Dá Júlia três passos e diz:)

Beliza senhora minha
de quem se está queixando?
Por ventura seus amores
são os que logram a Vulcano?

1835

Beliza

Há despropósito maior?
Eu não busco a Vulcano
que busco o seu senhor.

1840

Narciso

Amor louco! Amor louco!
Diz-me, pois, Beliza, ingrata
que desculpa me há-de dar
que sendo eu Narciso,
tu não me queres falar.

1845

Nunca durmo que descanse
nunca como que me preste
sempre louco por te ver
e tu louca por Silvestre.

1850

Beliza

Céus! Que resposta darei
à demanda tão galante
só basta o nome de Narciso
para prova de amante.

Vejamos se este elogio
obra já de primoroso
não Silvestre que me deixou
no campo como um tojo.

1855

1833 - 1834. Em C: Ø.

1839. *Há.* Em C: *Que.*

1840 - 1841. *busco.* Em C: *procuro.*

1845. *Narciso.* Em C: *formoso.*

1846. *falar.* Em C: *amar.*

1849. *por te ver.* Em C: *por ti.*

1858. *tojo.* Em C: *fogo.*

(Enquanto isto se faz, estava sempre o Diabo e a Inveja cada um de sua porta e cada passo chegando e ouvindo.)

Silvestre

Ora senhora Beliza
estamos de nosso vagar 1860
que a ovelha parida
já fui apromentar.
E tem um cordeiro macho
que é um cordeiro fatal.

Rebeca

Ó Silvestre com quem é isso. 1865
Tu não a vês com Narciso?

Silvestre

Com Narciso estava falando,
mas não sei com que juízo.

Rebeca

Em juízo d'amores!
Pois tu não sabes isso. 1870

Beliza

Silvestre pariu já a ovelha
a quem foste apromentar
ou tu me aborreces muito
ou tu não sabes amar.

Silvestre

Depois em nos casando, 1875
serei obrigado [a] assistir
a teu mandado,
mas, por enquanto, estou minando .

1862. *apromentar*. Em B: *amparar*; C: *apascentar*.

1863 - 1864. Em C: Ø.

1864. *fatal*. Em B: *exemplar*.

1872. *a quem foste apromentar*. Em C: *a quem foste cumprimentar*.

1873. *aborreces*. Em C: *enganas*.

O que mais me importa
é o gado que estou vigiando.

1880

Beliza

Isso em ti é fingido
que tu não podes negar
se tu quisesses comigo casar
não irias ao gado
sem primeiro me falar.

1885

35a

Silvestre

Isso é ignorância
dessa maneira falar
porque a minha obrigação
está em primeiro lugar.

Beliza

Ora pois dá-me o desengano
se nos havemos de casar.

1890

Silvestre

Eu a que venho aqui
ou para que te mandei chamar.

Rebeca

Silvestre, olha o que te digo
não te deixes enganar.
Olha que ela com Narciso
d'amores estava a falar.

1895

Beliza

Rebeca ou tentação
para que me vens tentar
tu amas a Narciso
eu vou-te lá estorvar?

1900

Silvestre

Nesse falar em amores
me fazes desconfiar
não sabes que a lei de Deus

1878. *minando*. Em B: *menina*; C: *mandado*.

não deixa namorar? 1905

Narciso

Bem te vejo namorar Beliza
com grande excesso.

Silvestre

É porque eu a procuro
que Deus o permita
e cá deixou estabelecida
porém nunca consentiu
que se usasse amor nascido . 1910 35b

Por isso haveis de me entender
muito bem o que vos digo.
Que se namore,
que se há-de ver comigo. 1915

E se vós vos quiséreis casar
como eu quero fazer
a graça de Deus vos cubra
é o que vos posso dizer. 1920

Vulcano

Tanto negro casamento
tomara eu bem que comer
que ainda hoje não tive lugar
se quer de migas fazer.

Eu estou morto com fome
porém não vejo tratar
se não em me mandar ao gado
e não em me dar de cear. 1925

Beliza

1906. Em B: Ø.

1907. *com grande excesso*. Em B: *com grande afecto*; C: Ø.

1909 (.) 1910. Em C: *pois é sua lei que*,

1911 - 1912. Em C: Ø.

1912. *nascido*. Em B: *ilícito*.

1915. *Que se namore!*. Em B: *Que se namorar*; C: *Que se outro namorar*.

1919. *cubra*. Em C: *assista*.

Pois vai tu e Júlia
buscar o caldeirão
para fazermos as migas
que aqui temos leite e pão.

1930

Júlia

Eu com esse borrachão
não me meto na cabana
que me dá quando me chega
beliscos à italiana.

1935

Vulcano

Júlia vamos por ele
que te digo na verdade
que só para fazer as migas
te guardarei lealdade.

1940

(Vai Vulcano e Júlia a buscar o caldeirão)

Narciso

36a

Já vejo que de amores
que se não faz nada
vejam se alguma quer
ficar comigo casada.

Rebeca

Isto são noutes de Inverno
falaremos devagar
que o falar em casamento
é para depois de cear.

1945

(Sai Vulcano com o caldeiro; Júlia com um jarro de leite, pão e colheres. Deitam o pão no caldeirão e dá a cada um sua colher)

Silvestre

Ora vamos a cear
para quentar a barriga
para zombar da geada
que a noute está muito fria.

1950

Vulcano

1951. *zombar*. Em C: *aguentar*.

Vedes aqui a borracha
Deus a livre de corsárias
que é o melhor inguento
que têm as boticárias.

1955

Narciso

Ora já temos ceado
vamos a ver que se há-de tratar.

Vulcano

Eu estou morto com sono
quero-me logo deitar.

1960

Silvestre

Pois durmamos e sosseguemos
e cheguemos a ver o gado
e cada um olhe primeiro
ao que está mais obrigado.

(Deitam-se e dormindo sai o Diabo e a Inveja)

36b

Diabo

Deixa-me com teus conselhos
que trazem enganado
são conselhos de mulheres
que sempre trazem o seu cavo.

1965

Quando julguei que os metia
em lascivos pensamentos
então os acho conformes
em o santo casamento.

1970

Quero agora prendê-los
com esta cadeira fera
para que não ouçam
novas do Céu nem da terra.

1975

Inveja

1954. *corsarias*. Em B: *iguarias*; C: *coçadelas*.

1955. *enquanto*. Em B: *euguento*; C: *O vinho é a melhor bebida*.

1956. *que têm as boticarias*. Em C: *que se pode beber por elas*.

1968. *que sempre trazem o seu cavo*. Em B: *o som cavo*; C: *quase sempre sai irado*.

1974. *fera*. Em B: *ferro*; C: *fêrra*.

Pois eu te ajudarei
mostra cá essa cadeia
a mim o que mais me magoa
é a felicidade alheia.

1880

(Prendem a Vulcano)

Vulcano

Diabo! Diabo! Diabo!...

Diabo

Anda tosco malhadeiro
homem vil de baixa sorte
ainda traz presa a corrente
para os calabouços da morte.

1885

Vulcano

Ai! Que dragão do inferno
ó almas do santo Limbo
ó Silvestre, ó Narciso,
acudi-me aqui senhores
que só em ver esta figura
considero os seus ardores.

1890

37a

Não pode haver cousa pior
em todo o mundo inteiro
do que é terem os homens
o diabo por conselheiro.

1895

Diabo

Anda serás arrastado Vulcano.

Vulcano

Antes te leve o Diabo.

Diabo

Anda serás arrastado.

Vulcano

1879. *magoa*. Em C: *enjoa*.

Oh! meu Deus onnipotente
ó general S. Miguel
ó anjos do Céu Império
matai este Lúcifer .

1900

(Sai o Anjo com a espada de fogo e diz:)

Ó soberbo vil e baixo
a quem queres atormentar
hoje se acabou o tempo
de encheres o teu lugar.

1905

Hoje com nova licença
me foi mandado a mim
pela melícia celestial
toda em armas contra ti.

1910

Hoje que os recebam
o que o homem há perdido
abrindo do Céu as portas
como um homem prometido.

(Faz o Diabo resistência ao Anjo)

Anjo

Tu não conheces o Miguel
fortaleza divinal
quando do Céu te desterrou
para o fogo infernal?

1915

37b

Tu não estás atormentado
dos fortes rigores meus
não te lembras de ouvir
a grande sentença de Deus?

1920

Vai-te para o fogo do inferno
não prendas este pastor
que é pastor divino
e guarda em seu favor.

1925

(Deita o Anjo o Diabo à sepultura e Inveja de trás dele. Com estas coisas estão os pastores pasmados e recolhidos, e diz Silvestre pasmado:)

Silvestre

Ó Vulcano d'onde saiu

1902. matai este Lúcifer. Em C: matai este diabo lusbel.

esse vil sempre eterno
a quem o Anjo sagrado
sepultou no inferno?

1930

Vulcano

Não lhe disse logo à noute
que eu o visse na cabana
não o quis queimar logo
e mais a outra magana.

Silvestre

Amigos e companheiros
podemos crer muito certo
a visão traz em si
grande mistério encoberto.

1935

Lá dizem os profetas
em suas profecias
faltando o ceptro em Judeia
havia de vir o Messias.

1940

38a

E outro sinal não dizia
senão com grande fervor
que será governando
por um só imperador.

1945

Em outra ocasião
me lembra de ouvir dizer
que na cidade de Belém
havia de Deus nascer.

1950

E destes sinais que digo
todos tem já chegado
vir-nos-á este aviso
que o Messias é coroado .

1928. *vil*. Em C: *dragão*.

1934. *e mais a outra magana*. Em C: *e mais a Inveja tirana*.

1936. Em A: *querer*. Tendo em conta o contexto, sugere-se o verbo *crer*.

1941. *faltando o ceptro em Judeia*. Em B: *que da Terra de Judeia*.

1944. *senão com grande fervor*. Em C: Ø.

1946 (.) 1947. Em C: *sem poder ser destronado*.

1951 - 1954. Em C: Ø.

1954. *coroado*. Em B: *criado*.

E de ouvir dizer
que ele há-de chegar
na cidade de Belém
o havemos encontrar.

1955

Narciso

Pois é tão grande senhor?

Silvestre

Há-de ser o Padre Eterno
e o seu divino amor.

1960

Narciso

Pois ambos hão-de ser pais
Então quem o há-de parir?

Silvestre

Há-de ser uma donzela
descendente de David .

1965

Narciso

Ponhamo-nos a meditar
neste ponto tão sabido
e Vulcano guarda o gado
com muito grande sentido

38b

Mas se ela há-de ser virgem
quem o há-de haver parido
então não há-de ter pai
nem humano nem divino?

1970

Silvestre

Ele tem enquanto Deus
fonte de nosso favor

1975

1963. *parir.* Em C: *dar à luz?*.

1965. *descendente de David.* Em C: *Da casa de David – mãe de Jesus.*

1970 - 1973. Em C: Ø.

1971. *parido.* Em C: *dar à luz.*

1973. *nem humano nem divino.* Em C: *esse prometido Jesus.*

1975. *favor.* Em B: *fervor.*

deixemos esses argumentos
que não são para pastores.

Ponhamo-nos em oração
que é o que devemos fazer
para irmos em sua ajuda
quando o formos a ver.

1980

Vulcano

Se ele é senhor do mundo
que lhe deverei eu a ele
se ele pode comer de tudo
vestir de ouro e pele?

1985

Fim

1978. *Ponhamo-nos.* Em C: *Vamos fazer.*

1982 - 1985. Em C: Ø.

(Sai Simeão em traje de sacerdote e diz:)

Alto Deus d'Israel
já que me destes por sorte
posto que sou indigno
de chegar a sacerdote.

E administrador 1990
deste vosso templo santo
concedei-me enquanto
por vosso santo amor .

(Vem Maria e ajoelha)

Simeão

Pura e casta menina
vejo-me admirado 1995 39a
e não fico satisfeito
sem que tomeis estado .

Por vossa exemplar vida
preciso satisfazer
ao vosso merecimento 2000
que vendo-vos conceber.

É com esta minha vontade
que vós haveis de casar
pois esse é o estado
que vós haveis de tomar. 2005

Maria

Meu sábio santo e senhor
sou vossa de coração
porém muito alheia
de vossa resolução.

Não somente de ser alheia 2010
de muito menos idade
mas porque fiz ao altíssimo
voto de castidade.

1990. *E administrador*. Em C: *E também administrador*.

1992. *concedei-me enquanto*. Em B: *por vosso Santo Amor*.

1993. *por vosso Santo Amor*. Em B: *concedei-me a bênção entretanto*.

1997. *sem que tomeis estado*. Em C: *sem que tomeis outro estado*.

Simeão

Suposto que tenhais
voto de castidade
o que muito me agrada
dessa tão tenra idade. 2015

Vós haveis obedecer
às leis do mesmo Senhor
que isso vos determina
todo o vosso amor. 2020

Maria

Eu sempre determinei
neste estado viver
vivendo até à morte
sem outro estado ter . 39b 2025

Pelo amor do mesmo Senhor
que adoro e venero
a quem tomo por esposo
outro esposo não quero.

Simeão

O vosso firme propósito
rica e bela menina
bem satisfeito me deixa
mas a mim esse é-me inconveniente . 2030

Originais deste templo
que às leis obedeçais
as meninas primogénitas
que neste templo habitais. 2035

Maria

Como será possível
meu senhor obedecer
para estado de casar
se isso não pode ser. 2040

Fiz voto ao Senhor
de o servir de solteira

2025. *estado*. Em B: *Estado*.

2033. *mas a mim esse é inconveniente*. Em B: *mas a mim sempre anima*; C: *cumpra-se a lei divina*.

se me caso já não fica
a promessa verdadeira.

2045

Simeão

Muito vos louvo menina
esse voto santo génio
porém o nosso Senhor
não teme tal receio.

Porque também de casar
ele há-de aceitar
pois esse é o estado
que vós haveis de tomar.

2050

40a

Maria

Sacerdote santo e justo
que as leis do Senhor guardai[s]
como temente do mesmo
a cumpri-las me obrigais.

2055

Se é a vontade ao altíssimo
o que vós me mandais
estou pronta a obedecer
ao que vós determinais.

2060

Simeão

Clara e bela menina
vos digo de coração
que estou muito satisfeito
com a vossa resolução.

2065

E já que vós confirmais
com a minha opinião
esposo vos quero dar
à vossa satisfação.

E como duvido a achá-lo
ao vosso merecimento
quero mandar convidar
os do vosso nascimento.

2070

Da família de David

2047. *génio*. Em B: *anseio*.

2049. *não teme tal receio*. Em B: *não tema tal proveio*;

para nesses escolher
o que Deus determinar
isso é o que há-de ser. 2075

(Vai-se a Senhora para [o] oratório)

Maria 40b

Altíssimo Senhor de todas as coisas criadas ,
em meu coração conheço
a firmeza que tenho em servir-vos. 2080
Eu vos dei palavra de pureza
com servir-vos. Porém,
vosso ministro, meu intento faz
dar. Se é vossa santa vontade
eu a quero aceitar 2085
ilustrei-me Deus Divino
o que farei para aceitar.

Anjo

Obedece ó Maria
ao que Deus determina.

Maria

Ensinai-me a louvar 2090
quem tantos favores me faz.

(Vai-se)

(Sai Simeão e senta-se. Chegam os três Barões diante dela [e] José já tem a sua vara com flores pondo-
a no mesmo sítio)

Simeão

Uns e outros amigos
hoje o Céu escolhe
para jardim da melhor flor
da açucena mais nobre 2095
recosto da melhor árvore
Norte da mais pura estrela.
O que aqui entre vós for
escolhido para ela
há-de ser feliz esposo 2100

2078. *criadas*. Em B: *divinas*.

2096. *árvore*. Em C: *flor*.

da filha de Joaquim e
Ana sua consorte,
Deus assim o determina.

([Os três] Barões)

41a

Eu não mereço não, não,
eu não mereço tal sorte
eu não mereço a dita
de receber esta consorte.

2105

Simeão

Em nada podeis escusar-vos
pois para esse fim mandei chamar-vos
da família de David
não vos podeis defender.
O que Deus determinar
isso é o que há-de ser.

2110

Todos

Eu não mereço não, não,
eu não mereço tal sorte
eu não mereço a dita
de receber esta consorte.

2115

Simeão

Obedecei ao mandado
estas varinhas tomai
sequinhas como estão
com viva fé orai.

2120

Aquele Deus d'Israel
que nelas queira mostrar
algum sinal evidente
de quem na há-de levar.

2125

(Ajoelhados)

(Dá-lhe as varas ajoelhados. Deitam-nas no chão e José tira a sua com flores)

(Simeão diz para o Céu:)

2108. *escusar-vos*. Em C: *recusar-vos*.

2110. Em A: *famia*.

Nestas varas declarei
ó meu Deus d'Israel
quem há-de ser o esposo
de Maria tão fiel.

41b

(Levantam-se todos. Olhando para José se admiram pasmados de lhe verem a vara. E muito mais fica José.)

José

Ó Deus Piedoso
eu estou louco ou turbado
ou é defeito da vista
ou a vara é trocada.

2130

Todos

Ditosa e feliz sorte
e felicíssima sorte
ditoso e feliz José
tem Maria por consorte.

2135

José

Vós me estais a lograr
vós trocásteis-me a vara
esta prenda não é minha
esta vara foi trocada.

2140

Todos

Ditosa dita e feliz sorte
sorte que saber-se é
o que tão bem empregado
Maria para José.

2145

José

Deixai-vos de parabéns
tal corte não posso vê-la
eu não mereço ser esposo
d'aquela tão linda estrela.

Simeão

2126. *varas.* Em B: *hora.*

2131. *turbado.* Em C: *entorvado.*

2138. *lograr.* Em C: *alegrar.*

Essa é a vossa vara
essa é a vossa sorte
não duvides que é
Maria tua consorte. 2150

José 42a
Sacerdote justo e santo
como pode isto ser 2155
dar-me Deus esta fortuna
sem eu tal a merecer.

Sendo velho e barbado
pobre sem ter fazendas
estando estes mancebos 2160
abundantes de riquezas.

Sendo ela tão honrada
e menina tão formosa
como pode querer um velho
para ser seu esposo? 2165

Simeão

É para vós escolhida
disponde os desposórios
pedindo a Deus auxílios
com ânios feverosos .

José

Deus d'Israel soberano 2170
por vossa Omnipotência
pois que a vossa providência
governa o género humano.

Declarai este ramo
que virtude pode ter 2175
não haja para aqui serpente
que nela se vá esconder.

Meu affecto me procura
a viver em lealdade

2167. *Disponde os desposórios.* Em C: *Dispensando haveres poderosos.*

2168. *pedindo a Deus auxilio.* Em B: *e com ânios fervorosos.*

2169. *com ânios feverosos.* Em B: *pedi a Deus auxílios.*

2179. *viver.* Em B: *ouvir.*

nessa mesma me confio 2180
sendo da vossa vontade.

Querendo minha esposa 42b
o viver em lealdade
as flores me são esposas
essa é a minha vontade. 2185

Porém Maria aqui está
quero chegar a falar-te
prima e Senhora minha
aqui estou para adorar-te.

Maria

Esposo querido senhor 2190
aqui está quem há-de ser
serva, escrava vossa
para sempre vos obedecer.

José

Alegre-se esta minha alma
minha esposa querida 2195
entre meus parabéns
suas ditas públicas.

Já este ramo que vedes
anúncios da dita tem
parece-me a Primavera 2200
com suas flores também.

Anúncios vem a dar
d'uma glória tão singela
parece anunciação
que baixou do Céu à terra . 2205

Maria

A minha dita esposo
para eu te explicar
a minha voz ma impede
a língua ma faz tardar.

2190. *Esposo.* Em B: *esposa*.

2195. *querida.* Em C: *amada*.

2200. *com suas flores também.* Em C: *com lindas flores também*.

2205. *que baixou do Céu à terra.* Em C: *que baixou do Céu por uma estrela*.

Para que somente possa
o que é prazer e usar
só o silêncio sem voz
o pode manifestar.

2210 43a

(Recolhe-se. Sai José confuso e diz:)

Enlevado das minhas dúvidas
confuso de meus assombros
aflito de minhas penas
morte de meus afagos.

2215

Nadando em um mar profundo
de lágrimas que eu choro
deixo a minha esposa
metida em oratório.

2220

Pedindo humilde venho
aqui para este retiro
pedindo a Deus do Céu
que queira dar-me alívio.

2225

Eu vos prometi Senhora
de guardar virgindade
sem me ser isso penoso
sendo da vossa vontade.

Pois para consolação
de conservar alegria
basta-me ver os olhos
de minha esposa Maria.

2230

Vós descendentes de David
seu pai heróico tem
venham todos sem que haja
ficando um só além.

2235

Pois com lágrimas choro
de perder tão alta prenda
é preciso o perdê-la
do que Deus tal me defenda.

2240 43b

2212. voz. Em B: *vós*.

2214. Em A: *Envelado*.

2214 – 2217. Em C: Ø.

2215. *assombros*. Em B: *presságios*.

2216. *penas*. Em B: *pernas*.

Vendo sua formosura
que estou bem duvidoso
oh! que prenda sem consolo
mas não sei o que resolvo.

2245

Dai-me uma luz Senhor
destas trevas em que estou
tirai-me do grande mar
em que afogado vou.

Anjo

Recebe esta esposa
não temas, ó José,
pois o ser tua esposa
do grande Deus é.

2250

É a criatura mais bela
dotada de castidade
fez voto sem ter mestre
de guardar virgindade.

2255

Pois contam as escrituras
ser mais bela que Raquel
mais graciosa que todas
excedendo a esterel .

2260

José

Com estes alegres ditos
em minha alma são notórios
minhas penas em que vivo
resolveram-se em glórias.

2265

A maior felicidade
de ter tão casta esposa
sorte como a minha
sendo ela tão formosa.

44a

(Sai José e Maria. Venha José e Maria diante de Simeão)

Simeão

2259. *bela*. Em B: *velha*.

2261. Em A: *esterel*; B e C: *estéril*.

Seja muito para bem esta vinda tão ditosa esta tal sociedade de José e sua esposa.	2270	
José		
Esta união tão perfeita não há outra como ela aqui está já o Norte daquela linda estrela.	2275	
(Simeão diz para os consortes)		
Aqui está aquela estrela o Norte mais exaltado o vaso mais precioso digno de ser mais estimado.		2280
É um ilustre tesouro unido com esta flor que enriquece todo [o] mundo com seu ilustre senhor.		2285
Será Maria primeiro na virtude e no exemplo quem há-de obedecer a José fora e dentro do templo.		
Será a luz e aurora que ilustrará seus sentidos conseguindo do Senhor seus verdadeiros desígnios.	2290	44b
(Toquem, dêem as mãos)		
Simeão		
Minhas ricas e belas prendas ide na paz do Senhor obedecei a seus preceitos por seu divino amor.	2295	

2270. *Seja muito para bem.* Em C: *Sejam muito os parabéns*

2272. *esta tal sociedade.* Em B: *esta tão nobre sociedade*; C: *esta fiel sociedade.*

2280. *vaso.* Em B e C: *vosso.*

2290. Em A: *e*; C: *da.*

Obedecei um ao outro
com paz e felicidade
abençoados sejais
pois é a minha vontade. 2300

José

Adeus sacerdote santo
adeus doce companheiro
adeus templo sagrado
a quem eu tanto queria. 2305

Maria

Graças vos dou Altíssimo
pelos grandes benefícios
que por vossa Omnipotência
hoje em mim são recebidos.

(Diz para José)

Aqui está meu doce esposo
nobre José primo meu
esta indigna esposa
que Deus para vós escolheu. 2310

José

Oh! estimada esposa
eu para vós estou eleito
tributando-vos amor
que procede do peito. 2315

(Dorme José)

45a

(Anunciação)

(Sairá a Senhora para o oratório, donde será o átrio da Anunciação. Posta de joelhos com os olhos na escritura com muita pausa diz:)

Enquanto meu querido esposo
em doce sono repousa,
quero atenta e mais que saudosa,
de Isaías donde suspensa estou estes dias. 2320
Minha alma mistérios nota
tão ocultos como grandes
ó monarca da glória

benigno Deus d'Israel,	2325	
com que vontade heróica		
a vós com retrato humilde		
de tua desdada poderosa		
em o capítulo sétimo		
prossegue desta sorte.	2330	
Isaías assim o diz, que uma virgem		
Maria, em bem parirá um filho,		
que dará ao mundo luz [e] glória.		
Pode haver maior ventura como esta		
que aqui vou vendo,	2335	
como alma minha, não despede		
com estas ponderações, com tão suave.		
Coração não temas bendita tu clara		
estrela, lua formosa, pois que do sol,		
da justiça haveis de ser a bela aurora.	2340	
Céus! que mulher tão divina, que		
mulher tão virtuosa. ó quem		
chegará por fortuna chegá-la a conhecer.		
Ó quantos justos tem o mundo		
que honra chegar a ser escravo	2345	
desta divina mãe. Do sol que		
Israel ilustrará com sua glória,		45b
pois ela está já no mundo de certo		
segundo afirmam as profecias [e]		
denotam as divinas letras altíssimas.	2350	
Deus! quem a minha alma adora		
se vos não ofendem tristes rogos,		
se vos agradam minhas palavras,		
se vos estremeceis de meu pranto.		
Prometei que eu conheça essa	2355	
divina donzela, as mesmas		
letras o afirmam ser		
descendente de David.		
Mas eu por minha pobreza		
não mereço essa sorte! Esse fim!	2360	
com mérito na verdade, por		
verdadeiramente, fiz voto de		
castidade, sempre casei com		
este barão, ele fez o mesmo voto		
à minha imitação. Oh! quem	2365	
será tal soberana! Oh quem		
será tal donzela.		
(Anunciação do Anjo)		
Avé Maria gratia plena dominum		
benedita és tu entre as mulheres.		
Virgem Maria não temas	2370	

em me ver aqui presente,
porque sou um embaixador
de Deus onnipotente.

Entre todas as mulheres
vós sóis a escolhida
sois mais perfeita que todas
sem pecado concebida.

2375

Maria

Céus! que é isto a esta hora, gente!...

Anjo

Aqui venho enviado
d'aquele Deus Onnipotente.

2380

Maria

Confusa estou turbada
com o que ouço agora
não posso compreender
que é isto a esta hora.

Anjo

Deus vos salve Maria
cheia de graça e amor
pois o Senhor é convosco
por união singular.

2385

Maria

Suspensa estou confusa
com esta saudação
com ela se abre meu peito
revive meu coração.

2390

Anjo

Não temas que achaste
nos olhos do Padre Eterno
hás-de conceber e parir
um filho unigénito.

2395

A quem chamarás Jesus
que será grande chamado

filho de Deus, óh! culpado,
de David o reinado.

2400

E da casa de Jacob
para sempre reinará
o seu reino para sempre
nunca mais acabará.

Maria

Fiz voto de castidade
já isso não pode ser

2405

eu não conheço barão
nem o posso conhecer.

46b

Anjo

Sem conheceres barão
vós haveis de conceber
e parir ficando virgem
pelo Divino Poder.

2410

Pois sobre vós virá
o Divino Espírito Santo
e a virtude do Altíssimo
vos cobrirá enquanto.

2415

E de vós há-de nascer
o Santo Rei de d'Israel
que será filho de Deus
Jesus Cristo Manuel.

2420

Pois sabeis que vossa prima
estimada Isabel
concebeu há seis meses
sendo ela já estéril.

Pois essa é a vontade
d'aquele Divino Senhor
que tudo pode e promete
por sua divina união.

2425

2399. Em A: *culpado*; B: *ocupando*; C: *oculto*

2411. e *parir ficando virgem*. Em B: e *ter um filho virgem*.

2416. *cobrirá*. Em B: *abrirá*.

2420. *Manuel*. Em B: *Esmael*; C: *Emanuel*.

2428. *união*. Em B: *favor*; C: *amor*.

(Sai o Anjo e deita uma pomba)

Maria

Aqui estou oh! Senhor
a vossa serva escrava
faça-se em mim tudo
segundo a vossa palavra

2430

Deus Mensageiro Santo
que deixais a minha alma
toda cheia de prazer
com esta embaixada.

2435

47a

(Dá graças)

Altíssimo Senhor, soberano eterno Deus,
Poderoso Rei Senhor infinito,
todos esses coros angélicos,
essas potestades sublimes
dessas celestiais heresias
vos deixam por louvores e graças
a tantos benefícios que já de vós recebi.

2440

Como assim vos dignastes
desta humilde pobreza, havendo
no mundo pessoas de grande
virtude e riqueza.

2445

Campos, vales, flores e aves
mares, rios e castros,
ajudai-me a louvar
quem tantos favores me faz.

2450

Oh! almas dos santos padres
e profetas verdadeiros
lá se queixam nesse Limbo
pela vinda de Deus verdadeiro.

2455

Quando o meu esposo José
souber da dita tão exaltada
oh! que alegria, oh! que prazer
que gozo sente minha alma.

Vendo que no ventre está

2460

2433 - 2436. Em C: Ø.

2441. *heresias*. Em C: *delicias*.

2459. *sente*. Em C: *santo*.

a Santíssima Trindade
faizei senhor que ambos juntos
 façamos a vossa vontade.

(Cantam os anjos)

47b

(Visitação de S. Isabel e Zacarias e diante deles sairá Bato, cantando e bailando)

Bato

Donde virão tantas glórias
que escuto e não vejo
parecem-me coisas divinas
valha-me o Céu que festejo.

2465

(Cantam os pastores)

Que música será esta
que me faz endouecer
donde seu princípio tem
não posso conhecer

2470

(Cantam)

Mas aí! que admirado me tem
no meio de tanta glória
uma senhora lá vem!
que grande alegria e glória .

2475

(Cantam)

Isabel

Bato, tu não divisas
músicas tão singulares
que estou surpresa de ver
o que não posso alcançar.

Bato

E os meus ouvidos logram
mas não sei explicar
nem a boca nem a língua

2480

2464. *virão.* Em C: *viram.*

2475. *que grande alegria e glória.* Em B: Ø.

2478. *surpresa.* Em B: *suspensa.*

o sabem pronunciar.

Isabel

Vê se podes compreender
donde nasce tal prazer 2485
pois música como esta
só do Céu pode descer.

Bato

Eu vi mas foi cá de longe
de certo não conheci 48a
não sei o que possa ser 2490
outra tal ainda não vi.

Serão os vossos pastores
que vêm conhecer
pois de estéril
chegastes a conceber. 2495

Pois a todos dá prazer
esta grande novidade
alguns não cabem na pele
eu sou um na verdade.

Isabel

Novidades que experimento 2500
não compreendo na verdade
são de Deus d'Israel
efeitos de piedade.

Tal gozo em minha casa
tais suaves alegrias 2505
são mistérios do Altíssimo
estando mudo Zacarias.

Pascoal

Pasmado estou senhora
e admirado me vejo
ver alegrias tão grandes 2510
com tão ilustre festejo.

2494. *pois de estéril.* Em B: *pois de estarem longe.*

2507 – 2508. Em B: (...) *Novidades que experimento/ não compreendo na verdade.*

Isabel

Pascoal tu que me dizes
tu não podes compreender
tão singulares alegrias
donde vem o proceder?

2515

48b

Pascoal

Vós Senhora não sabeis
uma grande maravilha
que ilustra meu coração
corpo e alma minha.

As árvores lançam flores
as aves cantam suaves
que mostram uma nova
Primavera na verdade.

2520

Isabel

Eu não alcanço
nem posso compreender
tira-me deste cuidado
diz-me que quer isso ser.

2525

Pascoal

Vós Senhora não sabeis
que a esposa de José
é chegada a vossa casa
Maria de Nazaré.

2530

Os pastores a acompanham
de vontade muito bela
deixando os seus gados
no alto cume da serra.

2535

Isabel

Mais que feliz e ditosa
se minha prima Maria
me vem ver a minha casa
dando-me tanta alegria.

2524. *Eu não alcanço.* Em C: *Eu não posso alcançar.*

2533. *bela.* Em B: *férrea.*

Oh! meus felizes pastores publicai alegria da ditosa e feliz vinda de minha prima Maria.	2540	
Despojai as cabanas mostrai vossa bizzarria já os montes florescem com a vinda de Maria.	2545	49a
Chegai-vos com alegria vinde-me acompanhar que eu a vou receber que é a estrela do mar .	2550	
Pascoal		
Isabel minha Senhora de que serve afadigar os pastores de vossa prima Maria já aí vêm, estão a chegar.	2555	
Ela vem diante deles vem-lhe servindo de guia eles vêm cantando notas em singular alegria.		
(Junta-se Maria e diz:)		
Deus te salve prima minha estimada Isabel quanto gosto já recebo estares isenta de estéril .	2560	
Isabel		
O Senhor venha convosco rica jóia prenda minha pois a consolar-me vindes com tal gozo e alegria.	2565	

2544 - 2547. Em C: Ø.

2550. Em A: *perceber*; B e C: *receber*.

2551. *que é estrela do mar*. Em C: *que eu a quero amar*.

2562. *recebo*. Em C: *tenho*.

2563. *estares isenta de estéril*. Em B: *por teres deixado de ser estéril*.

2567. *com tal gozo e alegria*. Em C: *com muito prazer*.

A vossos pés me dai licença
que ofereça minha vontade
pois me viestes a dar
muitas honras na verdade. 2570

(Abraçam-se e Maria diz)

Dá-me a glória de teus braços
para neles formar
o meu grande carinho
e amorosos laços. 2575

Isabel

Que língua haverá no mundo
com explicação possa
minha alma recebe pois
em meu ventre se celebram
os mistérios mais altivos 2580
de vossa vista nascidos.
Pois o fruto do meu ventre
se humilhou reverente.

Altos são esses mistérios sublimes
estes prodígios já vejo prima e Senhora 2585
minha que vós sois a cidade mais
forte que em si encerra, o mais
belíssimo tesouro, vós sois a
arca fechada, em quem o eterno
padre, escreveu as mais excelentes 2590
letras para os sábios do mundo.

Empregaram os desvelos, vós sóis
aquela donzela, nuvem por
entre a qual o sol trespassa os
seus dourados raios. Bendita 2595
sejais entre todas as mulheres,
pois em vosso ventre se encerra
o fruto da melhor árvore que há-de
dar a vida e salvar o seu povo
venturoso; como é possível que 2600
em mim se concedam tantas
graças, tantas honras que me

2569. *dai licença.* Em C: *ajoelho.*

2573. *para neles formar.* Em B: *para com eles formarmos.*

2574. *o meu grande carinho.* Em B: *eternos.*

2576. *língua.* Em B: *ninguém.*

2580. *altivos.* Em B: *altérrimos.*

sejam visitadas, dá luz mais
esclarecida, que é mãe do sol
que adoro. Eu como mereço que
a honrar me venha, sendo eu tua
escrava Maria Senhora minha.

2605

50a

Maria

Prima e Senhora,
ó Altíssimo Onnipotente,
fortalecei meu espírito
minha alma reforça reverente
pois sendo a mais humilde serva sua
me vejo aclamar-me para
bendita entre todas as mulheres.

2610

Entre as gentes mais estranhas
das aldeias, cidades e montanhas,
estes são os potentes com que
o Altíssimo favorece o seu
grande nome, pois dignou
alumiar-me ditosa da impureza
sendo sempre a minha guia,
nesta ditosa jornada, abrandando
os soberbos que altivos se
mostravam, engrandecendo,
benigno os humildes que
miseráveis se chamam.

2615

2620

2625

Isabel

Vinde, vinde custódia santa
trazer a vida saudável
aos enfermos da primeira culpa;
vinde luz da Palestina alegrar
com vossa voz divina o ditoso
infante, dando claros indícios
de sua grande dita em meu gozo.

2630

(Abraçam-se)

(Isabel diz:)

Tornai-me a durar braços
rico cofre donde hoje se desprendem

2635

2620. *alumiar-me*. Em B: *iluminar-me*;

2629. *infermos*. Em C: *infernus*.

2634. *durar braços*. Em C: *abraçar*.

os melhores tesouros para enriquecerem a casa de Zacarias que mudo está como adereço de tanta alegria.		50b
A esperar-vos estaremos carroça de ouro que se muda aquele divino verbo encarnado. Vamos exemplo da humildade que desta divina graça vemos águia real que pelas ditas montanhas voastes com vossas	2640 2645	
asas; a agasalhar esta família vossa que com gozo vos esperava. Vamos amada prima. E cantem os pastores a misteriosa vinda.		
(Elas vão-se ao quarto de S. José e diz)		
Suspenso estou confuso, aflito, pasmado me considero. Deus eterno como é possível que meu espírito se não extinga, minhas carnes não sequem, meus olhos não ceguem, minha língua não amorteça,	2650 2655	
minha alma se não aparte deste infeliz cárcere em que a vida vendo como a ilha do fogo que dentro a consome as incêndias labaredas e por fora a subirão os heróis e furiosas tempestades, Ó céus!	2660	
Que mar de aflições! Piedade de Deus eterno consolar este aflito. Vede quão triste e penoso, naufragando entre as ondas.	2665	
Ai de mim!....Como é possível que Maria me ofendesse, nem é possível ai que digo!... Ela crescida do ventre está!... Ela não mostra moléstia	2670	
donde é só lhe resulta grávida, sem duvida, está!... Ai como!... Mais ai como!...me atreverei a proferir contra sua grande virtude e da castidade exemplo. É erro, é erro, é enganos	2675	
dos meus olhos, Maria não me ofendeu, nem é possível, pois Maria, é mais pura que os Céus, é erro, é ilusão minha!... Seu resplendor tão luminoso, aquela	2680	51a

estrela do mar, aquela guia real, aqueles olhos haviam-se atrever a profanar sua honra, sua família, sua linhagem. Valha-me o céu que é isto!... Se afirmo no dia os olhos fazem certa minha suspeita, pois seu crescido ventre bem o manifesta, grande sem dúvida está!... Minha Senhora esposa, dai-me favor. Céus! Que é isto entre tantas angústias e pesares que já conheço. Ó que mentiras, fantasias pois a minha dita estorva mistérios e não os que não alcanço o que em este sossego nota; ora é impossível e não creio nem posso querer que haja mácula no que solidade da castidade donde o sol entre pelo pólo. É engano meu, erro, é que Maria não me ofendeu, será engano dos meus olhos pois já se me ofusca a vista do luzeiro mais formoso que talvez será porque os temores cegam de alma os olhos, sendo minha esposa e prima de meus acessos. Senhora, filha de Joaquim e Ana, daquele tronco de David descendente. Ela fez voto de castidade entre todas a mais pura e perfeita; não podia ofender-me mentem-me, mentem-me os olhos, pois Maria é muito pura mas que vejo céus!... Eu se reparo já estou certo, se me afirmo reconheço ser minha suspeita; sem erro, grávida é certo mais que certo está. Ó que há mistério, porém se está grávida que mistério pode haver. Todos dirão que é meu filho mas eu não a conheci. Céus que aflição tão cruel! Deus divino consolai-me! Para dar parte à justiça e acusá-la de adultério há-de ser apedrejada segundo as leis o determinam. Para queixar-me aos parentes é fazer público o adultério que a desonra e despreza!...	2685		
	2690		
	2695		
	2700		
	2705		
		51b	
	2710		
	2715		
	2720		
	2725		
	2730		

Eu para a deixar parir em casa não sendo filho meu, não posso tal consentir!... Divino Deus d'Israel inspirai-me algum auxílio no que devo obrar sem que fique ofendido! Por melhor acho assentar-me e deixá-la para não ofender sua honra; antes eu seja ofendido. Melhor é ir-me para terras estrangeiras desterrado a viver só aqui entres os parentes e amigos com desonra e vergonha; mas ai que dor! Que será desta menina sem amparo nem favor, vendo-se entregue à tragadora terra da desfortuna que consome sua honra! Fama!...	2735	
Mas não há remédio deixá-la e afugentar-me quero, Deus poderoso socorrei este velho cansado de aflições; valha-me o Céu! Que desmaiado sono me convida, pois aqui me quero encostar para ver se entre o sono algum alívio conhecem minhas penas.	2740 2745 2750 2755	52a
(Dorme José)		
Anjo		
Recorda José recorda! pois é ilustre barão volta para tua esposa tira-te dessa aflição.		
Sim, é certo estar grávida não foi obra de barão mas foi do Espírito Santo por divina união.	2760	
Tua esposa é aquela de que fala Isaías donde há-de vir ao mundo o verdadeiro Messias.	2765	
(Vai-se o anjo e José diz)		

Oh! doce mensageiro
não me deixes, não me surpreendas
oh! doce embaixada foi-se! foi-se!

2770

52b

Fortuna como esta
da maior felicidade
de quantas o mundo nota
não há outra na verdade.

Uma esposa tão Santa
do jardim a melhor flor
ajudai-me anjos do Céu
a louvar o Criador.

2775

Volto para minha esposa
vou-lhe a pedir perdão
daquela falsa suspeita
que entrou no meu coração.

2780

Mas ai que digo agora?
Como poderei chegar
perante seus belos olhos
depois da ultrajar?

2785

Ultrajei sua virtude
sua pura castidade
sendo uma fina pérola
símbolo da virgindade.

2790

Mas não posso escusar-me
a seus pés me vou render
para lhe pedir perdão
pois me o há-de conceder.

(Chega-se à Senhora)

Formosa luz de meus olhos
Norte de minha velhice
consolo de minha alma
perdoa-me minha doudice.

2795

Perdoai minha Senhora
as atrevidas suspeitas
com que eu vos agravava
nas palavras imperfeitas.

2800

53a

2791. *escusar-me*. Em C: *recusar-me*.

2798. *doudice*. Em C: *tolice*.

Pois mistérios tão altivos
não podia alcançar
aqui estou para servir-vos
como escravo leal.

2805

Perdoai Senhora minha
são cousas da velhice
pois considera Senhora
que fiz grande parvoíce.

2810

Maria

Amado esposo meu
muito bem reconhecia
o horroroso tormento
que com tanto vos ofendia.

Mas não era possível
podê-lo revelar
os mistérios divinos
haveis de me perdoar.

2815

José

Alegre-se todo o mundo
ajudai-me a louvar
aves, plantas e flores
montes peixinhos do mar.

2820

A louvar tão grande sorte
com que o Céu me favorece
ó que ditosa fortuna
para quem a não merece.

2825

53b

(Recolhendo-se no quarto, sairá José como quem anda passeando na cidade e voltando para a Senhora
dirá o que ouviu)

(Pregoeiro)

(Todos vão a Belém a pagar tributo a César)

José

Ó clara luz dos meus olhos

2806. *como escravo leal.* Em B: *como escravo leal sem par*; C: *e com escravo me entregar.*

2813. *horroroso.* Em C: *honroso.*

descanso das minhas aflições
 agora que eu queria
 empregar-me em servir-vos 2830
 a diversa fortuna me estorva .
 Meus íntimos desejos
 pois se deu o pregão, Senhora,
 de ir a Belém aviar o tributo
 a César, o que não pode escusar-se 2835
 desta jornada fazer. Mas
 ó quanto sinto Senhora
 ver-vos tão chegada ao parto
 e não poder servir-vos
 como pode a minha boa 2840
 vontade, mas não se pode
 escusar-se. O Senhor será
 connosco, licença me
 concedeis para jornada
 fazer. Oh! que penas. 2845

Maria

O ver-vos mortificar
 para mim é padecer
 mas uma graça vos peço
 que me haveis conceder.

José

O que de vós o recebe 2850
 Senhora minha sou eu
 estou pronto a servir-vos
 como um escravo seu.

54a

Maria

Tenho tanta glória
 para mim é tanto bem 2855
 se queres essa jornada
 desde aqui para Belém.

José

Como podereis, Senhora,

2831. *a diversa fortuna me estorva.* Em B: *a diversa fortuna me estava reservada.*

2832. *meus íntimos desejos.* Em B: *contrariando os meus desejos.*

2834. *aviar.* Em C: *pagar.*

2850. *O que de vós o recebe.* Em B: *O que graça de vós recebe.*

aturar a jornada
trinta léguas de comprida
e tão áspera estrada. 2860

Maria

Quero-vos acompanhar
porque indo a vosso lado
os tormentos me dão glória
as penas nenhum cuidado. 2865

José

Vamos meu sol riscante
já se esforça meu peito
pois já se mitigou nele
as penas que eu aceito.
Oh! que dor sente minha alma 2870
ver-vos preparar
vamos rica prenda, vamos
para Belém a marchar.

Maria

Esforcemos nossos passos
tudo quanto pode ser 2875
para buscarmos pousada
antes de anouteecer .

Que a noute é chegada
é grande o rigor do frio
Deus nos depare pousada 2880
antes do anoitecer. 54b

José

Alegrai-vos Senhora
que eu já sinto um rumor
julgo cedo acharemos
quem nos faça esse favor. 2885

E se acaso me não engano

2859. *Aturar.* Em C: *Aguentar.*

2866. *riscante.* Em B: *nascente.*

2868. No texto A: *matignou.* Em B: *mitigou*; C: *mitigou.*

2874. *Esforcemos.* Em B: *Reforcemos.*

2877. *antes de anouteecer.* Em B: *antes de a noite surgir.*

pois é minha vontade
já descubro uns muros
parecem-me os da cidade.

Maria

Deus nos console esposo
com seu divino favor
pois do frio se não pode
suportar o seu rigor.

José

Já minha Senhora estamos
na cidade sem perigo
esperai em quanto procuro
quem nos dê algum alívio .

(Chama)

Olá! olá! Lá seja Deus aqui.

Jorge

Olá! Olá quem está aí?
Já havia muito tempo
que estava descansando
diga lá o que quer
senão vá-se escapando.

José

Amigo da minha alma sou José vosso parente que cheio de muito frio venho feito penitente.	2905	55a
--	------	-----

Venho eu e minha esposa
em vossa casa esperamos
esta noite um abrigo
pois é o que desejamos.

Jorge

Está um forte parente

2897. *alívio*. Em B: *abrigo*.

ainda me caía boa troça
tais parentes como estes
não entram em minha casa.

2915

José

Valha-me o Céu que frio
vamos Senhora adiante
aguardai que aqui está
a porta de um viajante.

Chamarei a ver se temos
fortuna mais melhorada
pois a gente desta casa
sempre foi muito honrada.

2920

Olá, Ólá Deus lhe dê a sua fortuna.

Jacob

Que gritarias são essas
que temos a esta hora?

2925

José

Amigo peço que obres
comigo de piedade
venho eu e minha esposa
com grande necessidade.

2930

Peço-te que me recolhas
não te peço mais nada
vimos cheios de frio
por quem sois dai-nos pousada.

55b

Jacob

Se fosses bem procedido
e tua mulher honrada
desde que entraste na cidade
já acharíeis pousada.

2935

Muitos, muitos brejeiros
me tem hoje enfadado

2940

2913. *troça*. Em B: *ainda que com boa traça*; C: *traça*.

2936. *honrada*. Em C: *amada*.

2939. *brejeiros*. Em C: *forasteiros*.

fora lá brejeiros
não sejais tão confiados.

Zilem, zilem mandriões
zilem, zilem canalhada
que marotos como estes
não lhes quero dar pousada. 2945

José

Senhora não te enfureças
porta-te com paciência
que Deus me dará remédio
pela sua clemência. 2950

Oh! Céus! oh! Céus! Acudi-me
ó Deus de suma bondade
movei esta gente crua
que tenham de nós caridade.

Não vos aflijais Senhora
com gente tão arrenegada
vamos aqui adiante
que lá nos darão pousada. 2955

Que lá tenho um amigo
que em tempos regalei
amigo sem ter família
não sei se o acharei. 2960

Sua boa condição
por certo que me faz querer
que logo que me ouvir
nos virá a recolher. 2965 56a

Olá, Olá senhores.

Lucas

2941. *brejeiros*. Em C: *forasteiros*.

2943. *Zilem, zilem*. Em B: *Zirra, zirra*; C: *Fora, fora*.

2944. *Zilem, zilem*. Em B: *Zirra, zirra*; C: *Fora, fora*.

2947. *enfureças*. Em C: *aborreças*

2953. *movei*. Em B: *demovei*.

2954. *caridade*. Em B e C: *piedade*.

2956. *arrenegada*. Em B: *renegada*.

Quem são esses batedores?

José

É o vosso amigalhão
o carpinteiro José
bem o podeis conhecer
do templo de Nazaré. 2970

Com o frio não posso
explicar na verdade
a miséria em que venho
tende de mim piedade. 2975

Vimos eu e minha esposa
cheiinhos de frio
corremos toda a cidade
sem acharmos um abrigo. 2980

Peço-te como amigos
que somos há muito tempo
que nos faças a esmola
de nos dar recolhimento.

Lucas

Vai-te escapando maroto
antes que a mais passemos
que outra casta de gente
já nós cá recolhemos. 2985

Não os hei-de deitar fora
que são homens verdadeiros
para aceitar pobretões
fora, fora mandungueiros. 2990 56b

José

Ora, senhor, por mim
eu não vos importunava
porém, por minha esposa
que quase trespassada está. 2995

2969. *amigalhão*. Em C: *amigo*.

2972. *do templo*. Em B e C: *do tempo*.

2978. *cheiinhos*. Em C: *muito cheios*.

2992. *mandungueiros*. Em B: *mendingueiros*.

2994. *importunava*. Em C: *enfadava*.

Com grande rigor do frio
e quase para parir
como ficará na rua
vós vinde-me acudir . 3000

Por quem sois, dai-me uma loja
tende de nós compaixão
lá estaremos com as bestas
tirai-nos desta aflição.

Lucas

Eu dos dias que me lembro 3005
com outra tal ciganada
não me vi tão perseguido
a pedir-me pousada.

Eu se não fosse de noute
e por causar alvoroço 3010
havia-vos pôr em esterco
e cortar-vos o pescoço.

Ide para fora dos muros
depressa e não devagar
que lá está uma cova 3015
onde podeis ficar.

Senão dormi na rua
Fora, fora canalhada
que não dorme em minha casa 57a
semelhante ciganada. 3020

José

Deus Eterno Piedoso
primo por uma união
dai-me Senhor um consolo
tirai-me desta aflição.

2998. *e quase para parir*. Em C: *e quase a dar à luz*.

3000. *vós vinde-me acudir*. Em C: *com tanto frio e sem luz*.

3003. *bestas*. Em C: *animais*.

3011. *havia-vos pôr em esterco*. Em B: *havia por entre esterco*.

3015. *cova*. Em C: *gruta*.

3016. *ficar*. Em C: *pernoitar*.

Vamos oh! luz de meus olhos
vamos que aqui está
a cova entremos n'ela
Deus nos favorecerá.

3025

Maria

Vamos, mas vamos aflitos
que tudo isto será mistério
do Senhor que nos acudirá.

3030

(Entram no presépio com luzes acesas)

Maria

Perdoai o agasalho
Sacro Deus Omnipotente
que prostrado a vossos pés
vos adoro reverente.

3035

Oh! se eu tivesse tudo
quanto no mundo havia
eu tudo sem ficar nada
aqui vos ofereceria.

José

Verbo divino; doce infante
Amor divino, divino amante
Amor de minha alma
aqui está rendido.

3040

José vosso escravo
e pai eputetivo
que não mais tem
que vos possa dar
só o coração se vos agradar.

3045

57b

Desejara eu ter
todos os regalos do mundo
para tributá-los.

3050

Só assim vos farei
para vos recostar
um bercinho novo

3027. *cova.* Em C: *gruta.*

3033 *Sacro.* Em B: *Será.*

3045. Em B: Ø; C: *epultetivo.*

se vos agradar.

3055

Senão ficardes com ele satisfeito
perdoai, Senhor, todo o meu efeito.

Fim

Colóquio de Pastores que são Roque e Felino e Lucas e Justo e Anjo

Anjo

Alvíssaras pastores
venho-vos anunciar
que nasceu o Rei da Glória
para vos remir e salvar. 3060

Acordai se estais dormindo
desse sono tão pesado
que vos venho dar novas
que Jesus Cristo é chegado. 3065

Despovoi as cabanas
tende o gado em guarda
ide ver o Rei menino
filho da Virgem Sagrada.

Pois esta noite nasceu
destruindo o pecado
achá-lo-eis em Belém
numas palhinhas deitado. 3070 58a

Justo

Ó Roque, Felino e Lucas
vós não quereis acordar
não ouvistes uma voz
que vos fez atormentar? 3075

Roque

Ora deixai-me dormir
não me estejais a cismar
a culpa é da borracha
que te fez extraviar. 3080

Felino

Não digas isso meu Roque
que eu estava dormindo
acordei a uma voz
que o mundo estava remido. 3085

Lucas

3085. *remido*. Em B e C: *rindo*.

Não que o Roque é muito tolinho
eu ouvi com atenção
uma voz muito suave
dentro do meu coração.

Justo

Eu mal lhe cheguei ouvir 3090
uma voz muito suave
metida em uma luz
que me cega na verdade.

Roque

Eu disse nada ouvi
que dormia muito bem 3095
mas sonhava que entrava
um grande Rei em Belém.

Felino

Em Belém percebi eu
e também Isaías
e falava aquela voz 3100 58b
na vinda d'aquela Rei Messias.

Lucas

Meus companheiros leais
nada podeis duvidar
ao certo já é nascido
quem o mundo há-de salvar. 3105

Justo

Amigos sem dilatarmos
vamos ver o que convém
que chegou o nosso resgate
vamos vê-lo a Belém.

Roque

Pois se vós estais bem certos 3110

3087 *ouvi*. Em B: *vi*.

3106. *dilatarmos*. Em C: *demorar-nos*.

3109. *vamos vê-lo a Belém*. Em C: *nascido em Belém*.

naquela voz que soou
encerrai o vosso gado
ide andando que eu já vou.

Felino

Não é jogo de rapazes
só tem mais que dizer 3115
nós havemos ir todos
e levarmos que comer.

Lucas

Tomai meu duro conselho
no que havemos de obrar
este menino é Rei 3120
com ele não à que brincar.

Justo

Cuide cada um de nós
no que lhe há-de levar
que só das nossas visitas
pouco se lhe há-de dar. 3125

Roque

Vamos por nosso caminho
como assim nos convém
se virmos que ele precisa 59a
compra-se lá em Belém.

Felino

Eu também amigo Roque 3130
sou desse parecer
que levemos pão e carne
e vinho para beber.

(Cantam os Anjos)

Lucas

Vamos lá companheiros
com fervorosa atenção 3135

3125. *pouco se lhe há-de dar*. Em C: *pouco se deve importar*.

3135. *com fervorosa atenção*. Em C: *com a nossa devoção*.

oferecer-lhe nossas almas
com vida e coração.

(Vão andando e diz justo)

Dizei-me que pode ser
eu estou louco de contente
que um singular prazer
nos mova assim de repente.

3140

(Cantam os Anjos)

Roque

Vejo a sombra causando
não sei que cousa é esta
parece que vem baixando
toda a esfera celeste.

3145

Felino

Meus amigos, companheiros,
a noute parece dia
parece que estão saltando
as estrelas de alegria

Lucas

(Cantam os anjos)

Ora vede e escutai
parece coisas do Céu
pois me parece que estão cantando
glória in Excelsis Deo

3150

(Cantam os pastores)

Justo

Tu duvidas tu não vês
a lapinha ao redor
toda cercada d'anjos
viste cousa de mais primor?

3155

59b

3142. *vejo a sombra causando.* Em B: *vejo a Senhora cansada*; C: *vejo a Senhora causando.*

3150. *Ora vede e escutai.* Em C: *Meus amigos escutai.*

3153. *glória in excelsis Deo.* Em B: *glória in Excelsis Deus*; C: *glória euxelces dos a Deus.*

Roque

Vamos lá amigos meus
vamos à sua presença
e cada um de nós outros
lhe pedirá a sua bênção

3160

Felino

Não poderemos falar-lhe
sem petição bem notada
pois é Rei do Céu e terra
e nós não somos nada.

3165

Lucas

Não tendes que temer
a providência há-de dar-nos
se não erra o Anjo
da sua pátria falar-nos.

(Cantam os anjos)

Justo

Oh! meu Deus, oh! meu amor
meu menino vós por cá
deixais por trevas e luz
e quanto bem no Céu há.

3170

Roque

Isto bem mostrado está
ser fineza superior
vós deitados nessas palhinhas
para livrar o pecador.

3175

Felino

Pois se assim o quereis
faça-se a Vossa vontade
mas d'aquele que sabeis
peço tenhais piedade.

3180

Lucas

3170. *amor*. Em B: *Senhor*.

3177. *livrar*. Em C: *salvar*.

Eu também peço, Senhor
que me sejam perdoados
tudo por Vosso amor
os meus enormes pecados.

3185

60a

Com viva e pura dor
fazei que sejam chorados
que por Vosso amor faço
meu coração em bocados.

(Oferece Justo)

Meu amor e meu menino
tremo por nada trazer
pelo que trago ser nada
para um rei oferecer.

3190

Estes figuinhos e passas
aceitai-as que é cousa boa
quereis crer que nem estes tinha
que mas deu uma pastora.

3195

Ficai-vos meu bem nascido
amor do meu coração
não vos esqueceis na morte
de me dar a salvação.

3200

Roque

Oh! meu amante soberano
sendo vós tão delicado
sofrestes essa cama
para nos livrar do pecado.

3205

Eu sou o pastor mais pobre
não tenho que ir comendo
dai-me nesta vida pão
e a salvação em morrendo.

3186. *viva.* Em B: *vista.*

3189. *bocados.* Em C: *pedaços.*

3197. *pastora.* Em C: *pessoa.*

3198. *nascido.* Em B: *merecido.*

3203. *sendo vós tão delicado.* Em C: *de nós tende tanto cuidado.*

3204. *sofrestes essa cama.* Em B: *quisestes nascer nessas palhas*; C: *sofreis tanto nessa cama.*

3207. *não tenho que ir comendo.* Em B: *só tenho sopa para ir comendo.*

Como vos vejo muito pobre bem sei que sou confiado aceitai este triguinho que ainda hoje foi comprado.	3210	60b
---	------	-----

Adeus, meu Verbo Divino ficai-vos meu Redentor favorecei a minha alma por vosso Santo Amor.	3215
--	------

Felino

Quem vos pôs nessa miséria ricos olhos, bela flor bem sei que são meus pecados meu menino, meu amor.	3220
---	------

Oh! quem tivesse riqueza para vos oferecer pois me quereis dar tudo sem eu vos o merecer.	3225
--	------

Aceitai estes figuinhos
mais nada me acompanha
que para os colher à unha
vali-me de minha manha.

Mas quero-vos pedir que os aceiteis Senhor como dádiva de pobre que só é mostra d'amor.	3230
--	------

Lucas

Vós, Senhor, bem o sabeis que só venho por vos ver dádivas não as tenho para vos oferecer.	3235
---	------

Bem sabeis e conheceis aquele pobre pastor Lucas se o gado me não pelar dar-vos-ei lã para umas luvas.	3240	61a
---	------	-----

3238 – 3241. Em C: Ø.

3240. *pelar*. Em B: *faltar*.

Eu sou muito pobrezinho
mas não sou engaranhado
como estes companheiros
que têm um formoso gado

3245

E vêm-se cá pintar pobres
para que os façais ricos
mas Vós que os conheceis
podeis-lhe mandar os mínimos .

Como na vossa mão está
o dar-me a salvação
já eu a tenho por certa
amor do meu coração.

3250

Fim

3242 – 3245. Em C: Ø.

3245. *formoso*. Em B: *famoso*.

3246 - 3249. Em C: Ø.

3249. *podeis-lhe mandar os mínimos*. Em B: *perdoai-lhes mandar os meninos*.

Entrada dos Reis Magos que dão sinal de corneta

(Herodes diz para o Condestável)

Eu ouvi uma corneta que será isto? Vai ver. Se houver novidades vem-me logo a dizer.	3255	64a
---	------	-----

Gaspar

Céus! Que vejo, que admiro! Que glória! Que portento! Precioso mistério de grande contentamento.	3260
---	------

Serás tu porventura a estrela que anuncia o tempo completo da mesma profecia?	3265
--	------

Belchior

Pasmado estou confuso
cheio da mesma acção
por ver tudo em volta
dentro da nação.

Que venha vossa majestade de tão alto nascimento que a vossa linha quer ao vosso depoimento.	3270
---	------

Gaspar

Eu sou o Rei Gaspar dos sábios o primeiro que venho oferecer-me para vosso companheiro.	3275	64b
--	------	-----

Belchior

3258 – 3261. Em B: repete esta quadra e está referenciada com o número 786 (Veja-se anexo B)

3265 (....) (....) 3266. C apresenta os versos 3302 a 3309. Tendo em conta a sequência do diálogo entre os dois reis magos, verificamos que estes versos não se encontram em ordem. A fala de Belchior corrobora a nossa posição: *Nós havíamos ser três/ vejamos isto primeiro/ portanto ainda nos falta/ outro nosso companheiro.*

Nós havíamos ser três
vejamos isto primeiro
portanto ainda nos falta
outro nosso companheiro. 3280

Baltazar

Vós por aqui
Reis e coroados
vosso pensamento qual és
onde ides guiados. 3285

Belchior

Quanto gasteis de encomenda
Rei Gaspar neste caminho
para discernir convosco
sinais deste destino.

Gaspar

Esse é o meu desejo 3290
Belchior rei invicto
pois também tais novidades
trazem meu peito aflito.

Baltazar

Louvo mi Deus
me descubra el segredo 3295
onde nasceu o minino
que anuncia el estremo.

Gaspar

Baltazar diz muito bem
porque a estrela que nos guia

3281. O Texto A apresenta irregularidades na ordenação da sequência lógica das quadras. O Texto B, a partir do verso 3281 da edição crítica, insere os versos 3310 a 3419 incorrectamente.

3282 - 3285. Em B e C: Ø.

3286. *Quanto gasteis de encomenda.* Em B: *Quanto gostei de encontrar.*

3286 – 3289. Em C: Ø.

3290 – 3293. Em C: Ø.

3294 – 3297. Em C: Ø.

3294. A fala do Rei Baltazar arremeda o Espanhol. Em B: no início da representação do Rei Baltazar ignora este idioma.

3298 – 3301. Em C: Ø.

mostra o tempo completo
que assegura a profecia. 3300

Belchior

Pois que a estrela nos mostra
o caminho desta dita 65a
não percamos a viagem
que Deus tal não permita. 3305

Baltazar

Vamos res e camarraras
ofecer ao Méssias
oro plata y mira
de nostra monarchia.

(Condestável do rei Herodes)

Ali estão nove cavalheiros 3310
e três deles são coroados
são monarcas estrangeiros
muito bem civilizados.

Todos cheios de pendência
com uniforme decente 3315
no seu trajo parecem
Monarcas do Oriente.

Um dos três reis é preto
e dois pajens também
que na mesma sociedade 3320
juntos aos outros vem .

De forma que todos juntos
fazem a conta de nove
porque seis deles são pajens
e os outros três são Reis. 3325

Herodes

Que venham à minha presença
pois desejo falar-lhes
não seja alguma entrega

3302 – 3305. Em C: Ø.

3314. *pendência*. Em B: *prendas*.

3321. *bem*. Em C *vem*.

que eles me queiram forjar.

Condestável

Sua real embaixada depressa lha vou dar	3330	65b
--	------	-----

(Vai ao encontro dos reis)

Ó ilustres cavalheiros que monarcas pareceis ser ouvi a minha embaixada que el-rei vos manda dizer.	3335
--	------

Sabei que estais em Judá
Reino forte sem segundo
o mais rico de todos
entre os mais reinos do mundo .

Nosso grande Rei Herodes com [quem] venho de falar sabendo da vossa vinda vos manda cumprimentar .	3340
---	------

Devemos ter grande gosto em que vós o visiteis e com ele a conversar neste caminho seguireis.	3345
--	------

Para entrar no palácio já eu vos trago licença vinde pois que eu vos conduzo à sua real presença.	3350
--	------

(Entrada do Rei Herodes)

Que é isto? Ai de mim
Que luminaria ardente

3328. *alguma entrega.* Em B: *algum estrangeiro.*

3337. *Reino forte sem segundo.* Em B: *no Norte bem seguro.*

3339. *entre os mais reinos do mundo.* Em B: *entre os Reis do Mundo.*

3339. *reinos.* Em C: *ricos.*

3343. *vos manda cumprimentar.* Em D4: *vos venho cumprimentar.*

3344. *Devemos.* Em B: *Prevemos.*

3348. *Para entrar.* Em D4: *Para entrades.*

3352 - 3355. Em B: Ø.

Pois nunca os meus olhos viram Estrela tão brilhante.	3355	
Oh! que horrorosa pena e infernal afeição é esta que me aflige e me queima o coração.		63a
Ai de mim que me vejo abrasado e perdido em um fogo voraz que me leva consumido.	3360	
Ai de mim que já vejo todos os emolumentos tirados contra mim anuncia o luzeiro privar-me do meu reinado.	3365	
Pois esse novo luzeiro que hoje apareceu no mundo faz-me bem desconfiar não me queiram roubar tudo.	3370	
Pois no mundo nunca houve a este outro semelhante pois para todo o orbe dá claridade bastante.	3375	
Ai de mim se será já cumprida a profecia daquele prometido Messias que mando prometia.		
Valoroso capitão que Israel governará chamado ele Messias que o mundo prometia .	3380	
Olá! Olá se acaso		63b

3353. *ardente*. Em C: *ardante*.

3362. Em A: *aboraz*; C: *ardente*.

3364. *Ai de mim que me vejo todo*. Em C: *Ai de mim que já vejo todos..*

3371. *não me queiram roubar tudo*. Em C: *que me querem lançar ao fundo*.

3379. *mando*. Em B: *o mundo*.

3380 - 3383. Em C: Ø

3383. *prometia*. Em B: *aguardará*.

sendo eu rei esforçado
nascerá em meu domínio
quem me tire o meu reinado?

3385

Pasmado vivo confuso
o fogo lenta o meu coração
converte-se em chamas de fogo
antes que a vida acabe.

3390

Esses sábios letrados
a quem tenho consultado
eles asseguram que Messias
é tempo de ter chegado

3395

Mas que posso eu temer
se ele é dos meus vassalos
não me pode ainda que queira
usurpar o meu reinado.

Contra o meu forte braço
qual será o atrevido
sem temer que o abata
e o deixe destruído.

3400

Quem seria ou será
que no meu sólio real
sem ser da minha vontade
se atreverá a entrar.

3405

Nada se me pode opor
e para disto me tirar
vou já tomar vingança
sem que me possa estorvar.

3410

Pois sendo ele já nascido.

64a

3385. *esforçado*. Em B: *afamado*.

3386. *domínio*. Em B: *reino*.

3389. *lenta*. Em B: *levanta-me*.

3391. *antes que a vida acabe*. Em C: *antes que eu morra e deixe a nação*.

3396. *temer*. Em B: *dizer*.

3402. *abata*. Em C: *mate*.

3404. *quem seria ou será*. Em C: *quem será o atrevido*.

3405. *que no meu sólio real*. Em C: *que no meu mundo queira entrar*.

3406. *sem ser da minha vontade*. Em C: *contra a minha vontade*.

3407. *se atreverá a entrar*. Em C: *para nele querer reinar?*

não me pode escapar
para o que já ordeno
os meninos degolar. 3415

De dois anos para trás
morrerão todos por lei
para me vingar d'aquele
que dizem que há-de ser Rei.

Olá! Que é isto agora? 3420 66a
Quem nos vem cometendo
isto é cousa de novo
segundo o que vou vendo.

Suspendei os vossos passos
não moveis daí um pé 3425
sem me dizerdes primeiro
cada um de vós quem é.

Gaspar

Duquíssimo soberano
portento Rei de Judá
às suas ordens estamos 3430
o que pretende dirá.

Sim, vos diremos quem somos
se é da vossa vontade
pois conheçamos em vós
sinais de majestade. 3435

Somos lá do Oriente
estes três poderosos reis
vamos ver outro monarca
que é Rei de todos os reis.

Ansiosos o buscamos 3440
para o adorar e ver
que dizem à poucos dias

3419 - 3420. B: repete os versos 3254 a 3265 da edição crítica.

3426. *sem me dizerdes primeiro.* Em D4: *têm primeiro de me dizer.*

3427. *cada um de vós quem é.* Em D4: *cada qual de vós quem é.*

3428. *Duquíssimo.* Em C: *Digníssimo.*

3429. *portento.* Em B: *potente.*

3434. *pois conheçamos em vós.* Em D4: *se em si reconhecemos.*

3438. *vamos ver outro monarca.* Em D4: *em procura de outro monarca.*

em Belém fora nascer.

Belchior

Rendido aos vossos pés
vos imploramos perdão
que nos deixeis ir em paz
onde é a nossa intenção. 3445

Herodes

Já poucas milhas vos faltam
mas quero-vos procurar
quem vos deu a confiança
de no meu reino entrar. 3450 66b

Belchior

Nós viemos do Oriente
por uma estrela guiados
visitar o Rei dos reis
destruidor dos pecados. 3455

Baltazar

Sicero acizo bilhor
arribatero ribarero
se noso no nelle nesa
nesa outro camurrara.

Noso tamem ser res
bem poderosos e soberanos
pêro no és palavra
tirar curto que és camino. 3460

Gaspar

Já se em todo o mundo
e no Oriente também
que nascera um grande Rei
na cidade de Belém. 3465

Saiba vossa majestade
que é fora do arvoredado
a nossa fiel companhia
nos espera em segredo. 3470

3449. *mas quero-vos procurar.* Em C: *Mas quero-vos perguntar*

Baltazar

Certo meu aroso
Qui noso é o destino
Qui nos deixeis pasá
Para ir ber el niño.

3475

Herodes

Embaraçar-vos não pretendo
nem quero despersuadir
vossos intentos sinceros
que ides discernir.

67a

Mas eu, sim, me admiro
de a estrela se esconder
aos meus e vossos olhos
sem já mais aparecer.

3480

Por isso eu duvido
se deixareis de ser comidos
dessas grandes feras
que no monte estão escondidas.

3485

Belchior

Não há que temer esses brutos
lá do alto império
nós vamos já contra eles
pelo nosso segredo.

3490

Herodes

Segui vossa jornada
Pois esse é o meu desejo
Que eu vos ofereço o meu reino,
Cidades e aldeias, vereis o menino
Esse é o meu desejo.

3495

Depois de o achar por aqui
haveis de voltar
dizer-me onde está
para eu o adorar.

3500

3481. *esconder.* Em B: *acender.*

3485. *deixareis.* Em C: *deixareis de ser.*

3496. Em C: Ø.

Baltazar

Por certo meu aroso
qui nós havemos voltar
a tracer la notícia
qui por nós lá pasar.

Herodes

Ai de mim que já mandei
os meninos degolar
agora ainda me afirmam
que esse há-de ficar.

3505

67b

Anunciam os mais reis
que devo ter obediência
que me vem tirar a vida
sem a mais leva de tença.

3510

Vamos lá, ó meus vassalos
 façamos esta partida
antes que seja maior
vamos-lhe tirar a vida.

3515

Anjo

Ó Gaspar! ó Belchior!
Baltazar reis coroados
que vindes do Oriente
por uma estrela guiados.

3520

Não passeis mais adiante
que aqui está quem buscais
o Rei de todos os reis
num presépio d'animais.

Entregai vossos cavalos
aos criados que trazeis
vinde já sem demora
adorar o Rei dos reis.

3525

Assentai-vos nesse trono
por mim preparadinho

3530

3512. *de tença.* Em C: *sentença.*

3524. *d'animais.* Em C: *encontrais.*

3529. *nesse trono.* Em B: *sossegados.*

3530. *preparadinho.* Em C: *bem preparado.*

para descansar um pouco
das fadigas do caminho .

Assentai-vos sossegados
um pouco a descansar
enquanto eu vos declaro
como o haveis adorar.

3535

68a

Vós nascestes em palácio
adornado com grandeza
achareis o vosso rei
nascido em tanta pobreza.

3540

A cabana é pequena
não cabeis todos três
ide adorar o menino
cada um por sua vez.

(Oferece o Rei Gaspar)

Alto Rei Senhor supremo
sempre obrar infalível
em que o humano discurso
nos mostrais imperceptível.

3545

Homem que Deus juntamente
a fé nos patenteais
sofrendo o rigor do tempo
nesse presépio estais.

3550

Assim que tive notícia
do vosso feliz nascimento
logo minha alma se encheu
de grande contentamento.

3555

Vós sois o penhor seguro
de nossas felicidades
para que eu logre venturas
sofreis vós calamidades.

3560

Aceitai meu Deus menino
desta diminuta mão
esta pequena oferta
mas grande no coração.

68b

3532. *do caminho*. Em C: *encaminhados*.

3557. *penhor*. Em C: *Senhor*.

O meu desejo era dar-vos um preço tão importante que fosse superlativo ao mais rico diamante.	3565	
Eu Vos ofereço ouro inspirado pelo Céu desde já Vos reconheço sereis o Rei dos Judeus.	3570	
(Oferece Belchior)		
Aqui vos vem visitar ó meu Rei Onnipotente o vosso servo indigno que governa o Oriente.	3575	
Sinto ver-vos pobrezinho em lugar tão desprezado bem conheço ser ministro para nos livrar do pecado.	3580	
Peço Senhor me aceiteis pois que vós tudo me dais o resto dos meus tesouros que é o maior dos mortais.		
Eu tudo vos quero dar mas quero em recompensa depois de acabar a vida ver-me na vossa presença.	3585	
Eu vos ofereço incenso que subirá até ao Céu e por tal vos reconheço sereis o verdadeiro Deus.	3590	69a
(Oferece o Rei Baltazar)		
Salindo yo del Oriente trece dias de camino guiado por una estrela em busca de Díos minino.	3595	

3566. *preço*. Em C: *prenda*.

3567. *superlativo*. Em B: *suplantado*; C: *muito superior*.

3579. *ministro*. Em B: *mistério*.

Encontré más compañeros
ao juntar los trez caminos
después el rei aroso
ainda nos tubo impendidos.

3600

Yo! vos ofereço myrro
que é tesoro dos mortais
reconheço Diós e hombre
entre estes animales.

Adiós mi rei e Senhó
vou alegre e contente
Publicá a vossa vinda
nas terras del Oriente.

3605

(Aqui vem o Anjo com doces e vinho para os reis)

Trago-vos esta refeição
em sinal de agradecimento
que por Deus foi enviado
para vosso alimento.

3610

Vós sois servidos à mesa
por um anjo enviado
e vós servireis também
cada um os vossos criados.

3615

69b

Gaspar

Por um anjo do senhor
fomos servidos à mesa
pedimos ao mesmo
que seja nossa defesa .

3620

(Montam-se a cavalo em direcção a Herodes e aparece-lhes [o])

Anjo

*Sou do Céu um anjo trono
Por Deus venho mandado
Dizer-vos que não sigais
Aquele cruel tentado.*

*Ide em paz e não volteis
Àquela cidade ingrata*

3625

3620. *defesa*. Em C: *fineza*.

3621 – 3633. Em A, B, D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7 e D8: Ø.

*Que das ideias mais cruéis
É do que Herodes só trata.*

*A promessa que fizestes
Ao Rei Herodes maligno
Manda Deus que não se cumpra
Por ser falso ao Deus menino.*

3630

*E se vós não cumprirdes
As ordens do Padre Eterno
Sereis para sempre condenados
Às penas do Inferno.*

3635

Em 4 de Maio de 1924, fez-se esta comédia a qual ficou muito bem representada.

Relação das figuras:

Antônio Manuel Preto
Frutuoso Augusto Calvo
Antônio Manuel Malhado
Antônio José Guerra
Adriano Joaquim Preto
Lázaro Alves
Francisco Pires
Francisco Manuel Parra (Remédios)
Antônio dos santos Ovelheiro (Filho)
Ernesto Pinto
Francisco da Ferreira
José Vitorino Alves
Albino Casimiro
José Fitas
Antônio Bento
Martinho Bárrios
José Antônio Cangueiro
Manuel Antônio Guerra
Antônio dos Santos
José Vitorino Malhado(Ferreiro)
Manuel João Casimiro
Alípio Carreiro
Miguel dos Reis Jacob
Antônio Morete
Francisco Marcos
***** Antônio Monteiro
****Bárrios
Francisco Manuel Fernandes
Manuel Santos
Antônio Casimiro
Francisco Inácio Calvo
Serafim dos Anjos Gonçalves
Frutuoso Augusto Calvo
Francisco Pinto
Anibal Fernandes
Antônio dos Santos
Manuel José Curralo
Manuel Fernandes
Ernesto Pinto
Gonçalo Meleiro
Salustiano Augusto Ovelheiro

Anjo
Profeta
Adão
Eva
Caim
Set
Abel
Lameque
Lusbel
Inveja
Vulcano
Silvestre
Narciso
Júlia
Rebeca
Beliza
Simeão
Nª Senhora
S. José
Pascoal
Bato
S. Isabel
Zacarias
Jorge
Jacob
Lucas
Justo
Roque
Felino
(Lucas)
Rei Herodes
Embaixador
Rei Gaspar
Rei Belchior
Rei Baltazar
V. do Rei Gaspar
V. do Rei Baltazar
V. do Rei Baltazar
V. do Rei Belchior
Padre Eterno
Pregoeiro

Esta comédia é muito exemplar, está fundada na história sagrada e é tanto que durante a representação assistiram alguns padres. Deu-se um grande barulho causado pelos de Brunhosinho ao meio da comédia. A Guarda Nacional Republicana de Cavalaria de Miranda do Douro e a de Infantaria de Bemposta acabaram com o barulho de imediato. Depois, no fim, quando os ocupados estavam a jantar os ditos acima com desafios de barra com o Jorge de Vila Chã pegaram-lhe à pancada, estando a Guarda também a jantar. Chegaram quatro ou cinco de Urrós e resistiram com os de Brunhosinho e quando a guarda veio já um dos de Brunhosinho tinha sete buracos na cabeça, sendo necessário a vinda do médico de Miranda.

Eu que isto presenciei sendo eu regente da comédia.

Urrós 4 de Maio de 1924.

Todo este livro é por minha mão.

Salustiano Augusto Ovelheiro

Capítulo IV – Conclusão

Terminada a abordagem a que nos propusemos, formulemos neste momento uma conclusão a partir da investigação efectuada e teçamos as considerações que nos parecem evidentes acerca do Teatro Popular Transmontano e em concreto à aldeia de Urrós.

É certo que esta região, virtualmente capaz de assegurar a manutenção da sua literatura popular, e, com ela, todo o caudal de saberes e valores que lhes estão associados (PARAFITA 1999: 57), possuiu factores naturais específicos que mantiveram grande parte das suas aldeias e freguesias quase impermeáveis, durante mais de metade deste século às grandes inovações e culturas. A magia, a crença e o fascínio do seu território, que esconde os encantos e os mistérios nas fontes e rochedos, fizeram com que este espaço geográfico ficasse alheio à penetração de ideias e, conseqüentemente, preservasse o seu saber. Como demonstra Miguel Torga, este pedaço de terra “fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecíveis” (1957:27). Na verdade, o isolamento preservou o que há de mais genuíno, de mais endogâmico, aquilo que mais resulta da sua dinâmica estritamente interna.

Em primeiro lugar, constatámos que este saber, muito presente em algumas aldeias, foi perpetuado de geração em geração, devido à existência de “poetas menores” denominados Regrantes, veículos comunicacionais e elementos de coesão e de identidade regional, que guardavam a chave da tradição e eram os impulsionadores destas práticas levadas a cabo em determinadas épocas do ano, dependendo de aldeia para aldeia. No caso concreto de Urrós, verificámos que Maio era o mês preferido pela população para levar a cabo a difícil tarefa da representação do *Auto da Criação do Mundo ou Principio do Mundo*. Segundo a nossa opinião, festejar a Natividade em Maio, em detrimento do usual mês de Dezembro, é justificada por um desejo de fazer coincidir os festejos de Maria com a plenitude da Primavera - possibilitando uma ornamentação floral de todo o palco do Auto -, em que a ideologia cristã parece evocar os mitos ancestrais de Ceres; tal como a natureza se encontra no seu apogeu de florescência, também a Humanidade se encontra no mesmo estádio pelo Nascimento do Filho de Deus feito Homem.

Se todo o acto criador, incluindo a produção cultural, aparece diferenciado de aldeia para aldeia - “cada roca tem seu fuso e cada aldeia tem seu uso” -, o texto da aldeia de Urrós, em comparação com outros textos produzidos em outras aldeias de Trás-os-Montes onde se versejou a temática *da Criação do Mundo*, apresenta-se com maior elaboração estrutural.

Parece-nos que Salustiano Augusto Ovelheiro, devido à sua predisposição natural em versejar sobre factos quotidianos, terá tido uma participação muito activa na construção de quadras e no arranjo desta obra teatral, muito embora admitimos também que possa ter tido acesso a um texto base mais antigo, de proveniência desconhecida, que lhe terá servido de suporte e que, com o passar dos tempos e a prática adquirida, terá “arranjado à sua maneira”, criando desta forma um texto mais coeso, que adquiriu o “selo” da originalidade. Presumimos que este texto tenha servido como ponto de apoio a representações em aldeias de outros concelhos de Trás-os-Montes, devido às similitudes apresentadas, quer a nível estrutural, quer a nível de vocabulário. Verifica-se ainda que as variantes textuais entre aldeias adquirem formas e conteúdos específicos consoante o seu regente, colocando a questão sempre presente da existência de uma Autoria ou de uma Co-autoria.

O acto criador de Salustiano Augusto Ovelheiro sai reforçado pelo testemunho das pessoas da aldeia de Urrós, que o reconhecem como tendo sido “o principal” na elaboração de histórias baseadas em actos verídicos propagadas pelas aldeias em redor e em feiras, pela construção e orientação do texto e dos ensaios que “vinha já dos seus familiares” e pela presença de argumentos credíveis que se situam no texto. Uma das provas encontra-se na página 18a, onde se inscreve a frase “Eu regente desta obra, Salustiano Augusto Ovelheiro, Urrós, 4 de Maio de 1924”, e na página 69b, “Eu que isto presenciei, sendo eu regente da comédia; Urrós, 4 de Maio de 1924: Todo este livro é por minha mão, Salustiano Augusto Ovelheiro”. A par das dúvidas que possam vir a surgir relativamente à autoria ou co-autoria, não podemos esquecer toda a originalidade inculcada nesta obra pela sua mão, tal como nos é demonstrado pelo grafismo cenográfico de 1924, atribuído à sua pessoa.

Em segundo lugar, evidencia-se a estrutura formal do espectáculo. Os relatos recolhidos permitiram-nos concluir que se tratava de um marco cultural incontornável na aldeia de Urrós, não só pela sua grandiosidade - acorriam cerca de cinco mil pessoas vindas das aldeias limítrofes, que assistiam a uma representação de quase sete horas ininterruptas -, como também pelo rigor espectacular com que era apresentado em palco. Um dos exemplos encontramos-lo junto do Paraíso, muito próximo da Árvore da Vida, onde se construía um mecanismo, assemelhando-se a uma cascata, que permitia fazer jorrar água ⁽⁷⁴⁾. Tudo porque a Tradição assim o exigia.

Tendo em conta as razões apresentadas, deduzimos que o espírito criativo, artístico e cultural do texto foi transportado pela memória das pessoas para outras aldeias de Trás-os-Montes, originando outras versões e proporcionando outras representações, por vezes mais extensas, adquirindo particularidades específicas de cada terra. O texto representado na aldeia de Santo António de Monfortes, concelho de Chaves, apesar de seguir até certo momento as linhas estruturais do texto de Urrós, diverge no episódio da Adoração do Menino, onde são introduzidas novas personagens, além de duas pastoradas, sendo uma delas uma galega, cuja introdução se deve ao facto de esta aldeia se encontrar perto da fronteira da Galiza.

Conscientes da fragilidade do suporte da memória, foi nossa pretensão preservar em registo escrito o possível roteiro teatral, que serviu de base às representações de 1924 e 1949, em Urrós e reservando para um estudo posterior a apresentação das versões recolhidas, dada a extensa matéria de estudo que esta área nos reserva. O reconhecimento deste texto de literatura popular de tradição oral, como veículo de transmissão de saberes e valores, foi uma constante neste trabalho a par de aprofundar a investigação sobre a memória oral do povo transmontano e reconhecê-la como campo de investigação

⁷⁴ Segundo Fernando Augusto Alves era colocado um barril cheio de água num ponto elevado de onde caía água para outro recipiente colocado em baixo, ambos disfarçados com arbustos.

multidisciplinar. É certo que outros estudos se impõem, tais como o estudo de componentes não-verbais, para conceptualizar e aprofundar a análise deste domínio ou desta representação.

Bibliografia

1. Bibliografia Activa:

- 1.1. O manuscrito de Salustiano Augusto Ovelheiro (1924) (Texto A).
- 1.2. A versão dactilografada de Manuel Francisco Fernandes (1989) (Texto B)
- 1.3. A versão manuscrita de José Francisco Ferreira (1971) (Texto C)

2. Bibliografia Crítica:

ABELHO, Azinhal

- 1949 “Roteiro Lírico do Alentejo – Teatro Rural”, em *Mensário das Casas do Povo*, Lisboa, Ano V, nº 54, Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.
- 1968 *Teatro Popular Português – Trás-os-Montes*, Tomo I, Religioso, Braga, Editora Pax.
- 1969 *Teatro Popular Português – Trás-os-Montes*, Tomo II – Mítico - Jocosos, Braga, Editora Pax.
- 1970 *Teatro Popular Português – Entre Douro e Minho*, Tomo III – Do Carolíngio ao Maiato, Braga, Editora Pax.
- 1971 *Teatro Popular Português – Entre Douro e Tejo*, Tomo IV, Braga, Editora Pax.
- 1972 *Teatro Popular Português – Lisboa*, Tomo V, Braga, Editora Pax.
- 1973 *Teatro Popular Português – Ao Sul do Tejo*, Tomo VI, Braga, Editorial Pax.

ALVARELLOS, Lois Carré

- 1963 “Teatro Popular”, *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga* (de 22 a 25 de Junho de 1956), Vol. III, Lisboa, Plano de Formação Social e Corporativa, Col. Biblioteca Social e Corporativa.

ALVES, António Bárbolo

- 2003 “Teatro popular mirandês: autores e representações”, Braga, *ELO – Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, nº 13.

ALMEIDA, Fortunado de

- 1971 *História da Igreja em Portugal*, Porto, Portucalense Editora.

AMARELO, José Miguel Carreira

1993 *O Teatro Popular – Região da Guarda – Pousade*, Vol. I, ed. Marques e Pereira Lda.

1995 *O Teatro Popular – Região da Guarda – Pousade*, Vol. II, ed. Marques e Pereira Lda

ANDRADE, Adriano da Guerra

1999 *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

ANDRADE, António Alberto de (Dir.)

1986 *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, 3º Vol., Lisboa, ed. Resistência.

ARAÚJO, José Rosa de

1955 “Um Auto Desconhecido”, *Mensário das Casas do Povo*, nº 113, Ano X, Novembro, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

ANSELMO, António Joaquim

1916 “Costumes Religiosos Populares: Os Antigos «Autos» e «Procissões»”, *Terra Portuguesa*, Vol. II, Ano I, nº 10 e nº 11 (Novembro e Dezembro), Lisboa, Companhia de Impressão na Tipografia do Anuario Commercial.

1926 *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

AROUCA, João Frederico de Gusmão

2001 *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

AUBAILLY, Jean-Claude

1974 *Le Théâtre Médiéval Profane et Comique*, Paris, Larousse.

BAPTISTA, Augusto

2001 *Floripes Negra*, Coimbra, Cena Lusófona, Associação Portuguesa para o Intercâmbio Teatral, Norprint.

BARATA, José Oliveira

1977 “Entremez sobre o entremez”, separata da Revista *Biblos*, LIII, Coimbra, Faculdade de Letras da

Universidade de Coimbra.

1991 *História do Teatro Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

BAROJA, Júlio Caro

1968 *Ensayo sobre la Literatura de Cordel*, Madrid, Revista de Occidente.

BOIADZHIEV, G. N; DZHIVELEGOV, A; e IGNATOV, S.

1960 *História do Teatro Europeu desde a Idade Média até aos nossos dias*, Vol. I, Lisboa, ed. Prelo; tradução, prefácio, notas e resenha sobre o teatro em Portugal por Rogério Paulo; apêndice de Carlos Villiers.

1962 *História do Teatro Europeu desde a Idade Média até aos nossos dias*, Vol. II, Lisboa, ed. Prelo; tradução, prefácio, notas e resenha sobre o teatro em Portugal por Rogério Paulo; apêndice de Carlos Villiers.

BORQUE, José Maria Díez (Dir.)

1983 *História del Teatro en España I – Edad Media, Siglo XVI e XVII*, Madrid, Taurus Ediciones.

1987 *Los géneros dramáticos en el siglo XVI (El teatro hasta Lope de Vega)*, História Crítica de la Literatura Hispânica, nº 8, Madrid, Taurus.

BATY, Gaston et CHAVANCE, René

1932 *Vie de L'art Théâtral – Des origines a nos jours*, Paris, Librairie Plon Paris, Imprimeurs - Éditeurs.

BERNARDES, António de Oliveira

1918 “Gravura Popular Portuguesa”, *Terra Portuguesa*, Ano III, nº 25 e nº 26 (Agosto e Setembro), Lisboa, Companhia de Impressão do Anuario Commercial.

BONITO, Rebelo

1963 “Do Teatro Popular Maiato”, ACEF *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga* (de 22 a 25 de Junho de 1956), Vol. II, Lisboa, Plano de Formação Social e Corporativa, Col. Biblioteca Social e Corporativa.

BRAGA, Alberto Vieira

1936 “Curiosidades de Guimarães – Teatro Vimaranense”, *Revista de Guimarães*, Volume XLVI, nºs 3-

4 (Julho-Dezembro), Guimarães, Tipografia Minerva Vimaranesense.

- 1937 “Curiosidades de Guimarães – Teatro Vimaranesense”, *Revista de Guimarães* Volume XLVII, nºs 1 - 2 (Janeiro - Junho), Guimarães, Tipografia Minerva Vimaranesense

BRAGA, Teófilo

- 1870a *História do Theatro Portuguez, Vida de Gil Vicente e Sua Escola – Século XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa – Editora.
- 1870b *História do Theatro Portuguez, A Comédia Clássica e as Tragicomédias – Séculos XVI e XVII*, Porto, Imprensa Portuguesa – Editora.
- 1871a *História do Theatro Portuguez, A Baixa Comédia e a Ópera – Século XVIII*, Porto, Imprensa Portuguesa – Editora.
- 1871b *História do Theatro Portuguez, Garrett e os Dramas Românticos – Século XIX*, Porto, Imprensa Portuguesa – Editora.
- 1898 *Gil Vicente e As Origens do Teatro Nacional*, Porto, Livraria Chardron.

BROCHADO, Abílio Augusto da Costa Fernandes

- 1963 “Da Vida Simples do Povo Português”, *ACEF, Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga*, (de 22 a 25 de Junho de 1956), Vol. III, Lisboa, Plano de Formação Social e Corporativa, Col. Biblioteca Social e Corporativa,.

CABRAL, António

- 1990 *Estudos Transmontanos*, nº 4, Instituto Português de Arquivos, Arquivo Distrital de Vila Real, Tipografia Minerva Transmontana.

CARIDAD, Eva Castro

- 1991 *Tropos e Tropários Hispânicos*, Santiago de Compostela, Universidad de S. Compostela.
- 1997 *Teatro Medieval I, El drama litúrgico*, Barcelona, Col. Crítica.
- 2003 “El Arte Escénico en La Edad Média”, *História del Teatro Español – I – De La Edad Media a los Siglos de Oro*, Dir. de Javier Huerta Calvo e Coord. Abraham Madroñal Durán y Héctor Urzaiz Tortajada, Madrid, Gredos.

CARRETER, Fernando Lázaro

- 1965 *Teatro Medieval*, Valência, Editorial Castalia, Col. “Odres Nuevos”.

CIDADE, Hêrmani

1975 *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, Vol. I, Coimbra, Coimbra Editora, 6ª ed.

COELHO, Jacinto Prado (Dir.)

1978 *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, Porto, Livraria Figueirinhas, 3ª ed.

COHEN, Gustave

1951a *Histoire de la mise en scène dans le théâtre religieux français du Moyen-âge*, nouvelle édition revue et argumentée, Paris, Librairie Honoré Champion.

1951b *L'art du moyen âge*, Bibliothèque de Synthèse Historique, Paris, Editions Albin Michel.

CORBIN, Solange

1952 *Essai sur la musique religieuse portugaise au Moyen-âge: 1110-1385*, Paris, Les Belles Lettres, Coll Portugaise/ Institut Français au Portugal.

1960 *La déposition liturgique du Christ au Vendredi - Saint, sa place dans l'histoire des rites et du théâtre religieux*, Paris, Société d'éditions Les Belles Lettres; Lisboa, Livraria Bertrand.

COSTA, Américo (Dir.)

1948 *Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular*, Vol. XI, Porto, Livraria Civilização.

COSTA, António José Dias da Costa

1996 *Teatro dos Concelhos de Vimioso e Miranda do Douro*, Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do Grau de Mestre.

COSTA, Providência

1947 “O problema religioso na obra de Gil Vicente”, *A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal*, 2º ciclo de Conferências promovido pelo “Século” (1ª série), Lisboa, Jornal O Século.

COSTA, Sousa

1916 “Auto de Natal”, *Terra portuguesa*, Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia, Vol. II, Ano I, nº 10 e nº 11 (Novembro e Dezembro), Lisboa, Oficina do Anuário Commercial

1934 *O Primitivo Teatro Português e o Teatro da Nova Rússia*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Col. Biblioteca de Altos Estudos.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Lindley

1998 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, ed João Sá da Costa, 14ª ed.

DAVY, Marie-Madeleine

1965 "Evolution de la Liturgie Chrétienne", *Histoire des Spectacles*, DUMUR, Guy (Dir), Encyclopédie de la Pléiade, Paris, Editions Gallimard.

DIAS, Jaime Lopes

1963 "O Teatro popular na Beira Baixa da Idade Média à Actualidade – Autos Representações e Recreações", ACEF, *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga*, (de 22 a 25 de Junho de 1956), Vol. III, Lisboa, Plano de Formação Social e Corporativa, Col. Biblioteca Social e Corporativa.

DIAS, Pereira

1947 "Dos momos e arremedilhos ao cenário sintético (encenação)", *A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal*, 2º ciclo de Conferências promovido pelo "Século" (1ª série), Lisboa, Jornal o Século.

DIAZ, Joaquin y ALONSO PONGA, José Luís

1983 *Autos de Navidad em León y Castilla*, León, editor Santiago Garcia.

DONOVAN, Richard

1958 *The Liturgical drama in medieval Spain*, Toronto, Pontifical Institute of Medieval Studies.

FERREIRA, Amadeu

2003 "Urrós", *Jornal do Nordeste Transmontano*, 01.04.2003: 5.

FERREIRA, Carlos

2003 *Toponímia, Paisagem e Ambiente uma Abordagem Geotoponímica de Sendim em Terra de Miranda. (Um Estudo de Geografia Rural e Regional)*, Dissertação apresentada à Faculdade de Geografia da Universidade de Salamanca para obtenção do "Grado de Salamanca".

FERREIRA, J. A. Pinto

- 1963 “Procissão de Quinta-feira Santa em Freixo de Numão, Aspecto Religioso e Etnográfico”, ACEF, *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga*, (de 22 a 25 de Junho de 1956), Vol. II, Lisboa, Plano de Formação Social e Corporativa, Col. Biblioteca Social e Corporativa.

FIGUEIREDO, Fidelino

- 1944 *História Literária de Portugal Séculos XII - XX*, Lisboa, Editora Fundo Universal da Cultura.
- 1949 “O teatro primitivo e os descobrimentos”, *A Épica medieval portuguesa*, Boletins da faculdade de filosofia, ciências e letras, Letras nº 6, São Paulo, Universidade de S. Paulo.

FRAGUAS, António

- 1963 “Aportación al Estudio del Teatro Popular em Galicia, La Farsa de Ribadulla”, ACEF, *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore promovido pela Câmara Municipal de Braga*, (de 22 a 25 de Junho de 1956), Vol. II, Lisboa, Plano de Formação Social e Corporativa, Col. Biblioteca Social e Corporativa.

FRECHES, Claude Henri

- 1964 *Le Théâtre Néo-Latin au Portugal (1550-1745)*, Paris, Librairie A.G. Nizet/ Lisboa, Livraria Bertrand.

GASSET, Ortega

- 1947 “Ideia de Teatro – Uma Abreviatura”, *A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal*, 2º ciclo de Conferências promovido pelo “Século”(1ª série), Lisboa, Jornal O Século.

GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra)

- 2002 *Textos de Cariz Profano*, Vol. I, Coimbra, Livraria Almedina.
- 2005 *Textos de Cariz Religioso*, Vol. II, Coimbra, Livraria Almedina.

GUERREIRO, António Machado

- 1975 “Três autos populares no nordeste Trás-os-Montes”, *Língua e Cultura, Revista da Sociedade de Língua Portuguesa*, Vol V, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa.

1990 *São Miguel, Fonte de Teatro Popular*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, Tipografia Alcobacense.

GUERREIRO, M. Viegas

1978 *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve.

GONÇALVES, Valdemar da Assunção

2002 *Teatro Popular Mirandês: Língua e Cultura Mirandesa*, Lisboa, ed Instituto de Desenvolvimento Social.

HAUSER, Arnold

1973 *Teorias da Arte*, trad: de E. F. G. Quintanilha, Lisboa, Col. Biblioteca de textos Universitários, Presença.

HOUAISS, António (Dir)

2002 *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Circulo de Leitores.

2007 *Dicionário Houaiss de Sinónimos e Antónimos*, Lisboa, Circulo de Leitores.

HERELLE, Georges

1923 *La Représentation des Pastorales à sujet tragique*, Etudes sur le théâtre basque, Paris, Librairie Ancienne Honré Champion.

HUET, Charlotte

2004 «La Tradición en un Nuevo Manuscrito Teatral del Ciclo Navideño», *Separata Cadernos para investigación de La Literatura Hispânica*, nº 29, Madrid, Fundación Universitaria Española, Seminário "Menendez Pelayo".

HUIZINGA, Johan

1951 *Homo Ludens, essai sur la fonction sociale du jeu*, Paris, Gallimard.

LACERDA, Aarão

1942 *História da Arte em Portugal*, Vol. I, Porto, ed. Portucalense.

LAPA, Manuel Rodrigues

1982 *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Acta Universitatis Conimbrigensis, Outubro, Coimbra Editores.

LEBEQUE, Raymond

1966 "Persistance, altération, disparition des traditions dramático-religieuses en France", em *Dramaturgie et société, rapports entre l'oeuvre théâtrale, son interprétation et son public aux XVI et XVII siècles*, Nancy, 14-21 avril, études réunis et présentées par Jean Jacquot avec la collaboration d' Elie Konigson et Marcel Odon, Paris, ed. du Centre National de la Recherche Scientifique.

1977 *Etudes sur le théâtre français I (Moyen-âge, Renaissance, Baroque)*, Paris, Editions A-G. Nizet.

LEMOS, José Valentim

1979-80 Le Théâtre Traditionnel Religieux au Portugal (Etudes de Quelques Manifestations), Maitrise d'Études Théâtrales présenté à Institut d' Études Théâtrales, Université de Paris III – Censier Sorbonne Nouvelle.

1982 "Reflexions sur le Costume dans Quelques Manifestations de Théâtre Traditionnel Religieux au Portugal", *Separata Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.

LORCA, Federico García

1966 *Obras Completas*, Madrid, Editorial Aguilar.

MÂLE, Émile

1925 *L'Art religieux de la fin du Moyen-âge em France: étude sur l'iconographie, du Moyen Age et sur ses sources d'inspiration*, Paris, Armand Colin.

MATHIEU, Michel

1970 "Distanciation et émotion dans le théâtre liturgique au Moyen-âge", *Revue d'histoire du théâtre*, Avril/ Juin.

MARÍN, Juan Maria

1990 *La Revolución del Teatro Barroco*, Madrid, ed. Grupo Anaya, Col. Biblioteca Breve.

MARTINS, Firmino António

1928 *Folclore do Concelho de Vinhais*, Vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade.

1929 *Folclore do Concelho de Vinhais*, Vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional.

MARTINS, Mário

1947 “Teatro e Gestas Sagradas”, *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura* Vol XLIV, Fasc. 5, Maio, Lisboa, ed. de Maria Leal Gomes Pereira Cabral.

1950 “Teatro Sagrado na nossa Idade-Média”, *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura*, Vol. L, Fasc. 2, Fevereiro, Lisboa, ed. de Maria Leal Gomes Pereira Cabral.

1951 *Laudes e cantigas espirituais de mestre André Dias*, edição comentada e preparada por Roriz Negrelos, Mosteiro de Singeverga.

1957 *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ªed, Lisboa.

1959a “O Teatro Litúrgico na Idade-Média Peninsular”, *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura* Vol. LXIX, nº 4, Outubro, Lisboa.

1959b “A História do Velho Testamento em Português do Séc XIV”, *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura*, Vol. LXIX, nº 5, Novembro, Lisboa.

1960 “Representações Teatrais, em Lisboa, no ano de 1451”, *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura*, Vol. LXXI, nº 5, Novembro, Lisboa.

1961 “O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga”, *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura*, Vol. LXXIII, nº 1, Julho, Lisboa.

MATTOSO, José

1971 “Eremitas Portugueses no Séc XII”, *História de Portugal*, Vol. IX, Lisboa.

[D.L. 1993] *História de Portugal – A Monarquia Feudal (1096-1480)*, [Lisboa], Editorial Estampa.

MEIRELES, Raimundo de Castro

1989 “A Imagem Quinhentista de Santiago da Sé do Porto”, *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Org: Núcleo de Estudos e Revitalização dos Caminhos Portugueses de Santiago, do Círculo Almeida Garrett, Palácio da Bolsa (10, 11 e 12 de Novembro), Porto, Edições Távola Redonda.

MENDES, Alfredo

1980 “Reis falados de Carviçais em silêncio há 40 anos”, *Diário de Notícias*, 12 de Maio.

MORALES, Humberto Lopes

1939 *Tradición y Creación en los orígenes del teatro castellano*, Madrid, Alcalá.

MORENO, Humberto Baquero

1988 “As peregrinações a Santiago e as relações entre o Norte de Portugal e a Galiza”, *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Org: Núcleo de Estudos e Revitalização dos Caminhos Portugueses de Santiago, do Círculo Almeida Garrett, Palácio da Bolsa (10, 11 e 12 de Novembro), Porto, Edições Távola Redonda.

MORENO, Ángel Gómez

2003 “La Teoria Teatral em la Edad Média”, *História del Teatro Español – I – De La Edad Media a los Siglos de Oro*, Dir. de Javier Huerta Calvo e Coord. de Abraham Madroñal Durán y Héctor Urzaiz Tortajada, Madrid, Gredos.

MOURA, Augusto Soares

2001 *Adão e Eva e o Teatro de Lodes*, Lodes, ed. Associação Desportiva e Cultural de Lodes.

MOURINHO, António Maria

1947a “Oberammergau em Portugal”, *Mensário das Casas do Povo*, nº 12, Ano I, Junho, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

1947b “Oberammergau em Portugal - Continuação”, *Mensário das Casas do Povo*, nº 13, Ano II, Julho, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

1947c “Auto de Inês de Castro”, *Mensário das Casas do Povo*, nº 14, Ano II, Agosto, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

1947d “Natal em Terras de Miranda – A Embaixada”, *Mensário das Casas do Povo*, Ano II, nº 16, Outubro, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

1947e “Natal em Terras de Miranda – Texto Fiel da Embaixada”, *Mensário das Casas do Povo*, Ano II, nº 17, Novembro, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

1947f “Etnografia Histórica”, *Mensário das Casas do Povo*, nº 22, Ano II, Abril, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

- 1951 "O Mistério da Paixão de Oberammergau, outras representações da Paixão e o «Auto da Paixão» de Duas Igrejas", *Mensário das Casas do Povo*, nº 57, Ano V, Março, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.
- 1952 "Teatro para o Povo – nem tudo se perdeu", *Mensário das Casas do Povo*, nº 71, Ano VI, Maio, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.
- 1956a "Teatro Rural em Trás-os Montes", *Mensário das Casas do Povo*, nº 51, Ano XI, Maio, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.
- 1956b "O Facto Folclórico e a Tradição", *Mensário das Casas do Povo*, Ano XI, nº 121, Julho, Lisboa, Impressão Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.
- 1983 *Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*, Vol I, Março, Bragança, ed Escola Tipográfica de Bragança.

MOUSSINAC, León

- S/d *História do Teatro das origens aos nossos dias*, trad. de Mário Jacques, Amadora, Ed. Livraria Bertrand (1ª edição, 1952)

OTERO, Aurélio de Santos

- 2002 *Los Evangelios Apócrifos*, Estudos Introductórios y versión de los textos originales, 2ª impresión, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos.

PALLAZO, É.

- 2000 *La liturgie de L'Occident médiéval autour de l'an mil. État de la question*, Cahiers de Civilisation Médiévale.

PARAFITA, Alexandre

- 1999 *A Comunicação e a Literatura Popular: Um Estudo preliminar sobre a literatura popular de tradição oral em Trás-os-Montes e Alto Douro*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, Col. Plátano Universitária.

PANDOLFI, Vito

- 1967 *Histoire du Théâtre*, Vol. I, Belgique, Verviers : Gerard, Col. Marabout Université.

PELLITERO, Ana María Alvarez

2003 “Desde los Orígenes hasta el Siglo XV” *História del Teatro Español – I – De La Edad Media a los Siglos de Oro*, Dir. de Javier Huerta Calvo e Coord. Abraham Madroñal Durán y Héctor Urzaiz Tortajada, Madrid, Gredos.

PERNOUD, Régine

1965 “Le Théâtre au Moyen Age”, *Histoire des Spectacles*, Encyclopédie de la Pléiade, Paris, Editions Gallimard.

PICCHIO, Luciana Stegagno

1967 *Quatro Lições sobre Teatro Português*, Lisboa, Estudos Italianos em Portugal.

1969 *História do Teatro Português*, Lisboa, ed. Portugália Editores.

PINHO LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa (Dir.)

1882 *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico e Etymológico*, Vol. X, Lisboa, Livr. Mattos Moreira e Cardosos.

PIMPÃO, A. J. Costa

1947 “As correntes dramáticas na literatura portuguesa do séc. XVI”, *A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal*, 2º ciclo de conferências promovido pelo Século (1ª Série), Lisboa, O Século.

PINTO, Ferreira

1950 “A Religião no Folclore Português” *Mensário das Casas do Povo*, nº 51, Ano V, Setembro, Lisboa, Imprensa Oficinas Gráficas da Rádio Renascença.

PINTO, J. Borges

1978a “Teatro Popular Mirandês”, *Vértice*, Vol. XXXVIII, Julho/Agosto, Coimbra, Atlântida Editores.

1978b “Teatro Popular Mirandês II”, *Vértice*, Vol. XXXVIII, Janeiro/Fevereiro, Coimbra, Atlântida Editores.

PINTO CORREIA, João David

1993 “Os Géneros da Literatura Oral e Tradicional: Contributo para a sua Classificação”, Lisboa, *Foco*, revista Internacional de Língua Portuguesa, nº 9.

PONGA, José Luís Alonso

- 1988 *La religiosidad popular navideña en Castilla y León: manifestaciones de carácter dramático*, Valladolid, Junta de Castilla y León, Consejería de Educación Y Cultura.

RÉAU, Louis,

- 1955 *Iconographie de l'art Chrétien*, Paris, Press Universitaire de France.

REBELLO, Luiz Francisco

- 1959 *Teatro Português. Do Romantismo aos nossos dias: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa*, Lisboa, Edição do Autor.
- 1960 *Imagens do Teatro Contemporâneo*, Lisboa, Ática, Col. «Ensaio».
- 1968 *História do Teatro Português*, Lisboa, Europa-América.
- 1977 *O Primitivo Teatro Português*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, Vol. 5.

REVAH, I. S.

- 1948 *Deux Autos de Gil Vicente restitués à leur auteur*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Col. Biblioteca de Altos Estudos.
- 1950 «Gil Vicente a-t-il été le fondateur du théâtre portugais?», *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*, Vol. I, nº 2, Lisbonne, Institut Français au Portugal,
- 1952 «Manifestations théâtrales pré-vicentines: «Momos» de 1500», *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*, Vol. III, Lisbonne, Institut Français au Portugal.
- 1954 «El Teatro de Antonio Prestes», Vol. IV, nº 1, Lisbonne, Institut Français au Portugal.

RIBAS, José Luís Barreiro

- 1997 *La Función Política de los Caminos de Peregrinación en la Europa Medieval – Estudio del Camino de Santiago*, Madrid, Editorial Tecnos.

SAMPAIO, Albino Forjaz

- 1920 *Teatro de Cordel - Subsídios para a História do Teatro Português*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.

SARAIVA, António José

1965 *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, Lisboa, Publicações Europa- América.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar

1985 *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 14ªed.

SARAIVA, José Hermano

1984 *História Concisa de Portugal*, ed. Francisco Lyon de Castro, Lisboa, Publicações Europa América, Col. Saber, 8ª ed.

SAVATER, Fernando

1997 *O Verdadeiro Valor de Educar*, tradução de Michèl Canelas, Lisboa, editorial Presença.

SCHMIDT, Léopold

1964 *Le Théâtre Populaire Européen*, Vol. III, Paris, Editions G.P. Maison neuve et Larousse, coll. Folklore Européen.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos

1947 “Os pátios de comédia e o teatro de cordel”, *A Evolução e o Espírito do Teatro em Portugal*, 2º ciclo de conferências promovidas pelo Jornal O Século, (1ª Série), Lisboa, Jornal O Século.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo

1974 *Os Caminhos Portugueses de Santiago – Séculos XII – XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.

1995 *História de Portugal – Estado, Pátria e Nação (1080 – 1415)*, Vol. I, Lisboa, Editorial Verbo.

SERRÃO, Joel (Dir.)

1986 *Cronologia Geral da História de Portugal*, 5ª ed, Lisboa, Litografia Amorim, col. Livros Horizonte.

SOUTO, José Correia do (Dir.)

1984 *Dicionário de História de Portugal*, Vol V, Lisboa, Zairol, Atlantilivros.

TEYSSIER, Paul.

1997 *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editora Livraria Sá da Costa.

TORGA, Miguel

TOVAR, Joaquim Rúbio

1989 *La Narrativa Medieval: los origenes de la novela*, Madrid, ed Grupo Anaya.

TRAPERO, Maximiano

1982 *La pastorada leonesa. Una pervivencia del teatro medieval*, Madrid, Publicaciones de la Sociedad Española de Musicología.

VAQUERO, Quintin Aldea (Dir.) *et al.*

1973 *Dicionário de Historia Eclesiástica de España*, Vol I e II, Madrid, ed. Instit. Enrique Florez.

VASCONCELOS, José Leite de

1976a *Teatro Popular Português, Tomo I – Religioso*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis (Coordenação e notas de António Machado Guerreiro), Abril, Atlântida Editores.

1976b *Teatro Popular Português, Tomo II – Profano*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis (Coordenação e notas de António Machado Guerreiro), Atlântida Editores.

1979 *Teatro Popular Português, Tomo III – Açores*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis (Coordenação e notas de António Machado Guerreiro), Atlântida Editores.

VICENTE, António Maria Balcão

2002 *Povoamento e Estrutura Administrativa no Espaço Transmontano (séc XII – 1325)*, Dissertação em História Medieval à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do Grau de Doutoramento.

VICENTE, Gil

1965 *Obras de Gil Vicente: Autos – Farsas – Comédias – Tragicomédias – Obras Várias – Contribuições para o conhecimento das obras de Gil Vicente*, Porto, Lello & Irmãos – Editores.

VITERBO. Joaquim de Santa Rosa de

1916 *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, edição crítica de Mário Fiuza, Lisboa, Porto Civilização, 2ªed.

KONIGNSON, Elie

1975 *L'Espace Théâtral Médiéval*, Paris, Éditions du Centre National de La Recherche Scientifique.

WILLIAMS, Edwin Bucher

1891 *Do Latim ao Português*, (trad: António Houaiss, da Academia Brasileira de Letras), Brasil, Ed tempo Brasileiro.